

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE

ELAINE BEATRIZ DE OLIVEIRA SMYL

**MANDA NUDES, BEBÊ:
RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES NA PRÁTICA DO
SEXTING ENTRE ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR**

TESE

CURITIBA
2020

ELAINE BEATRIZ DE OLIVEIRA SMYL

**MANDA NUDES, BEBÊ:
RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES NA PRÁTICA DO
SEXTING ENTRE ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR**

**SENDS NUDES, BABY:
GENDER RELATIONS AND SEXUALITIES IN THE PRACTICE OF SEX AMONG
ADOLESCENTS IN THE SCHOOL ENVIRONMENT**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutora em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marines Ribeiro dos Santos.

CURITIBA
2020



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho, desde que atribuam o devido crédito à autora pela criação original.



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - CAMPUS CURITIBA
SECRETARIA GERAL DO STRICTO SENSU SEDE CENTRO - CT



TERMO DE APROVAÇÃO DE TESE Nº 97

A Tese de Doutorado intitulada "MANDA NUDES, BEBÊ": relações de gênero e sexualidades na prática do sexting, defendida em sessão pública pelo(a) candidato(a) Elaine Beatriz de Oliveira Smyl, no dia 30 de outubro de 2020, foi julgada para a obtenção do título de Doutor em Tecnologia e Sociedade, área de concentração Tecnologia e Sociedade, linha de pesquisa Mediações e Culturas, sob a orientação do (a) Prof(a). Doutor (a) Marinês Ribeiro dos Santos e aprovada em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade.

Prof(a). Dr(a). Marinês Ribeiro dos Santos – UTFPR

Prof(a). Dr(a). Ronaldo de Oliveira Corrêa– UFPR

Prof(a). Dr(a). Bianca Salazar Guizzo – ULBRA

Prof(a). Dr(a). Kátia Maria Kasper – UFPR

Prof(a). Dr(a). Maria Rita de Assis César – UFPR

Este Termo de Aprovação encontra-se na pasta do aluno na Secretaria do Programa, contendo a assinatura da Coordenação realizada após a entrega da versão final, incluindo correções necessárias, permitindo o encaminhamento para análise e publicação no Repositório Institucional.

Assinado eletronicamente por

Coordenador do Programa
Maria Sara de Lima Dias

À minha amada mãe, ao meu amado irmão e ao meu saudoso pai.

À todas aquelas que vieram antes de mim, especialmente à minha avó Ramona e a minha madrinha Dirce.

À todos aqueles que vieram antes de mim, especialmente ao meu avô Jorge e aos meus tios Valter e Jorge.

À minhas tias Doraci e Luci.

Ao meu tio Vanderlei e ao padrinho Valdomiro.

Aos meus primos e primas.

RECORDAR:

Do latim re-cordis, voltar a passar pelo coração¹

Findo esta etapa na primeira lua Cheia de outubro. Voltam a passar pelo coração as palavras, os sorrisos, os querereres, os abraços e os suspiros. Recordar permite revisitar o acumulado esquecido das vivências na nossa mente. Hoje permito que a lembrança seja acordada e aclamada. O choro e o riso brotem sem pudores.

No passar dos dias, meses, semanas e anos fiz parte de uma rede de afetos. Sendo afetada e afetando, nas ações singulares do cotidiano, recebi incentivo, lições de coragem, palavras de acalanto, abraços de companheirismo, olhares de cumplicidade. As pessoas essenciais que tornaram essa etapa muito mais leve, registro aqui minha eterna gratidão

À professora Marines Ribeiro dos Santos, por sua valiosa orientação. Sinto-me honrada pela confiança depositada e pela oportunidade deste aprendizado!

À amiga Patricia Adriane Elias Pisani, por mostrar o caminho e compartilhar a jornada.

À amiga e parceira Maureen Schaffer, por sua imensa generosidade, cumplicidade e amizade.

À minha irmã de coração Ana Paula Palmeiro Pacheco, pelos momentos de encorajamento, colo e comemoração.

Ao meu querido Nei Schimada, por me mostrar a poesia.

À pedagoga Evellyn Ledur da Silva, pela sensibilidade com que acolheu essa pesquisa.

Ao professor Ronaldo Corrêa, por sua escuta amorosa e pelas in aprendizagens.

À professora Maria Rita de Assis César, por ter me presenteado com o tema dessa pesquisa e pelos significativos aprendizados.

Às professoras Bianca Salazar Guizzo e Kátia Maria Kasper, pela generosidade com a qual compartilharam suas ideias, contribuindo enormemente para a construção deste texto.

¹ (GALEANO, 1989, p.15).

Às "manas divas acadêmicas" Ana Caroline de Bassi Padilha, Claudia Zacar e Lindsay Cresto, pelo acolhimento e pela deliciosa convivência.

As queridas "divas acadêmicas" Anna Vörös, Ana França, Caroline Müller, Suelen Caviquiolo e Patrícia Gaspar, por rechearem com amizade meu percurso.

Aos manos do Clã R.S., Lucas Alameda, Takashi Matsuda, Vinícius Miranda de Moraes, por serem os mais "queridinhos".

Às "mutchatchas tecnológicas" Ana Maria Rivera Feliner, Wesley Sasso, Priscila Castel e Michel Alves Ferreira, pelas sessões de terapia coletiva e pelos momentos de luta e glória.

Ao meu amigo Denis Munz, por compartilhar a amizade desde sempre.

Às "falenas" Ana Lucia Penteado Bueno, Celia Jede, Darlane Soffi, Heloisa Maria Nascimento, Priscila Alves dos Anjos e Romina Tempo Martins por onde vou levar vocês comigo.

À minha família, pelo amor incondicional.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar! (GALEANO,1989, p.15).

RESUMO

O termo sexting corresponde à união de duas palavras inglesas, sex (sexo) e texting (envio de mensagens). O sexting consiste em uma prática sociocultural de compartilhamento, recebimento e troca de mensagens escritas, de emojis, de fotos e de vídeos de caráter erótico/sensual/sexual, por meio, especialmente, do telefone celular. Este trabalho pretende discutir o sexting como uma tecnologia de gênero que atua na produção de subjetividades, contribuindo na constituição de masculinidades e feminilidades entre adolescentes de uma escola pública de Curitiba. Os dados analisados foram construídos a partir da narrativa de um grupo de estudantes entre 15 e 18 anos. A escola é o ambiente desta pesquisa, servindo, por muitas vezes, como local em que os materiais referentes ao sexting são produzidos, repassados, visualizados e comentados. As consequências extremas dessa prática também são percebidas na escola, principalmente em relação aos compartilhamentos não consentidos, que ocasionam casos de bullying, violência, xingamentos, entre outros. As narrativas dos/das estudantes indicam que o sexting é atravessado por marcadores de gênero, sexualidade, corpo e geração que podem reforçar as normas hegemônicas. Contudo, essa prática também possibilita a produção de novas representações que contestam as marcações de masculinidades e feminilidades convencionais.

Palavras-chave: sexting; tecnologia de gênero, educação, adolescentes, sexualidade.

ABSTRACT

The term sexting is a blend of two English words, sex and texting. Sexting is the sociocultural practice of sharing, receiving, and exchanging written messages, emojis, photos, and videos of an erotic/sensual/sexual nature, primarily through the cell phone. This paper will discuss sexting as a gendered technology that acts to produce subjectivities, contributing to the creation and expression of masculinities and femininities among adolescents at a public school in Curitiba, Brazil. The data include narratives collected from a group of students between 15 and 18 years of age. As the environment of this study, the school often serves as the location where the materials related to sexting are produced, passed on, viewed, and commented on. The extreme consequences of this practice are also perceived within the school, particularly in terms of non-consensual sharing of material, which leads to cases of bullying, violence, and other aggressions. The students' narratives indicate that sexting intersects with gender signs, sexuality, body type and age group that can reinforce hegemonic norms. However, this practice also makes it possible to produce new representations that challenge the markers of conventional masculinities and femininities.

Keywords: sexting; gender technology, education, adolescents, sexuality.

SUMÁRIO

1 NUDES TEM QUE TER PRELIMINARES	12
2 TEM NUDES NA ESCOLA? TEM SIM, SENHORA!	38
2.1 PRA TER NUDES TEM QUE CONVERSAR.....	38
2.2 EM UMA ESCOLA PERTO DE VOCÊ.....	42
2.3 EU QUE LUTE! – RELATOS DOS GRUPOS FOCAIS.....	44
2.4 MAMADEIRAS DE PIROCA, ESCOLA SEM PARTIDO E IDEOLOGIA DE GÊNERO.....	49
2.5 SÓ TRATAMOS DE SEXUALIDADE QUANDO DÁ TRETA?.....	62
3 VEM DE SEXTING, BEBÊ! O SEXTING COMO TECNOLOGIA E PRÓTESE DE GÊNERO	73
3.1 MIA KHALIFA E OS CORPUS AUTOPORNOGRÁFICOS.....	77
3.2 É NUDES QUE VC QUER? TOMA!	82
3.3 POR ISSO QUE OS MENINOS MENTEM, POR ISSO QUE AS MENINAS USAM MAQUIAGEM.....	87
4 ESPELHO, ESPELHO MEU! COMO ANDA MINHA IMAGEM?	94
4.1 CHAMA NO CONTATINHO!	97
4.2 NÃO É SÓ DE LIKE QUE ESSA BOQUINHA GOSTA.....	103
4.3 DEU MATCH! MANDA NUDES, BEBÊ!	105
4.4 MANDAR NUDES, TRAILER OU SPOILER?	110
5 NÃO ERA AMOR, ERA FAKE NEWS	121
5.1 DONA FLORINDA NÃO CONQUISTOU O PROFESSOR GIRAFALÉS MANDANDO NUDES.....	121
5.2 POR AMOR MANDOU, QUANDO VIU ESPALHOU – COMPARTILHAMENTOS SEM CONSENTIMENTO.....	130
5.3 MEUS NUDES, MINHAS REGRAS - SEXTING, PRÁTICA DE RESISTÊNCIA.....	139
6 #TBT EM QUALQUER DIA DA SEMANA	145
P.S. OU SERÁ PÓS SEXTING?	151
REFERÊNCIAS	154
ANEXO	173
ANEXO 1.....	173
ANEXO 2.....	174
ANEXO 3.....	178

Em uma de suas mais singelas narrativas, Eduardo Galeano em seu Livro dos Abraços, entrelaça com maestria as trivialidades da vida, apresentando a solicitação de Diego ao seu pai para ensiná-lo a “olhar” a vastidão do mar. Diferente do ato de ver em sua função biológica, o olhar é cultivado, aprendido e ensinado em nossas vivências. O olhar se faz na poesia, nas artes, na escola, na fábrica, nas ruas, nas dores e nos amores.

Na divisão de predicados da vida, o meu olhar foi se construindo meio aqui, meio acolá. Nesses sortilégios da vida, eu quis olhar o mundo por meio de outros olhares e me fiz professora.

Em minhas andanças admirei os olhinhos curiosos das crianças em seu primeiro dia de aula. Encontrei com os olhos tímidos daqueles/as que voltavam à escola depois de se tornarem adultos/as. Sonhei com os olhos de esperança que os/as adolescentes possuem. Chorei com os olhos da violência e do medo. Sorri com as vitórias do cotidiano.

Aprendendo com os olhos daqueles/as que encontrava, decidi construir outros saberes sobre o mundo pelos olhares das Ciências Sociais. No mestrado em Educação, fui desvelar as formas de olhar e ser olhado dos/as adolescentes. Ganhei gosto por olhares múltiplos e os caminhos me levaram ao doutorado interdisciplinar em Tecnologia e Sociedade².

E por conta desses olhares, apresento este texto, que fala sobre a travessura dos olhares juvenis, o desejo e o prazer em olhar e ser olhado.

² Cursei Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná - UFPR. Obtive o título de mestra em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. O doutoramento em Tecnologia e Sociedade, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

1 NUDES TEM QUE TER PRELIMINARES

[...] Não te peço muito,
Nunca pedi nada.
Só manda foto pelada.
Cadê os nudes? Tô passando mal
Prometeram teta, mas só tem bilau
Cadê os nudes? Será que foi tudo em vão?
Não tem nude, vou entrar em depressão.
Nudes – 7minutoz³

A presente pesquisa analisa o fenômeno sexting, ou seja, o envio de imagens e mensagens de caráter sexual, mediados por aparelhos celulares entre adolescentes, em situações que a prática envolva o cenário escolar. O termo sexting, junção de *sex* e *texting*, sexo e texto, é usado para este fenômeno que ocorre por meio da troca de mensagens de textos (SMS) sexualmente sugestivas. Com a incorporação das câmeras fotográficas nos celulares, as trocas de mensagens foram sendo substituídas por fotografias e vídeos que retratam corpos nus ou seminus em posições sensuais ou sexuais. O termo sexting foi cunhado em 2005 em um artigo da revista Australian Sunday Telegraph Magazine⁴. O envio e divulgação de conteúdos eróticos, sensuais e sexuais com imagens pessoais pela internet – rede internacional de comunicação – empregando meios eletrônicos, como câmeras fotográficas digitais, webcams, e smartphones, também estão incluídas como componentes dessa prática.

Compreendo o sexting⁵ como uma prática sexual que consiste basicamente no envio, recebimento e compartilhamento de nudes. Podem possuir o formato de

³ Música: NUDES. 7minutoz. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/7-minutoz/nudes.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

⁴ A citação em que a palavra sexting foi utilizada pela primeira vez (31 de julho de 2005): “Following a string of extramarital affairs and several lurid "sexting" episodes, Warne has found himself home alone, with Simone Warne taking their three children and flying the conjugal coop (...). ROBERTS, Yvonne. The one and only. Sunday Telegraph Magazine. Sydney, Australia: News Corp Australia. p. 22, 31 de julho de 2005. Disponível em: <http://research.omicsgroup.org/index.php/Sexting#cite_note-SunTele-3>. Acesso em: 06 jul. 2018.

⁵ Alguns termos relacionados à prática do sexting são da língua inglesa. Foram importados e são encontrados na literatura, tais como o próprio termo *sexting* que consiste na prática em si. Já *sexters* são as pessoas envolvidas com o sexting e pode caracterizar tanto o sujeito que manda quanto o sujeito que recebe as imagens e mensagens. *Sext Senders* refere-se às pessoas que enviam as mensagens. O termo *Porn Revenge* significa a vingança que ocorre em finais de relacionamentos e envolve compartilhar as imagens e mensagens que foram confiadas de forma privada.

imagens ou vídeos, emojis⁶ que retratam corpos nus ou partes do corpo, especialmente seios, nádegas, vulvas e pênis. O termo sexting é pouco divulgado. Popularmente esta prática é conhecida por “enviar nudes”. Por este motivo aplico, durante o texto, a palavra “nudes” para indicar a ação da prática em si e a palavra “sexting” como referência ao fenômeno social.

O termo sexting não é designado apenas para os sujeitos que compartilham seus próprios materiais, mas também quem envia o material alheio é um praticante de sexting. O termo ainda é empregado em outros casos, além da “transmissão por seu autor via celular. Por exemplo, quando a imagem chega ao telefone de outras pessoas e estas, por sua vez, as compartilham, essas pessoas também estariam praticando sexting” (FERNÁNDEZ, 2013, p. 73). Dessa forma, todos/as que compartilham mensagens, fotos e vídeos de conotação sexual, mesmo que seja um material que foi recebido de terceiros/as, pode ser considerado/a um/uma praticante de sexting.

O título desta pesquisa: “Manda nudes, bebê” indica como são solicitadas as imagens ou vídeos não só entre adolescentes, mas também entre adultos. O sexting não possui faixa etária determinada, podendo ser realizado por pessoas de todas as faixas etárias, desde crianças, adolescentes e adultos. (BARROS, 2013, p. 16).

A mediação do sexting é realizada por meio de celulares, computadores, tablets e pelas redes sociais (BARROS, 2014, p. 6). O acesso às mídias digitais é um fenômeno social que atinge pessoas de todas as camadas sociais e etárias. A pesquisa TIC Kids (2017) consiste em um estudo sobre os usos que crianças e adolescentes de 9 a 17 anos de idade fazem da internet, objetivando compreender a percepção de jovens em relação à segurança on-line⁷, bem como delinear as práticas de mediação de pais e responsáveis relacionadas ao uso da internet. O TIC Kids contou com a participação de 3.102 adolescentes e crianças de 9 a 17 anos. A coleta de dados ocorreu entre os meses de novembro de 2017 e maio de 2018⁸. Apresento,

⁶ Os emojis são figuras adicionadas as mensagens eletrônicas e páginas web.

⁷ Optou-se, neste trabalho, pelo uso desta grafia da língua inglesa, visto o termo online ainda não fazer parte do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Será mantida a forma sem hífen apenas quando esta fizer parte de textos de outrem. O mesmo ocorrerá com os termos off-line e offline.

⁸ A metodologia da pesquisa adota uma abordagem amostral realizada por meio de informações do Censo Demográfico para a seleção em estágios dos municípios, setores censitários e domicílios. Nos

durante o texto, alguns dados desta pesquisa – especialmente, entre os/as adolescentes na faixa etária entre 15 e 17 anos – para ilustrar o uso da internet neste perfil de sujeitos.

O sexting incorporou-se “com certo grau de normalidade ao repertório de possíveis práticas em torno do erotismo e da sexualidade, tanto por parte dos adolescentes, como de pessoas adultas [...]”. Assim, chega-se à conclusão sobre três aspectos relacionados ao sexting: “não é novo, é global e não se trata de uma moda passageira” (FERNÁNDEZ, 2013, p. 72).

Os números revelados pela TIC Kids (2017) demonstram a prática do sexting de forma tímida entre os/as jovens que foram abordados naquela pesquisa. Segundo dados da pesquisa TIC Kids (2017), os/as jovens entrevistados/as, na faixa etária entre 15 e 17 anos, tiveram atividades na internet que envolviam conteúdos sexuais. Destes, 7% enviaram pela internet mensagens de conteúdo sexual, 2% postaram mensagens de conteúdo sexual que outras pessoas podiam ver, 13% falaram com alguém sobre sexo na Internet, 4% pediram nudes, 2% enviaram nudes. Dentre os/as entrevistadas 15% relataram terem sido solicitados/as a enviarem nudes, enquanto 23% receberam mensagens de conteúdo sexual e 18% se sentiram incomodados/as após terem contato com mensagens de conteúdo sexual.

Diferentemente das indicações dos dados da TIC Kids (2017), todos/as participantes com os/as quais tive contato, durante a pesquisa, afirmaram ter experienciado a prática em algum momento do ano de 2018⁹. Os/As adolescentes experimentaram de modo direto ou indireto a prática do sexting.

A prática do sexting está presente na escola. Os casos que extrapolam a manipulação dos/as estudantes são aqueles que chegam à ciência dos/as professores/as e da equipe pedagógica, principalmente os casos de compartilhamentos não consentidos. No interior da escola, e também fora dela, o envio de nudes é associado às suas consequências extremas, como

dois primeiros estágios a seleção de municípios e setores é feita com probabilidade proporcional ao tamanho. A metodologia utilizada pela pesquisa está alinhada com o referencial desenvolvido pela rede *EU Kids Online*, liderada pela *London School of Economics*, o que permite a produção de estudos comparativos sobre o tema. O método de coleta dos dados foi por meio de entrevistas pessoais com abordagem face-a-face, com aplicação de questionário estruturado.

⁹ Durante o ano de 2018 foi realizada a coleta de informações com os/as estudantes.

compartilhamentos não consentidos, aos casos de *bullying*¹⁰, às situações de violência, até mesmo aos suicídios derivados dessa prática. A divulgação dos efeitos nocivos do sexting entre jovens justifica a visão negativa que a população em geral possui da prática. Ressalto que os compartilhamentos não consentidos são uma consequência que a troca de nudes pode proporcionar, o que significa que nem todo envio gera, automaticamente, um compartilhamento sem autorização.

Os casos de sexting somados à popularização dos aparelhos celulares entre os/as jovens, conjuntamente à filmagem de professores/as no interior da sala de aula, são fatores que desestabilizam a disciplina escolar. Com o intuito de manter a ordem e contornar as situações elencadas, as escolas optam em proibir o uso do celular pelos/as estudantes em uma espécie de estratégia paliativa.

É na escola que eles/elas constroem parte de seus comportamentos sociais, por meio de trocas, exposições e posturas em relações dialógicas com outros jovens e com seus professores. Ela proporciona a experiência de relações de hierarquia, vivências de igualdade e convívio com as diferenças, que, dentre outras, terão influência estruturante na formação do indivíduo (CANTINI, 2004). Dessa forma, não pode ser considerada apenas como um espaço destinado à aprendizagem formal ou ao desenvolvimento cognitivo (LISBOA & KOLLER, 2003).

Dentre os territórios de pertencimento e socialização¹¹, a escola é para os/as adolescentes um local de experiências, um campo de possibilidades e de legitimação de condutas, em que encontram elementos que reforçam ou desconstróem o discurso sobre padrões sociais. Ressalto a necessidade primordial de repensar as práticas pedagógicas visando uma significativa mudança, pois a abordagem pedagógica deve ultrapassar preconceitos, sejam eles de gênero, raciais, geracionais ou de qualquer natureza, em prol de seus/suas estudantes.

¹⁰ Atos de intimidação e violência física ou psicológica, geralmente em ambiente escolar. A Lei n.º 13.185, em vigor desde 2016, classifica o *bullying* como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

¹¹ Compreendo por socialização, um processo que começa com o nascimento e continua ao longo da vida, é um processo pelo qual as pessoas aprendem, se constroem e internalizam os valores, crenças, atitudes, expectativas e comportamentos característicos da sociedade em que nasceram. (GIDDENS, 2001).

A partir desses pressupostos, reflito sobre o seguinte questionamento: Como as experiências do sexting, mediadas pelo celular, constroem a sexualidade e as relações de gênero entre estudantes adolescentes em escolas públicas?

Tenho, portanto, como objetivo investigar as relações de gênero e a sexualidade evidenciadas pela prática do sexting entre adolescentes, mediadas pelo uso do celular, no interior de uma escola pública de Curitiba. Listo ainda os seguintes objetivos específicos:

- Perceber a inserção da prática do sexting no ambiente escolar.
- Analisar motivações para a prática do sexting entre adolescentes.
- Analisar a relação dos/das adolescentes com o corpo na prática do sexting.
- Analisar o sexting como uma tecnologia de gênero que também envolve estratégias de resistência às normas.

A presente pesquisa assume uma perspectiva interdisciplinar na produção de interpretações sobre uma prática sexual complexa. Recorro ao aporte teórico dos estudos de gênero, além de estabelecer diálogos estudos da educação, corporalidade e poder.

Neste contexto, a pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública de ensino médio situada em um bairro periférico de Curitiba – Paraná. A categoria de adolescência caracteriza o grupo etário múltiplo abordado neste estudo, constituído por garotas e garotos entre 15 e 18 anos. Em alguns casos a palavra “jovem” é empregada para defini-los.

Para a seleção dos sujeitos e do local da pesquisa foram estabelecidos alguns requisitos prévios: (a) A escola deveria ser pública, baseado em meu posicionamento político, por ter sido estudante de escola pública do pré-escolar até hoje, na pós-graduação, e também porque toda a minha vida profissional foi na e em prol da escola pública. (b) A escola deveria ofertar o ensino médio, devido à faixa etária escolhida para a pesquisa, adolescentes entre 15 e 18 anos. (c) Ser localizada na cidade de Curitiba, por ser um grande centro e receber jovens de outras localidades.

A primeira aproximação com a temática investigada ocorreu nos bancos de dados procurando por pesquisas já realizadas relacionadas ao assunto. Foram encontradas publicações nas áreas de educação, comunicação, psicologia e direito.

Primeiramente, a coleta de informações foi realizada no Portal de Periódicos CAPES/MEC¹². Considerando que a aplicação da palavra sexting, pela primeira vez, ocorreu em 2005¹³, este foi o recorte temporal estipulado para a pesquisa, a partir deste ano até 2019.

No Brasil foram encontrados 16 artigos apresentados em eventos e periódicos acadêmicos de educação, revisados por pares da área. Até o presente momento uma tese (BARROS, 2014) e duas dissertações com a temática sexting e educação foram defendidas (FIGUEIREDO, 2015; MORÃO, 2017), demonstrando a escassa pesquisa sobre esse tema na educação.

A tese de doutoramento da pesquisadora Suzana da Conceição de Barros (2014), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)¹⁴, analisou enunciações sobre o sexting em alguns materiais midiáticos postados na internet (2008-2012) como reportagens, programas televisivos, postagens em *blogs* e comentários realizados por leitores de *sites* presentes na internet, além de investigar as condições de emergência da prática do sexting. Para análise dos dados a pesquisadora desenvolveu algumas ferramentas foucaultianas, especialmente os conceitos de discurso, dispositivo e enunciado. Suas análises indicam que a utilização das “tecnologias digitais” entre os/as adolescentes visibiliza a vivência de sua sexualidade. Além disso, percebeu que as fotos e vídeos dos/as adolescentes foram produzidos em comum acordo entre eles/as, sendo compartilhadas pelos próprios sujeitos que aderiram a essa prática. Aponta que a exposição da sexualidade por meio do sexting tem sido realizada com a finalidade de adquirir visibilidade e de tornar-se a “personalidade do momento”, uma espécie de “marketing pessoal” dos/das jovens. Ressalta que, nos casos analisados, os/as praticantes do sexting sofreram micro penalidades, as quais tinham como objetivo corrigir suas condutas. Nesse sentido,

¹² Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

¹³ A citação em que a palavra sexting foi utilizada pela primeira vez (31 de julho de 2005): “Following a string of extramarital affairs and several lurid "sexting" episodes, Warne has found himself home alone, with Simone Warne taking their three children and flying the conjugal coop (...). ROBERTS, Yvonne. The one and only. **Sunday Telegraph Magazine**. Sydney, Australia: News Corp Australia. p. 22. (31 de julho de 2005). Disponível em: <http://research.omicsgroup.org/index.php/Sexting#cite_note-SunTele-3>. Acesso em: 06 jul. 2018.

¹⁴ Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha de pesquisa Educação Científica: implicações das práticas, sendo intitulada “*Sexting* na adolescência: análise da rede de enunciações produzida pela mídia”, orientada pela professora Dr.^a Paula Ribeiro.

entende que algumas práticas disciplinares buscam governar e normalizar a sexualidade dos sujeitos. Concluiu que, na contemporaneidade, possuir visibilidade, mesmo que no ambiente virtual, é uma condição de existência e que a sexualidade é entendida como algo que deve ser regulado, governado e normalizado.

A dissertação “Adolescentes na sociedade de espetáculo e o sexting: relações perigosas? Um estudo exploratório na busca de subsídios para programas de prevenção”, de Camila Detoni Sá de Figueiredo (2015), foi apresentada na Universidade do Estado de Santa Catarina, no Mestrado em Educação, orientada pela professora Dr.^a Sonia Maria Martins de Melo. A dissertação consistiu em um estudo exploratório sobre a compreensão de alunos/as adolescentes sobre o fenômeno sexting, conceituado como o envio, postagem, recebimento e compartilhamento indevido, ou seja, sem consentimento, de imagens (fotos/vídeos) íntimas, mensagens excitantes ou imagem própria (seminu ou nu) nas mídias eletrônicas. A dissertação indica que os adolescentes possuem mais “vulnerabilidade” nas redes sociais, sendo expostos e se expondo a riscos por meio do sexting. A pesquisa realizada por Figueiredo (2015) originou um livro, que recebeu o nome de “Adolescentes na sociedade do espetáculo e o sexting: vulnerabilidade, alertas, desafios, caminhos a seguir” (2016), publicado pela Editora CRV.

Na área da educação física, a dissertação “Os efeitos do sexting no contexto esportivo universitário: uma tentativa de traçar o perfil dos envolvidos”, de Kauan Galvão Morão (2017), foi apresentada ao curso de Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias do Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista – Rio Claro, de São Paulo. A pesquisa foi orientada pelo professor Dr. Carlos Norberto Fischer. Esta dissertação teve por objetivo observar a ocorrência do sexting entre jovens universitários/as atletas, sendo uma pesquisa quantitativa. As análises da pesquisa apontaram para a constatação de que o sexting é praticado entre atletas universitários. De acordo com a amostra, os homens seriam os principais autores da prática. Outro ponto destacado é que uma parte relevante da amostra enxerga o sexting como uma “brincadeira”. No entanto, estes mesmos indivíduos demonstram consciência dos danos que o envio de nudes pode gerar no contexto esportivo, inclusive quanto à possível influência negativa sobre o rendimento dos atletas.

No site da ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação stricto sensu em Educação, professores/as e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores/as da área, foi encontrado um trabalho de 2015 sobre o sexting. Trata-se da pesquisa realizada pelas professoras Dr.^a Suzana da Conceição de Barros e Dr.^a Paula Regina Costa Ribeiro¹⁵. Neste trabalho as autoras analisam materiais presentes na internet, que discutem o sexting, procurando entender o que possibilitou a emergência dessa prática. Indicam que o sexting emerge devido a alguns deslocamentos, como a passagem da modernidade sólida para líquida¹⁶ (BAUMAN, 2001) e a popularização das “tecnologias digitais”¹⁷, as quais são consideradas pelas autoras como um campo de visibilidade, portanto, o sexting seria uma prática que possibilita a exibição de si.

Conforme a análise dos artigos e pesquisas realizadas no Brasil, observo que algumas características são recorrentes nas pesquisas sobre essa temática. Primeiramente, são pesquisas em que os sujeitos são garotos/as que se identificam como heterossexuais. Tais análises revelam ausência de dados relacionados a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, pessoas transgênero e intersex. As informações produzidas derivam do emprego de bases quantitativas com variações dos universos dos sujeitos. A preferência recai sobre métodos quantitativos, em especial questionários. Em evidência nos estudos estão os apontamentos de vínculos entre o sexting e o comportamento sexual de “risco” dos sujeitos que praticam o envio de imagens sexuais.

Nos títulos e nas palavras-chave dos textos acadêmicos analisados ocorre a presença de termos como: riscos, problemáticos, perigos, vítimas, ameaças, danos, transtorno, complicação. Tais termos demonstram os posicionamentos dos pesquisadores, indicando certa vinculação à tendência estrangeira das pesquisas, indicada por Kosenko, Lurus e Binder (2017), que reforçam a ideia do sexting como

¹⁵ Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt23-3859.pdf>>. Acesso em: 13 de maio de 2018.

¹⁶ O conceito de modernidade líquida elaborado por Bauman (2001) será discutido na sequência deste texto.

¹⁷ As autoras empregam as palavras tecnologias digitais em referência aos artefatos que medeiam as comunicações, tais como: celulares, tablets, computadores.

uma prática que acarreta problemas aos seus participantes, possibilitando um possível “desvio de conduta” de seus/suas praticantes.

A meta-análise¹⁸ sobre o sexting entre adolescentes na produção acadêmica de língua inglesa de Kosenko, Lurus e Binder (2017) indica que dois posicionamentos antagônicos são encontrados. De um lado, um discurso predominante encontrado nas publicações, artigos e pesquisas, que enquadra o sexting como uma prática arriscada, um comportamento desviante que precisa de intervenção e prevenção, como exemplo a pesquisa realizada por Jessor & Jessor (1997). São estudos em que o sexting é vinculado as consequências negativas, em que associam o fenômeno a casos extremos de bullying, suicídios, cyberbullying¹⁹, perseguições, doenças mentais, relacionados aos efeitos das consequências da exposição das imagens, principalmente na internet.

A outra abordagem que surge na análise de Kosenko, Lurus e Binder (2017) apresentam o sexting como uma prática sexual dentro dos padrões sociais considerados “normais”. Estas análises têm alcançado espaço principalmente entre pesquisadores/as, principalmente norte-americanos como Cooper, Quayle, Jonsson e Svedin (2016) e Doring (2014), que discutem o sexting como uma prática saudável para a sexualidade e para os relacionamentos sociais.

Alguns autores defendem que o sexting pode ajudar a prevenir a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, pois não há contato físico, somente o virtual, em que os sujeitos se masturbam. Neste grupo encontra-se o trabalho de Lippman & Campbell (2014), que apontam o envio de nudes como uma prática que pode desviar os impulsos sexuais dos indivíduos.

No contexto do sexo, a teoria da catarse²⁰ prevê que aqueles que enviam ou recebem nudes seriam menos propensos a exercer atividades sexuais, satisfariam

¹⁸ A “meta-análise consiste em colocar diferentes estudos juntos em um mesmo banco de dados e utilizar metodologias analíticas e estatísticas para explicar a variância dos resultados utilizando fatores comuns aos estudos” (ROSCOE & JENKINS, 2005, p.54). Ou seja, é um procedimento metodológico que sintetiza uma determinada quantidade de conclusões num campo de pesquisa específico.

¹⁹ *Bullying virtual ou cyberbullying* é o bullying realizado por meio de e-mail, mensagens instantâneas, salas de bate-papo, website ou mensagens digitais ou imagens enviadas pelo celular (BERGER, 2007).

²⁰ Na Psicologia, a Teoria da catarse afirma que a liberação de emoções, sentimentos e tensões reprimidas, por meio de recursos idênticos à reação, seria a operação capaz de trazer à consciência memórias recalçadas no inconsciente, libertando a pessoa em análise de sintomas psiconeuróticos associados a esse bloqueio (ALMEIDA, 2010).

seus impulsos ao enviar e receberem nudes. De acordo com Harris e Scott (2002, p.312),

aplicado ao sexo, o argumento de catarse diz que o consumo de mídias sexuais alivia os impulsos sexuais, como revista ou vídeo [talvez em conjunto com a masturbação] como uma espécie de substituto imperfeito para o comportamento real²¹.

Os estudos sobre sexting no Brasil apontam para duas aproximações da emergência da prática, enquanto resultante de características da sociedade contemporânea. Primeiramente, a aplicação do conceito de “modernidade líquida” (BARROS, 2014; SÁ DE FIGUEIREDO, 2015), do filósofo polonês Zigmunt Bauman (2001), que caracteriza o tempo presente como uma modernidade imediata, “líquida” e “veloz”, mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou. Na sociedade contemporânea, emergem o individualismo, a fluidez (mudanças), a efemeridade das relações, o consumo exacerbado que estimula os sujeitos a não possuírem identidades fixas. O sexting seria um fenômeno que se manifesta em virtude das circunstâncias da modernidade líquida em que os vínculos e as interações entre os sujeitos podem ser rompidos a qualquer momento, causando uma disposição ao isolamento social. O sexting é apontado como uma atualização do dispositivo da sexualidade, que “coloca a sexualidade – a qual, durante a modernidade sólida, constituía-se como algo exclusivamente do âmbito privado – em evidência nos espaços públicos” (BARROS, 2014, p. 7).

A outra aproximação teórica presente nos estudos brasileiros indica o sexting como uma prática que emerge na “Sociedade do Espetáculo” (BARROS, 2014; SÁ DE FIGUEIREDO; 2015), termo cunhado por Guy Debord (2003) que caracteriza a sociedade contemporânea pelo consumo, pela cultura da imagem e pela invasão da economia em todas as esferas da vida dos sujeitos. O sexting seria decorrência da sociedade do espetáculo por articular a sexualidade por meio das “tecnologias digitais”, manifestando o desejo de tornar-se visível, partindo do pressuposto que a prática deste fenômeno está diretamente relacionada às tentativas de exposição dos sujeitos.

²¹ Tradução livre do original: “Applied to sex, the catharsis argument says that consuming sexual media relieves sexual urges, with themagazine or video acting (perhaps in conjunction with masturbation) as a sort of imperfect substitute for the real behavior” (HARRIS; SCOTT, 2002, p.312).

A professora Suzana Barros (2014) emprega essas aproximações ao indicar que o sexting é um fenômeno social. Conceitua a prática como resultado de fatores da sociedade do espetáculo e da modernidade líquida. Baseando suas reflexões nos filósofos, já citados Debord (2003) e Bauman (2001), indica que o envio de nudes consiste em:

[...] uma estratégia de marketing e de sedução, em que o corpo e a sexualidade, questões entendidas e vivenciadas como de âmbito privado ao longo da modernidade, tornam-se mercadorias que são expostas em vitrines virtuais (celulares, internet, sites de redes sociais etc.), a fim de serem contemplados por um determinado sujeito ou por uma multidão. Assim, o sexting, pode ser entendido como um espetáculo da vida privada, em palcos públicos, em que olhar do outro é condição. São esses múltiplos olhares que acompanham os/as praticantes do sexting, que também acabam regulando e controlando esses mesmos sujeitos. Assim é possível evidenciar que, ao mesmo tempo, as tecnologias são utilizadas para a produção dos materiais de conotação sexual. São essas mesmas tecnologias que acabam regulando esses sujeitos, pois é por meio destas instâncias disciplinares (família, escola, delegacias etc.) tomam conhecimento do comportamento desses/as adolescentes. Ao tomar conhecimentos dos casos, essas instâncias disciplinares acabam aplicando práticas disciplinares, a fim de normalizarem os sujeitos. Isso dá-nos indícios de que ainda vivemos um momento de transição entre a modernidade sólida a líquida. (BARROS, 2014, p. 68-69).

A prática do sexting na adolescência, segundo Barros (2014), não está atrelada a fatores meramente biológicos e psicológicos. Este fenômeno se explica por uma combinação de fatores e acontecimentos sociais, culturais, econômicos e políticos dos tempos atuais, tais como: o deslocamento da modernidade sólida para a modernidade líquida; a democratização das “tecnologias digitais”; a ênfase de uma sociedade baseada na imagem e no espetáculo; a transição da sociedade disciplinar para a de controle; a mercantilização das sexualidades e o afrouxamento das barreiras entre o âmbito público e privado, entre outros fatores.

As pesquisas de Ahern (2013) e de Barros (2015) relacionam a emergência do sexting como um dos reflexos da popularização das “tecnologias digitais” em nossa sociedade, em especial o telefone celular. Nessa abordagem, os sujeitos praticariam o sexting, condicionados pelo uso do celular.

O predomínio de pré-adolescentes e adolescentes envolvidos na prática do sexting, segundo Nancy Ahern (2013), resulta de fatores, como: a praticidade proporcionada pelas tecnologias no envio, o compartilhamento de mensagens e

imagens; as mudanças fisiológicas e comportamentais relativas à fase em que se encontram; e a falta de experiência para ponderar as consequências de suas ações.

Os estudos citados anteriormente abordam a adolescência como uma fase de caráter universalizante, naturalizada e padronizada por meio de parâmetros predeterminantes. Frequentemente abordada por estudos da área médica e da área da psicologia relacionada à puberdade correspondendo ao conjunto de transformações fisiológicas ligadas à maturação sexual, que caracterizam a passagem progressiva da infância para a adolescência (RIBEIRO, 2011). Nesta perspectiva este período da vida humana é caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social, e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive.

Aproveito para ressaltar que as fases dos ciclos da vida são demarcadas por convenções sociais que envolvem as temporalidades individuais e, simultaneamente, com as temporalidades estipuladas pelas totalidades sociais como: nação, região, religião e classe social. As fronteiras etárias não são idênticas nas diferentes sociedades, tampouco nas classes sociais e conjunturas, podendo mudar de significação conforme a pertença dos sujeitos. A estipulação da fase cronológica da adolescência varia de acordo com fatores socioeconômicos.

A noção de adolescência é uma construção social, portanto um fenômeno histórico sobre os quais se produzem diversas visões de acordo com uma determinada época e seus valores. O/A adolescente, sujeito social, que vivencia de maneiras diferentes situações inseridas em realidades multideterminadas possui subjetividades próprias. Enfatizo que “é necessário superar as visões naturalizantes presentes em muitos discursos e entender a adolescência como um processo de construção sob condições históricas e culturais específicas” (OZELLA 2003, p. 20).

A adolescência deve ser pensada como uma categoria construída socialmente, a partir das necessidades sociais do grupo em que os sujeitos estão inseridos, não há como retirar os sujeitos de seu contexto social para analisa-los. Considerando a adolescência como uma categoria analítica que se constrói e reconstrói dentro de uma história e temporalidade específicas, esta pesquisa ratifica a participação dos/as adolescentes enquanto atores ativos na construção do conhecimento.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente²² (1990), mais conhecido com ECA, no Art. 2.º das Disposições Preliminares, considera a pessoa com até 12 anos de idade incompletos como criança; são considerados como adolescentes aqueles/as que possuem idades entre 12 e 18 anos incompletos. Nesse documento, como o próprio nome diz, a ênfase incide sobre o/a adolescente e a criança, não fazendo, portanto, menção à juventude. A menção feita às pessoas maiores de 18 anos encontra-se no Parágrafo Único deste mesmo artigo: “Nos casos expressos em lei, aplica-se, excepcionalmente, este Estatuto às pessoas entre 18 e 21 anos de idade” (BRASIL, 1990).

A adolescência é definida pela Organização Mundial da Saúde – OMS, entre 10 e 19 anos e pela Organização das Nações Unidas – ONU, entre 15 e 24 anos, critério este, usado principalmente para fins estatísticos e políticos. Aplica-se o termo jovem adulto/a para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade (EISENSTEIN, 2005, p. 6). Nas normas e políticas do Ministério de Saúde do Brasil, os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos²³. Na maioria dos países, do ponto de vista legal, o conceito de *maioridade* é estabelecido aos 18 anos; porém, os critérios para este estabelecimento derivam dos costumes e culturas locais.

A escolha pelo uso do conceito adolescências é uma forma de evidenciar o grupo específico de sujeitos, entre 15 e 18 anos, que se identificam com esta categorização. A categoria juventude também abarca estes sujeitos. Em outras palavras, do ponto de vista sociológico, adolescência e juventude são categorias que se interseccionam em seus sentidos e atributos (BENDIT, p.20).

Os posicionamentos apresentados neste estudo diferem de abordagens que: (a) Observam uma prática sexual dentro de paradigmas morais. (b) Apresentam a vivência da sexualidade dos/as jovens, sem agenciamento, apontados como sujeitos sem questionamentos, confrontos ou resistência aos processos de normalização. (c) O sexting entre adolescentes assume a categoria de problema social. (d) Reduzem a

²² Lei n.º 8.069 de 13 de julho de 1990, estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente, que dispõe sobre a integridade de crianças e adolescentes. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 02 fev. 2018.

²³

complexidade das práticas, retirando a possibilidade de outras formas de significação de suas sexualidades.

O sexting expõe inúmeros fatores de motivações e estímulos, constituindo uma prática dinâmica com múltiplas significações. Por tal motivo, esta pesquisa possui um caráter interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008; GUBRIUM & HOLSTEIN, 2000; MOITA LOPES, 1994), abordagem que possibilita a reflexão constante sobre as informações que surgem durante o processo de investigação. Além de evidenciar os/as participantes da pesquisa como unidades essenciais de informação para a construção dos conhecimentos expostos. A elaboração das análises e as categorias escolhidas neste estudo são decorrência desse fator.

O grupo focal foi o principal procedimento técnico empregado para a coleta de percepções dos/das jovens sobre a prática do sexting. Ele/Elas expressaram suas vivências e o sentido que davam à prática de forma reflexiva, elaborando hipóteses e questionando posicionamentos diferentes dos seus. Primeiramente, desenvolvi um grupo focal para avaliar a eficácia desse procedimento para acesso das ideias dos/as estudantes. Após alguns ajustes no roteiro desse instrumento, realizei um segundo grupo focal em que os/as participantes trocaram experiências, apresentaram pontos de vista e argumentos acerca do sexting.

Conjuntamente ao grupo focal, um questionário foi empregado para obter informações sobre questões íntimas dos/as jovens, evitando constrangimentos entre os/as colegas ao exporem oralmente suas experiências pessoais. Os/As participantes compartilharam suas compreensões sobre temas velados dentro da escola. Por questões éticas que envolvem a confidencialidade, escolhi manter em sigilo o nome dos/as participantes no texto da pesquisa. Com esta finalidade mudei o nome desses sujeitos para preservar seu anonimato. Assim como preservo o nome da escola.

Os dados construídos são baseados nas narrativas dos/das adolescentes, portanto, não analisei imagens ou vídeos trocados. Foram mantidos, durante a análise, os trechos das falas com gírias, palavrões e argumentações, prevalecendo sua exposição no contexto dos assuntos abordados. As narrativas expostas durante o grupo focal são parte integrante do texto.

Ao falarem de suas impressões, experiências, ideias, os/as jovens elaboram narrativas fundadas em suas sexualidades, desejos e prazeres. Apresentam uma

síntese de objetivos, causas e imprevistos, estabelecidos em uma conexão temporal que, ao ser produzido, organiza os diversos acontecimentos, criando novos sentidos para suas vivências. As práticas sexuais, como o sexting, são narradas como ritualizações performáticas pautadas em roteiros de gênero e de desejo entre homens/garotos e mulheres/garotas.

Outra predileção analítica nesta investigação foi a utilização das palavras “garoto” e “garota”²⁴ para diferenciá-los de menino e menina que estão na infância, homem e mulher que são adultos. As narrativas dos/das adolescentes demonstram fluidez entre suas identificações etárias. Em alguns momentos referem-se a si mesmos, como meninos/meninas, e em outras como homens/mulheres. Transitam entre a infância e a maturidade, pois possuem a percepção de si como não sendo mais crianças, mas também ainda não se entendem como adultos. Assumem a posição como adolescentes como sujeitos de uma fase transitória.

Na articulação dos objetivos desta pesquisa com as narrativas dos/as jovens, aciono as discussões teóricas sobre gênero, sexualidade e relações de poder para pensar os limites, as extensões e as fronteiras do sexting como tecnologia e prótese de gênero. Michel Foucault, Teresa de Lauretis, Judith Butler e Paul Beatriz Preciado são referências relevantes na tarefa de analisar o sexting como prática sexual e de gênero, resultante de discursos de saber e poder, em que o/a jovem aprende significados de masculinidades e feminilidades por meio de dispositivos normalizadores que produzem e divulgam narrativas de gênero.

O sexting permeado de relações de poder que produz o sexo por meio de práticas, institui os corpos em redes de sentido e de representações e impõe a forma binária, feminino e masculino, como o fundamento da norma tida como natural, a heterossexual.

A nudez exaltada no sexting recebe diversas atribuições de sentidos. Diferentes corpos no cotidiano engajam subjetiva e politicamente diferentes propósitos de nudez. Dessa forma, as variadas imagens trocadas pelos/as jovens, insinuam o corpo, ora

²⁴ No dicionário, a palavra garoto: adj. s.m. Diz-se de menino ou rapaz que brinca ou anda à toa pelas ruas, guri; s.m. Rapaz imberbe, guri, menino.
Garota: s.f. 1. Coloq. Criança ou adolescente do sexo feminino. 2. Moça que é namorada.
Dicionário Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

instigando os olhares, ora expondo sem matizes de pudor procurando satisfazer ou produzir desejos.

A nudez retratada nas obras artísticas recebe o sentido de elemento estético e poético; o corpo despido em função da arte é concebido como uma linguagem. Os olhos envoltos pela moral e pela censura compreendem a nudez como obscena “perturba um estado dos corpos que estão conformes à posse de si, à posse da individualidade durável e afirmada” (BATAILLE, 2014, p. 41).

Outros olhos associam o corpo nu ao acontecimento do pecado original e ao ato sexual. A nudez no discurso da filosofia religiosa cristã, amplamente divulgada por meio do livro de Gênesis na Bíblia, é relacionada à história em que Adão e Eva, após terem cometido o pecado original, percebem que estavam nus (AGAMBEN, 2014). O ato de desnudar-se recebe a classificação de pecado e passa a ser empregado como um dispositivo de poder estimulado pelo discurso religioso.

[...] a nudez do corpo humano é, na cultura ocidental, sempre já prisioneira de um dispositivo cultural e teológico – um dispositivo de poder – que essencialmente a coloca em questão e a torna impensável²⁵. (SALZANI, 2016, p. 48).

A nudez como dispositivo é uma categoria social e política, consiste em uma invenção recente da modernidade. No sexting, a nudez é um dos principais elementos. A nudez está intrinsecamente relacionada ao sexting, no entanto os relatos dos/as jovens enfatizam determinados comportamentos, gestos e posturas, normas e hierarquias; além de indicar as representações “ideais” de corpos e de aparência, de relacionamentos amorosos e sexuais. Dessa forma, compreendo que o sexting articula conjuntos de técnicas²⁶ aplicadas aos corpos mediante sistemas inteligíveis de marcação sexual, de gênero, de afeto e de beleza.

As narrativas registradas para essa pesquisa redimensionam o envio, compartilhamento e solicitação de nudes às vivências cotidianas juvenis, mesclando a prática sexual, as aproximações sociais e afetividades, as partilhas de modelos de

²⁵ “[...] the nudity of the human body in, in western culture, always already prisoner of a cultural and theological apparatus – a power apparatus – which essentially calls it into question and makes it unthinkable”.

²⁶ Emprego o termo técnica no sentido foucaultiano de conhecimentos, práticas, habilidades em que a pessoa exerce sobre si mesma com a finalidade de torna-se sujeito. Abordarei amplamente esse conceito a partir do capítulo 4.

amor romântico, os prazeres e os desejos. São entrelaçamentos heterogêneos que viabilizam estruturar esta análise, tendo por premissa os diferentes discursos que permeiam a prática. Portanto, a ideia de dispositivo do filósofo Giorgio Agamben é oportuna na investigação das articulações e atravessamentos de poder analisadas neste texto.

[...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar. (AGAMBEN, 2010, p. 41).

As primeiras informações coletadas sobre o sexting indicavam, especialmente entre os/as jovens, sentidos de interações sexuais e posicionamentos de gênero relacionados ao dispositivo histórico da sexualidade (FOUCAULT, 2004). Na perspectiva do filósofo francês, o dispositivo consiste em um “conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2014, p. 364).

A sexualidade, na perspectiva foucaultiana, é concebida enquanto um dispositivo histórico de poder, pois em sua essência existe o controle capilar dos corpos e subjetividades, sejam eles considerados individualmente ou enquanto agrupamento social.

[...] não se deve conceber [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1997, p. 100).

Tendo em vista a temática da sexualidade, Foucault contraria o que chama de “hipótese repressiva”, isto é, a hipótese geral que ecoa em nossa sociedade, segundo a qual o poder sempre atuou com o objetivo de censurar e reprimir homens e mulheres quanto à sua sexualidade, empregando estratégias para obstruir possíveis discursos sobre ela, a interditar, tratar como pecaminoso o assunto do sexo. Ele, então, refuta tal hipótese mostrando que existe toda uma “superprodução de saber social e cultural”, de “saber coletivo sobre a sexualidade” (FOUCAULT, 2004, p. 60).

O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo. (FOUCAULT, 2010, p. 42).

O dispositivo de sexualidade atua produzindo e regulando um poder-saber (FOUCAULT, 2013) sobre o sexo, construindo condutas sexuais normais, anormais e periféricas. Desta forma, o dispositivo de sexualidade produz tecnologias²⁷ que agem como forma dominante de normalização do sexo e na produção do desejo. A sexualidade é entendida como uma maneira que os sujeitos dispõem para perceber o desejo. O desejo não é algo constante, a-histórico, mas uma categoria que surge a partir da experiência cristã e herdada pela experiência moderna da sexualidade, como estrutura própria ao ser humano (FOUCAULT, 1984, p. 41-42).

O “discurso”, não somente como um sinônimo para fala, é entendido como uma prática material situada historicamente que produz “relações de poder”. O conceito elaborado por Foucault (1987) possibilita observar as relações de poder em todos os tipos de relacionamentos, inclusive os que envolvem jovens. O poder opera em uma rede de relações inconstantes dentre e entre sujeitos, grupos, instituições e estruturas. Consiste em relações políticas, sociais, econômicas e relações pessoais. O poder é

²⁷ Como contexto, devemos entender que há quatro grupos principais de “tecnologias”, cada um deles uma matriz de razão prática: (1) tecnologias de produção, que permitem produzir, transformar ou manipular as coisas; (2) tecnologias dos sistemas de signos, que permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significação; (3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins ou dominação, objetivando o sujeito; (4) tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade (FOUCAULT, 1982/2004, p. 323-324).

encontrado em todas as interações sociais, mesmo as mais íntimas e igualitárias, inclusive entre adolescentes e de cunho sexual.

Os dispositivos configuram determinados discursos para o exercício do poder e a produção de subjetividades. A constituição da subjetividade é uma forma social, cultural e histórica, em consonância com as normas e valores socioculturais. A subjetividade é aludida nas relações de poder, no entanto ela não é imposta externamente, mas construída nas práticas sociais em que os sujeitos assumem e ocupam posições disponibilizadas pelo contexto histórico e social (FOUCAULT, 1972).

O dispositivo da sexualidade estruturou o sistema sexo/gênero²⁸ estabelecendo o “conjunto de medidas mediante o qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana e essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 2017, p. 2). E, conseqüentemente, a heteronormatividade²⁹, considerada como:

[...] uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (MISKOLCI, 2009, p. 157).

O sistema sexo/gênero e a heteronormatividade delimitaram culturalmente as características fundamentais que compõem as masculinidades e as feminilidades, elementos que classificam e hierarquizam as práticas sexuais, em que todos os sujeitos são marcados e denominados a partir de suas características biológicas.

Derivados desses mecanismos³⁰, as identidades e papéis sociais agem conforme a norma, estabelecendo privilégios e dicotomias entre homens e mulheres.

²⁸ O termo “sistema sexo-gênero” foi cunhado pela antropóloga estadunidense Gayle Rubin. Consiste em um “conjunto de disposições pelas quais a matéria-prima biológica do sexo e da procriação humana é moldada pela intervenção humana, social, e satisfeita de uma maneira convencional” (2017, p. 17).

²⁹ Historicamente, a prescrição da heterossexualidade como modelo social pode ser dividida em dois períodos: um em que vigora a heterossexualidade compulsória pura e simples e outro em que adentramos no domínio da heteronormatividade. Entre o terço final do século XIX e meados do século seguinte, a homossexualidade foi inventada como patologia e crime, e os saberes e práticas sociais normalizadores apelavam para medidas de internação, prisão e tratamento psiquiátrico dos homo-orientados. A partir da segunda metade do século XX, com a despatologização (1974) e descriminalização da homossexualidade, é visível o predomínio da heteronormatividade como marco de controle e normalização da vida de gays e lésbicas, não mais para que se “tornem heterossexuais”, mas com o objetivo de que vivam como eles (MISKOLCI, 2009, p. 157).

³⁰ Emprego o termo mecanismo neste texto, na perspectiva foucaultiana, como estruturas que servem ao poder. Podem ser minuciosas, cotidianas e físicas. Segundo Castro (2009) “os mecanismos das

Conseqüentemente, o dispositivo do gênero é instaurado, hierarquizando por meio dos discursos o que se refere à ordem do masculino e do feminino. A dimensão desse dispositivo permite “[...] efetuar uma leitura foucaultiana da categoria gênero, e destacar a construção dos discursos sobre o masculino e o feminino, as assimetrias e desigualdades nos blocos de correlações de forças, em oscilações de micro e macropoderes nas relações homem/mulher” (SENA, 2004, p. 200).

Algumas teóricas feministas, como Teresa de Lauretis, Judith Butler e Joan Scott, dialogam com Foucault em suas pesquisas, porém criticam a omissão dos aspectos de gênero em suas análises. No entanto, escolhi empregar alguns conceitos dele neste texto, baseada em Diamond & Quinby (1988), que destacam algumas convergências entre o pensamento feminista e a obra de Foucault: 1) identificam o corpo como local de poder; 2) apontam para as relações locais do poder ao invés de concebê-lo apenas como o poder vertical do Estado ou do capital; 3) enfatizam o papel crucial do discurso e sua capacidade de produzir e sustentar as formas de dominação e enfatizam os desafios e as possibilidades de resistência dos discursos marginalizados; 4) criticam o humanismo Ocidental que tem privilegiado a experiência da elite masculina em seus universais de verdade, liberdade e natureza humana.

Resguardadas as contribuições de Foucault aos estudos feministas, disponho do conceito de gênero concebido por Judith Butler (2017) como um dispositivo que regula e confere sentido às diferenças biológicas entre os sexos. O sexo e o gênero constituem os efeitos materiais deste dispositivo, que atribui, por meio dos discursos, as inscrições nos corpos enquanto masculinos ou femininos.

O gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas ele poderia ser muito bem o aparato pelo qual estes termos são desconstruídos e desnaturalizados. (BUTLER, 2014, p. 253).

Nessa perspectiva, o gênero consiste em um aparato social com normas regulatórias, estruturadas em torno da heterossexualidade, em construção constante nas práticas dos sujeitos e inscritas (materializadas) em seus corpos (BUTLER, 2016; 2017). A categoria de sexo é abordada por Foucault como construída a serviço de

disciplinas são da ordem do adestramento do corpo (vigilância hierárquica, exames individuais, exercícios repetitivos); os da biopolítica são mecanismos de previsão, de estimativa estatística, medidas globais” (p.59).

um sistema de sexualidade reprodutiva e reguladora. Diferenciando seu pensamento, Butler elabora a categoria do sexo como pertencente a um sistema de heterossexualidade compulsória, que opera por meio de um sistema de reprodução sexual compulsória baseada nas dicotomias de gênero.

As condutas de gênero são compreendidas pelos sujeitos como naturais e normais baseadas no determinismo biológico³¹ e na heteronormatividade. As normas³² de gênero devem ser constantemente negociadas; elas constituem uma modalidade de regulação específica que possui efeitos constitutivos sobre a subjetividade dos sujeitos (BUTLER, 2017). A heterossexualidade pode ser considerada o construto social binário de gênero como uma regra geral e universal, apresentada tal qual efeito do natural, original e inevitável, possuindo a capacidade regulatória da sexualidade. Um poder que permeia os posicionamentos masculinos e femininos e aponta que o gênero se constitui nas e pelas relações de poder (BUTLER, 2017). Ela se fixa como a regra disciplinar fundamental que exclui os que não são heterossexuais, “consiste em uma matriz que confere sentido às diferenças entre os sexos” (BENTO, 2006, p. 86).

O pressuposto de que as diferenças sexuais existem em si mesmas, como dados naturalizados, é o próprio efeito do poder do dispositivo do gênero, que forçosamente ancora a inteligibilidade da materialidade dos corpos (SWAIN, 2008, p. 394). Tal grade de inteligibilidade refere-se à “heterossexualização do desejo [que] requer e institui a oposição de distinções discretas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes termos são entendidos como atributos expressivos de ‘fêmea’ e ‘macho’” (BUTLER, 2017, p. 44).

O sexting expressa as diferenças entre mulheres e homens prescritas pelo dispositivo do gênero. A sua prática expõe dispositivos como a nudez, a beleza e o amor romântico que atuam na produção das subjetividades e simultaneamente constituem o complexo dispositivo estratégico de poder que servem à sexualidade.

³¹ O conjunto de teorias segundo as quais as posições sociais, variações das habilidades, capacidades, padrões cognitivos e sexualidade dos sujeitos derivam de sua constituição biológica.

³² As “normas regulatórias” (BUTLER, 2014; 2017) existem para a regulação e materialização do gênero dos sujeitos e precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para materializar as diferenças de gênero, as feminilidades e masculinidades. A escola serve como uma das instituições em que as normas heteronormativas são incorporadas aos sujeitos, sendo uma das estruturas em que as suposições que constituem as performances de gênero e as normas heteronormativas, sejam reiteradas de forma compulsória.

Mediante o dispositivo da sexualidade, ocorre o gerenciamento dos corpos individuais, as regras e os gozos, a marca do sexo, a administração da população, o agrupamento de sujeitos, a constituição da individualidade e da subjetividade.

Com a finalidade de abranger os aspectos relacionados anteriormente, organizo este documento em sete capítulos incluindo esta seção introdutória. Na sequência apresento o conteúdo dos capítulos subsequentes:

No capítulo 2 – “Tem nudes na escola? Tem sim, senhora!” – abordo o percurso de construção das informações que serão analisadas ao longo do texto. Na seção “Pra ter nudes tem que conversar” descrevo o percurso metodológico de coleta e análise das informações que integram essa pesquisa. Na seção “Em uma escola perto de você” apresento o perfil da escola e dos/as estudantes participantes da pesquisa. Em seguida, na seção “Eu que lute!” descrevo os instrumentos metodológicos e as primeiras impressões coletas junto aos/as adolescentes.

Em seguida, na seção “Mamadeiras de piroca, Escola sem Partido e ideologia de gênero”, relato a ascensão no cenário brasileiro de movimentos conservadores que incidiram diretamente na educação brasileira durante o período desta pesquisa.

Na seção intitulada “Só tratamos de sexualidade quando dá treta³³”, sintetizo como são abordadas as questões sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual em documentos balizadores das práticas pedagógicas da escola. Esboço a circunscrição desses referenciais na abordagem e no desenvolvimento de temas pertinentes ao ensino de Direitos Humanos, gênero e sexualidade no espaço escolar.

A partir do Capítulo 3 agrupo as análises, tendo como balizador a intersecção de elementos empreendidos por diferentes dispositivos de poder expressos na prática do sexting, sendo eles: o dispositivo do gênero, o dispositivo da beleza e o dispositivo do amor romântico.

No capítulo 3 – “Vem de sexting, bebê! O sexting como tecnologia e prótese de gênero” – discuto o dispositivo do gênero que permeia as práticas afetivas e sexuais dos/as adolescentes, enfatizando o sexting. Apresento o sexting como tecnologia e prótese de gênero e discuto como as imagens materializadas no sexting afirmam discursos e concepções sobre gênero em vinculação na sociedade. O consumo, uso

³³ A palavra “Treta” neste texto possui o significado de briga, desentendimento, confusão.

e produção dessas imagens podem reforçar estereótipos de gênero ou afirmar novas possibilidades de representação.

Na seção “Mia Khalifa e os corpus autopornográficos”, relaciono o dispositivo da pornografia com a construção das subjetividades evidenciadas no sexting. As poses e partes dos corpos as quais são construídas como promotoras de desejo por este dispositivo estão presentes na produção dos nudes e atuam na produção e reiteração dos processos corporais generificados.

Na seção “É nudes que vc quer? Toma!”, analiso as narrativas dos/as jovens relacionando-as com a experiência de suas sexualidades, a corporificação do caráter social do gênero, reafirmando e por vezes desmascarando discursos sociais naturalizantes. Compreendo que a prática do sexting expõe tipos de feminilidades e de masculinidades que interpelam os sujeitos a assumir esses significados, investindo suas emoções neles para construir a si mesmos. Destaco que os/as jovens possuem agenciamento na construção e desconstrução de suas subjetividades, constituindo um processo relacional, dinâmico e instável.

Na seção intitulada “Por isso que os meninos mentem, por isso que as meninas usam maquiagem”, exponho a lógica binária relacionada à sexualidade que estrutura as narrativas dos/as jovens. Seus posicionamentos são elaborados e baseados em oposições, portanto os atributos, desejos, comportamentos são construídos como opostos à outra posição: homens versus mulheres, masculino versus feminino, jovens versus adultos. A hierarquização em lógicas binárias impõe oposições.

No capítulo 4 – “Espelho, espelho meu! Como anda minha imagem?” – discuto as articulações do dispositivo da beleza presentes em diferentes discursos que constroem os corpos e reforçam a produção e reiteração das normas de gênero nas interações virtuais dos/as adolescentes.

Na seção “Chama no contatinho!”, apresento a abrangência das interações proporcionadas pela conexão virtual e interativa derivadas de aplicativos digitais no cotidiano dos/as adolescentes. Analiso a partir dessa seção a articulação de técnicas mobilizadas pelo dispositivo da beleza na ação virtual dos/as adolescentes.

Na seção “Não é só de like que essa boquinha gosta”, discuto a visibilidade promovida pelos meios digitais corrobora mecanismos do dispositivo da beleza promotores de padrões estipulados a partir de seus ditames – estéticos, corporais e

comportamentais e normalizam o desejo, estabelecendo uma continuidade coerente entre corpos e prazeres.

No item “Deu Match³⁴! Manda nudes, bebê”, relaciono a configuração de perfis (composição do corpo e identidade) nas interações virtuais dos/as adolescentes. Pondero como as ações virtuais difundem as premissas do embelezamento e, conseqüentemente, produzem o reconhecimento por meio de significações compartilhadas. Neste sentido, pauto a interação do/a jovem nas redes sociais como ações performativas de si mesmo/a objetivando o reconhecimento por outros sujeitos como desejáveis. Logo, constituem “narrativas de si” (BUTLER, 2017). Compreendo que o desejo que estabelece os limites e as condições para a operação do reconhecimento em si (BUTLER, 2017).

Na seção “Mandar nudes, trailer ou spoiler?”, correlaciono os procedimentos de inscrição dos corpos juvenis em diferentes grades de inteligibilidade nas redes sociais, em conformidade ou não aos dispostos de embelezamento. Relaciono as questões da vida cotidiana dos/as adolescentes, como a exposição permitida pela interação virtual aos conceitos de “cuidados de si”, “tecnologias do eu” e “práticas de si” de Foucault (2013). Estes conceitos possibilitam compreender a capacidade de variação dentro de um campo de interpelação promovido pelas redes sociais que habilitam o reconhecimento dos sujeitos e ao mesmo tempo os subjetivam.

No capítulo 5 – “Não era amor, era fake news” – associo o dispositivo amoroso e seus mecanismos com a prática do sexting. Na seção “Dona Florinda não conquistou o professor Girafales³⁵ mandando nudes”, pondero sobre os atravessamentos do dispositivo do amor romântico nas relações juvenis. Os sentidos dados ao amor revelam “as maneiras como os sujeitos o idealizam, expressam e vivenciam” (CHAVES, 2010, p. 30. Também expressam os mecanismos que colocam em circulações dinâmicas e modelos elementares de laços sociais promotores de desejo e de condições de reconhecimento desse desejo. Certos afetos são divulgados, construídos e reiterados a fim de conformar sujeitos a tipos fixos de comportamento. Exponho que o dispositivo amoroso contribui na produção de sexualidades e na

³⁴A palavra inglesa *match* significa “combinação”. A expressão “deu Match” foi popularizado pelo aplicativo de encontros Tinder e significa que duas pessoas combinam e se gostaram.

³⁵ Dona Florinda e Professor Girafales são personagens do seriado mexicano de televisão “Chaves”. Este programa é exibido no Brasil desde 1984.

regulação do corpo feminino³⁶. O romance é uma tecnologia de poder, que estabelece associações culturais relacionadas principalmente ao corpo feminino, como o cuidado, a maternidade, a sensibilidade.

Na seção “Por amor mandou, quando viu espalhou”, discuto os compartilhamentos não consentidos, empregando a relação estabelecida entre “Ética e Cuidado de Si”, de Foucault (2014c). Exponho como a ética está inscrita na produção de subjetividade dos/as jovens. Questiono as abordagens que classificam as práticas sexuais dos/as jovens como arrebatamentos inconsequentes da idade aponto que, suas demandas, envolvem exercícios de reflexividade e ação.

Na seção “Meus nudes, minhas regras”, apresento o sexting como uma prática sexual em que os/as jovens empregam a capacidade de refletir sobre a ação e o poder de resistir às normas. Destaco que o sexting produz a reiteração do gênero, porém existem fissuras dentro da prática para processos inventivos de resistência perante as normas. Dentre os deslocamentos ocorrem possibilidades sociais de recombinações e a emergência de sujeitos múltiplos, cujas subjetividades se ordenam à margem das normas sociais (BUTLER, 2017). As narrativas das/os jovens transitam entre uma perspectiva de superação dos padrões impostos e um movimento de permanência e reprodução dos mesmos, construídos como naturais e próprios às relações afetivas e sexuais entre os sexos.

Nas considerações finais – #TBT³⁷ em qualquer dia da semana – retomo algumas reflexões sobre as análises expostas no decorrer do texto. Projeto algumas possibilidades de futuras abordagens sobre a temática.

³⁶ O dispositivo amoroso, conjuntamente com a heterossexualidade compulsória, é articulado na construção do feminino (SWAIN, 2008). As teóricas Monique Wittig (2001), Adrienne Rich (2010) e Gayle Rubin (2017) são as pioneiras na discussão sobre a heterossexualidade não mais como prática sexual, mas como regime político e uma imposição normativa. A expressão “heterossexualidade compulsória”, que foi elaborada por Adrienne Rich (2010), compreende a heterossexualidade como uma instituição política, na qual a mulher tem sido parte da propriedade emocional e sexual dos homens e sua autonomia e igualdade ameaçam a família, a religião e o Estado. A heterossexualidade compulsória, para as mulheres, consiste em todo o aparato do dispositivo da sexualidade voltado para a “construção do feminino, em torno do sexo-categoria, da castração, da falta. É também o empenho social do seduzir, de ter como objetivo principal o casamento” (SWAIN, 2010).

³⁷ Tbt significa a abreviação de *Throwback Thursday*, expressão em inglês que pode ser traduzida literalmente como “Quinta-feira do Retorno” ou “Quinta-feira do Retrocesso”. O seu uso é muito comum nas redes sociais como uma *hashtag* (#TBT ou #ThrowBackThursday) usada às quintas-feiras, principalmente para marcar fotos e publicações que remetem a algo ocorrido no passado

A ordenação escolhida neste texto visa explorar uma prática sexual que extrapola a tela dos aparelhos celulares e “alcança as formas como compreendemos a nós mesmos e, sobretudo, a forma como somos levados a ver o outro” (MISKOLCI, 2006, p. 682). As vivências juvenis são produções inventivas de si mesmo, circunscritas por determinações exteriores. Nesta análise estabeleço interfaces entre os processos de subjetivação dos/as adolescentes e as práticas sociais, as que oportunizam por meio de experiência consigo mesmos/as e com os/as outros/as.

Concluo que a prática do sexting constrói as subjetividades dos sujeitos por meio de sua experiência. O processo de troca de nudes reforça as diferenças de gênero socialmente construídas, contribuindo em torná-las aparentemente naturais e permanentes, conforme será discutido mais adiante neste trabalho. O envio de nudes é uma prática prostética que produz tipos de feminilidades e masculinidades com os quais os sujeitos podem se identificar ou não, de acordo com as suas experiências e o momento que estão vivenciando. Vale ressaltar que, as escolhas dos sujeitos em relação a certos tipos de feminilidades e masculinidades são reguladas culturalmente. Porém, também existe lugar para a transgressão das normas hegemônicas.

2 TEM NUDES NA ESCOLA? TEM SIM, SENHORA!

O modelo interpretativista empregado nesta pesquisa aglutina métodos e práticas típicos da pesquisa qualitativa. Dado o interesse em "entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto" (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34), ela apresenta procedimentos para revelar questões implícitas, muitas vezes imersas na cotidianidade de ações sociais, não facilmente perceptíveis ao olhar de quem participa ativamente dessas ações.

Estruturo a análise dessa pesquisa sob a perspectiva interpretativista, ressaltando o modo como os/as adolescentes vivenciam diretamente o cotidiano e imbuem de significado as suas atividades. Investigo como elas e eles estabelecem e sustentam uma regularidade social em relação à construção de seus corpos, sexualidade, gênero e subjetividades. Analiso os sistemas de poder/conhecimento que, localizados histórica e culturalmente, constroem os/as adolescentes e seus mundos (GUBRIUM & HOLSTEIN, 2000).

O detalhamento de uma situação específica, como a troca de nudes, evidencia a visão que os/as participantes têm da prática, fator primordial para a construção e análise dos dados. A interpretação dos dados obedece às variações situacionais, como o lugar em que o fenômeno está inserido e em qual período de tempo ele está sendo analisado (MOITA LOPES, 1994).

2.1 PRA TER NUDES TEM QUE CONVERSAR

A trajetória para encontrar uma escola que tivesse as características estipuladas para a pesquisa contou com alguns percalços que envolveram, por exemplo, negativas de direções de escolas. Após aproximadamente um mês de procura, por intermédio de uma colega, tive êxito em conseguir contato com uma escola da zona norte de Curitiba.

Na data agendada, pela manhã, após o recreio, ocorreu uma reunião para apresentação da pesquisa e de seus objetivos. Fui encaminhada para a área reservada ao setor da direção e dos professores. Na sala da direção fui recebida pela pedagoga dos terceiros anos e pelo vice-diretor.

Realizadas as apresentações, expliquei os objetivos da pesquisa e a metodologia do grupo focal. Conversamos sobre os casos de sexting entre os/as estudantes e de compartilhamentos sem autorização de vídeos e fotos ocorridos recentemente no interior da escola. O vice-diretor prontamente permitiu a efetivação da pesquisa.

Devido ao calendário escolar, a equipe pedagógica sugeriu que eu deveria realizar na semana seguinte o grupo focal piloto para não coincidir com a semana de provas dos/as estudantes. Naquele mesmo dia marcamos as datas de realização das atividades e os/as estudantes participantes foram selecionados/as.

Para escolha dos/as participantes que contribuiriam no grupo focal, deixei a critério da escola que realizasse o convite entre estudantes das turmas dos três anos do Ensino Médio. O primeiro grupo focal piloto foi destinado aos terceiros anos. Essa atividade serviu para avaliação do instrumento. O grupo deveria ter no mínimo seis e no máximo dez integrantes, de ambos os sexos, com idade entre 15 e 18 anos. O número de participantes no grupo seguiu a orientação de estudos que indicam o número ideal entre seis a dez sujeitos (LUNT E LIVINGSTONE, 1996, p. 86). O convite para o segundo grupo foi realizado nas turmas de primeiros e segundos anos.

Naquela mesma manhã, a pedagoga pediu para que eu explicasse a pesquisa aos/as jovens interessados/as. Descrevi os objetivos da pesquisa e, ao final da explicação, três adolescentes recusaram o convite para participar. Evidencio que nenhum/a dos/das jovens participantes conhecia o fenômeno pelo termo sexting. No entanto, todos/as estavam familiarizados/as com a expressão "mandar nudes". Os/As estudantes que aceitaram participar da atividade receberam o documento de autorização dos/das responsáveis (Anexo 1).

Uma semana após o primeiro contato com as/os estudantes, retornei à escola para desenvolver o grupo focal piloto com os terceiros anos. A pedagoga reservou uma sala para a atividade. Organizei as cadeiras no formato oval para que todos/as pudessem ver, falar e ouvir da melhor maneira. Uma música foi executada pelos alto

falantes, indicando o início da segunda aula. Os/as estudantes voluntários/as começaram a chegar com os termos de autorização dos/as responsáveis nas mãos. Dois estudantes faltaram naquele dia, porém os/as oito estudantes que haviam se comprometido retornaram e assumiram seus lugares como sujeitos da pesquisa. Sendo assim, o grupo focal piloto foi constituído de estudantes dos terceiros anos com idade entre 15 e 18 anos, quatro garotas e quatro garotos.

O principal procedimento técnico empregado para a produção de dados foi o grupo focal, constituído em grupos de discussão que oportunizaram o debate sobre o sexting. Ao se voluntariarem para o debate, os/as participantes realizaram um processo de interação grupal em que apresentaram e discutiram suas ideias sobre o assunto. O propósito desse instrumento foi o de me aproximar dos detalhes do universo de pesquisa, além de auxiliar no estabelecimento da rede de interlocutores/as e fornecer condições para elaborar o problema a ser investigado.

Ressalto a capacidade que os grupos focais apresentam de recriar situações de conversação cotidiana; ocasiões sociais em que as habilidades críticas dos/as participantes emergem ao trocarem experiências, apresentarem pontos de vista e argumentos acerca de um determinado tema ou assunto.

O grupo focal não é um agregado conveniente de opiniões individuais, mas uma simulação desses contextos comunicativos rotineiros, mas relativamente inacessíveis, que nos ajudam a descobrir os processos através dos quais o sentido é socialmente construído através da fala cotidiana. (LUNT E LIVINGSTONE, 1996, p. 85).

A posição de mediação é necessária para facilitar as discussões, encorajando os depoimentos e assegurando espaço para que todos/as os/as participantes se expressem. Além de realizar sínteses, retomando o foco da discussão e confirmando as informações sempre que necessário. Segui as recomendações indicadas ao mediador/a, que é falar pouco e ouvir mais, fazendo intervenções somente quando necessário, para manter o debate dentro do assunto e em consonância com as orientações de estudos sobre o grupo focal (LUNT E LIVINGSTONE, 1996).

O grupo focal permite ouvir os/as próprios/as adolescentes, antes de elaborar qualquer premissa sobre o envolvimento deles/as com esta prática. O grupo focal com os/as adolescentes teve como objetivos específicos: observar as relações de gênero no sexting e perceber a inserção da prática no ambiente escolar. Por meio dos dados

produzidos, por este instrumento, surgiram as primeiras análises sobre o fenômeno observado.

Foram realizados dois grupos focais para indicar as percepções dos/das jovens sobre a prática do sexting. Primeiramente, foi desenvolvido um grupo focal como ferramenta para aferir o próprio instrumento de produção de dados, para posteriormente avaliar e reformular o instrumento na produção de dados.

Os dados do segundo grupo focal constituíram a base de análise do texto apresentado. Aliado ao grupo focal empreguei um questionário como instrumento para produzir dados dos/das estudantes sobre a prática do sexting. Aplicado aos mesmos/as participantes dos grupos focais, o questionário foi empregado com a finalidade de obter dados relacionados às questões pessoais dos/as jovens, buscando evitar constrangimentos com perguntas e respostas sobre suas experiências pessoais.

O questionário pode ser empregado tanto em pesquisas quantitativas, como em pesquisas qualitativas,

[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (GIL, 1999, p.128).

Saliento que o questionário adotado não teve a intenção de quantificar dados ou de produzir estatísticas sobre o sexting. Sua aplicação foi pensada para evitar possíveis constrangimentos durante a dinâmica sobre assuntos relevantes à pesquisa. As questões do questionário foram elaboradas no formato de múltipla escolha, com o propósito de produzir dados sobre a prática ou não do sexting, frequência, modo de conectividade, entre outros aspectos do fenômeno. Este instrumento foi baseado em exemplos apresentados por Kosenko, Lurus e Binder (2017), os quais possuem estudos quantitativos sobre o sexting.

Desenvolvi a dinâmica testando o roteiro previsto e o questionário elaborado. Os/As estudantes participaram conforme a dinâmica da atividade foi sendo proposta. Não houve antecipação de questões. Neste primeiro momento, observei que alguns pontos do roteiro do grupo focal necessitavam de ajustes, tais como a redução do tempo dedicado às informações sobre uso de celular e sobre as redes sociais. Percebi

que, como moderadora, deveria conduzir o grupo a discutir mais sobre os possíveis motivos de envio e de pedidos de nudes, além de ressaltar a diferença entre compartilhamentos de pessoas conhecidas e desconhecidas.

Descartei os dados recolhidos no grupo piloto, porque não obedeciam aos mesmos critérios de aplicação do grupo posterior. Categorizei e analisei somente os dados obtidos no segundo grupo focal. As informações deste primeiro grupo serviram para indicar que o sexting é um fenômeno social em que todos/as os/as jovens consultados/as tiveram contato de alguma forma com a prática, seja no recebimento, no envio ou no compartilhamento dos nudes. No interior da escola os casos envolvendo nudes são frequentes. Alguns chegam à ciência da direção e do setor pedagógico. Segundo os relatos dos/as participantes do grupo, a maioria dos compartilhamentos restringem-se ao domínio dos/as estudantes.

2.2 EM UMA ESCOLA PERTO DE VOCÊ

A escola onde foram desenvolvidos os grupos focais pertence à Rede Estadual de Ensino do Paraná e atende mais de 1000 (mil) estudantes de Ensino Fundamental e Médio, nos turnos da manhã e da tarde. Com aproximadamente 30 turmas e localizada na região norte do município de Curitiba – PR. Sua fundação data do início dos anos de 1960. Mantereí o nome da escola no anonimato para proteger os/as estudantes que fizeram parte dos grupos focais.

Em sua estrutura física, a escola possui uma área administrativa composta por recepção, sala da direção, sala da vice-direção, secretaria, salas para a equipe pedagógica, banheiros para professores/as e funcionários/as e sala dos professores/as. Possui dezesseis salas de aula, laboratório de Ciências-Química-Física, Salão Nobre, biblioteca, sala de apoio pedagógico, laboratório de informática e espaço de digitação/fotocópias. Duas quadras poliesportivas, cantina comercial, cozinha, pátio coberto, sala para funcionários/as do serviço geral, banheiros para os estudantes/as e refeitório.

Os/As estudantes são moradores/as dos bairros da região norte da cidade como São João, Tingüi, Bacacheri, Bairro Alto, Santa Cândida, Atuba e de cidades da região metropolitana de Curitiba como Colombo, Quatro Barras e Pinhais. Utilizam para sua locomoção bicicletas, transporte público, vans escolares e/ou carros particulares.

Segundo os dados fornecidos pela escola, a maioria dos/as estudantes reside com os pais, cujo grau de escolaridade predominante é o Ensino Médio. As famílias dos/as estudantes são compostas por trabalhadores/as urbanos de diferentes setores do mercado, com rendas diversificadas, que exercem profissões liberais, servidores/as públicos, professores/as de ensino fundamental e médio, militares, comerciantes, domésticas, motoristas, trabalhadores/as de indústrias e do comércio.

A escola possui um quadro fixo de professores/as, o que significa, segundo a equipe pedagógica, que há pouca troca desses profissionais com o passar do tempo. Esse fator colabora para o bom desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB³⁸ de 2017. Os anos finais do Ensino Fundamental obtiveram a nota aproximada de 5,9³⁹. Muitos estudantes do Ensino Médio continuam seus estudos ingressando no ensino superior, inclusive na Universidade Federal do Paraná, cujo vestibular é o mais disputado do Estado.

A participação dos familiares, segundo a direção e equipe pedagógica, representa uma porcentagem modesta se considerado o número total de alunos do ensino fundamental e médio. A frequência em reuniões e palestras atinge em média 30% de responsáveis dos/as estudantes.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da Escola – PPP (2014), um dos princípios que norteiam as ações da escola é a Gestão Democrática com atuações participativas de representantes de toda a comunidade escolar no Conselho Escolar, na Associação de Pais, Mestres e Funcionários e no Grêmio Estudantil.

³⁸ IDEB é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. O último IDEB, realizado em 2017, declara a nota do Brasil sendo 5,8 nos anos iniciais, 4,7 nos anos finais e 3,8 no Ensino Médio. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

³⁹ Os dados são aproximados visando manter o nome da escola em sigilo. Disponível em: <<https://qedu.org.br/cidade/3265-curitiba/ideb/ideb-por-escolas?dependence=5&grade=2&edition=2017>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

O Grêmio Estudantil é a principal representação política dos/as estudantes, com eleições diretas a cada dois anos. Tem o objetivo de proporcionar a participação efetiva dos/as discentes no processo educacional e cultural, porém, sem autonomia total em suas ações, pois necessitam de um/a professor/a tutor/a que valide suas ações e intervenções na escola.

A escola adota uniforme. Porém, o mais comum é a utilização de sua calça e camiseta. Alguns possuem o moletom e outros a jaqueta da escola. Conforme minhas observações durante as visitas à escola são poucos/as estudantes que não usam nenhuma das peças do uniforme.

2.3 EU QUE LUTE!⁴⁰ – RELATOS DOS GRUPOS FOCALIS

Os procedimentos preliminares sugeridos pela literatura referente à condução de grupos focais foram observados, tanto no primeiro grupo quanto no segundo grupo focal, o qual foi realizado duas semanas após o piloto. Participaram desta segunda coleta de dados, dez estudantes representantes de 1.^{os} e 2.^{os} anos. Alguns se conheciam, seis garotas e quatro garotos. Com idades entre 15 e 18 anos. Todos/as contavam com autorização prévia dos/as responsáveis para participarem desta fase da pesquisa.

Apresentei novamente a pesquisa, desta vez com mais detalhes. Expliquei a importância de suas participações como sujeitos da pesquisa. Ressaltei as questões relacionadas à ética da pesquisa. Em seguida apliquei o questionário (Anexo 2) aos/às participantes. Na sequência, informei sobre a metodologia do grupo focal que empregaria, ressaltando que nossa conversa seria gravada, para depois ser transcrita e analisada, como havia feito no grupo focal piloto.

Com o roteiro do grupo focal (Anexo 3) previamente estipulado, iniciei com perguntas relacionadas à utilização das redes sociais e aos compartilhamentos, primeiramente enfocando situações com pessoas desconhecidas, depois com jovens

⁴⁰ Expressão usada por usuários(as) da internet para enfatizar algo que deve ser conquistado com dificuldades.

conhecidos da escola. A conversa fluiu com algumas participações mais tímidas, outras mais acaloradas. Em determinados momentos, como mediadora, precisei intervir para garantir que todos tivessem o mesmo direito de expor suas ideias.

Em seguida à discussão sobre compartilhamentos de imagens e vídeos, surgiu o tema dos nudes e questões relevantes sobre gênero foram destacadas. Os/As jovens relataram que compartilhamentos de desconhecidos, por exemplo, atores e atrizes famosos, possuem um distanciamento na ação, enquanto que, o compartilhamento de imagens de pessoas conhecidas divide as opiniões. Para alguns/algumas jovens é fundamental avisar o/a jovem que teve suas imagens vazadas e outros admitem compartilhar os nudes sem constrangimento algum. Os casos de bullying e cyberbullying foram lembrados, inclusive os casos que ocorreram na escola.

As motivações para o envio e compartilhamento de imagens de nudes para estes/estas adolescentes, assim como as motivações que levam aos pedidos de recebimento, envolvem subjetividades, afetividades e a vivência da sexualidade. Como o sexting é uma prática social que está inserida nas relações de namoro e de “ficar”, a conversa dos/das estudantes direcionou-se para como os nudes estão relacionados com a sedução e com a afetividade nas redes sociais presentes no cotidiano juvenil.

O sexting é a exposição do próprio corpo, primeiramente a alguém que se tem confiança. Se esta pessoa irá trair essa confiança é um desdobramento de um pacto estipulado entre duas pessoas. O envio de nudes está intrinsecamente relacionado à exposição do corpo. O corpo foi um dos assuntos que mais gerou debate entre os/as participantes, que relataram casos de bullying e narraram depoimentos sobre transtornos alimentares, autoestima e a procura pelo corpo perfeito.

Os posicionamentos de algumas estudantes em relação à prática do sexting indicaram preocupações em seus relatos e questionamentos sobre se as garotas que fazem sexting “não são para namorar”, se “são consideradas putas”, se “os caras saem como fodões e as meninas como vagabundas”. Para os garotos as pressões que eles sofrem estão vinculadas a exporem sua virilidade frente às garotas e ao medo constante de sofrerem compartilhamentos de seus nudes.

Posteriormente, aos 60 minutos de conversa, encerramos o grupo focal. Os/As estudantes me agradeceram por ouvi-los/as, destacaram que momentos como aquele eram importantes para discutir os posicionamentos dos/das jovens.

É necessário ressaltar que nenhum/a dos/das estudantes indicou manter relações afetivas e/ou sexuais com indivíduos do mesmo sexo. Logo, as considerações nesta análise referem-se a sujeitos que se identificaram como heterossexuais.

Os dados do grupo focal foram analisados enquanto fontes orais. Para facilitar esse trabalho, realizei a transcrição das falas dos/das participantes sendo o mais fiel possível às ideias esboçadas. Estando na forma de texto, analisei a fonte oral como qualquer outro documento, fazendo perguntas e verificando o que podia usufruir dessa fonte, tirando dela as evidências e os elementos que contribuíram para resolver o problema de pesquisa.

A análise dessa pesquisa foi desenvolvida por meio de sistematização e codificação temática (MILES, HUBERMAN E SALDAÑA, 2014), em que se pretende alcançar os objetivos previstos. Aplico o método de codificação temática que compila os dados obtidos e os separa em grupos por núcleos temáticos, posteriormente interpretados (ROBSON, 2011).

Os dados coletados foram analisados e sistematizados seguindo os procedimentos descritos a seguir:

1. Na transcrição dos dados observei a fala dos/das participantes, respeitando a confidencialidade e o anonimato dos/as adolescentes.
2. Na fase da pré-exploração dos dados por meio de leituras do corpus das narrativas do grupo focal, as leituras de todo o material foram realizadas com o intento de apreender e organizar de forma não estruturada os aspectos relevantes para as próximas fases da análise. Realizei várias leituras de todo o material coletado, a princípio de modo descompromissado com a sistematização, pretendendo perceber as principais ideias e significados. Nesta fase da análise ocorreu uma interação significativa com o material analisado. Muitas das impressões na condução do grupo focal com os/as adolescentes afluíram em minha lembrança e auxiliaram na condução deste procedimento. Nesta etapa, empreguei uma leitura menos sistemática, em que ocorreu a visualização primária de pistas e indícios não óbvios.

3. Posteriormente, foram selecionadas as unidades de análise (ou unidades de significados) que incluíram palavras, sentenças, frases e parágrafos decorrentes das falas dos/as adolescentes. Agrupei as ideias que surgiram em:

- Conectividade
- Redes sociais
- Prática do sexting
- Relações de gênero
 - ✓ Tecnologias de gênero
 - ✓ Hierarquias de gênero
 - ✓ Interação sexual
- Compartilhamentos
 - ✓ Compartilhamentos não consentidos
- Corpo
- Zoação e Bullying

4. A codificação foi escolhida por permitir a adoção de um conjunto de categorias como ponto de partida (análise de conteúdo).

5. Como forma de validar os dados produzidos referentes a esta pesquisa, empreguei a triangulação de dados, que consiste no uso de múltiplas ferramentas de produção de dados para investigar o mesmo fenômeno, proporcionando o cruzamento de informação e promovendo uma maior reflexão (FLICK, 2009). Com esta finalidade, utilizei o grupo focal e o questionário para diminuir as dúvidas e afirmar as evidências elencadas nesta análise inicial.

Como este estudo envolve seres humanos, alguns procedimentos foram adotados com a preocupação em realizar uma pesquisa ética, para garantir a segurança de todos/as envolvidos/as. Seguem as ações realizadas com este propósito:

A) Coleta de dados realizada em uma instituição pública de ensino. Todas as exigências legais foram obedecidas para conseguir as autorizações necessárias para a realização dos instrumentos de pesquisa.

B) Obedecendo a hierarquia existente na escola, a direção, as pedagogas, os/as professores/as e estudantes participantes foram devidamente informados sobre os objetivos da pesquisa.

C) Por se tratar de uma pesquisa em que muitos participantes não possuíam a maioria exigida por lei, observando essa premissa, primeiramente, foi levada em conta a vontade dos/das estudantes em participar e depois a autorização de seus/suas responsáveis. Após os esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa, alguns estudantes se recusaram a participar. No entanto, todos os/as estudantes que concordaram em participar obtiveram permissão de seus/suas responsáveis.

D) A produção dos dados foi realizada sem alterar a rotina da escola e dos/as estudantes. O grupo focal foi realizado durante aulas em que os/as professores/as das turmas envolvidas desenvolveram atividades que não constituíram em parte da avaliação individual dos/das estudantes, nem foram introduzidos conteúdos novos ou que trariam qualquer tipo de defasagem pedagógica.

E) Para que a pesquisa não fosse intrusiva, foi adotado um questionário anônimo com os/as 10 participantes do grupo focal, com perguntas pessoais sobre a prática do sexting, deixando-os à vontade para responder ou não. O anonimato dos/das participantes foi garantido de forma a evitar qualquer consequência advinda dos resultados da pesquisa.

F) Para a proteção dos sujeitos envolvidos na pesquisa, seus nomes foram trocados no corpo do texto, assim como o nome da escola.

G) Para que os/as participantes tivessem referência do que se tratava a pesquisa antes da efetivação do grupo focal, foi realizada uma conversa rápida com os/as estudantes convidados/as, explicando o que significava o termo sexting e os objetivos da pesquisa. Garantindo que os/as participantes não ficassem constrangidos/as com a temática e já tivessem sido advertidos sobre os instrumentos de coleta de dados.

H) Os primeiros resultados da pesquisa foram expostos na Formação Pedagógica de Professores, no dia 01 de outubro de 2018, em uma palestra para os/as professores/as da escola. Essa ação foi realizada como contrapartida ao acolhimento da pesquisa pela escola. Esse encontro possibilitou a apresentação dos dados, possíveis intervenções pedagógicas sobre a prática do sexting e troca de informações sobre a temática.

I) Após a defesa desta pesquisa, pretendo entregar à escola uma cópia impressa do trabalho e sugerir um encontro com os/s estudantes e professores/as para apresentar seus resultados

2.4 MAMADEIRAS DE PIROCA, ESCOLA SEM PARTIDO E IDEOLOGIA DE GÊNERO

As primeiras atividades de pesquisa envolvendo a escola ocorreram em abril de 2018. Tentei retornar em novembro para obter mais informações, logo após a qualificação da tese. Entrei em contato com a escola explicando que existiria necessidade de conversar com os/as estudantes participantes do grupo focal para sanar algumas dúvidas. A equipe pedagógica me informou que não seria possível o meu retorno à escola para tratar de temas que envolvessem sexualidade. A pedagoga me explicou que após o período de campanha política de 2018, o número de denúncias junto a Secretaria Estadual de Educação de pais de estudantes aumentou. Tais denúncias afirmavam que a escola e professores/as tratavam de assuntos da “ideologia de gênero” e da “Escola sem Partido”. Segundo a equipe pedagógica e a direção da escola, minha pesquisa sobre o sexting poderia suscitar novas denúncias junto à Secretaria Estadual de Educação.

A recusa da escola em receber novamente a pesquisa indicou um cenário de alerta, em que a Educação⁴¹ institucional se encontra refém da propagação da ideia de um ensino “sem doutrinação e sexualização precoce”, além do combate incessante de uma suposta forte “doutrinação marxista” e a tentativa de rechaçar o educador Paulo Freire, o patrono da Educação brasileira. Essas ideias ganharam uma proporção imensurável e a população passou a replicar esse discurso, sem compreender necessariamente o seu significado político.

A escola não deixa de ser um lugar sexualizado, mesmo com a tentativa de se retirar as discussões de gênero e de sexualidade do seu interior, em que os moralismos exacerbados dos militantes de ideias conservadoras se tornam inflamadas. O ambiente escolar é um espaço privilegiado para emergência das

⁴¹ Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando à formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal (LIBÂNEO, 2001, p. 10).

questões relacionadas à sexualidade, pois em seu interior diversos sujeitos convivem e se relacionam.

Retomo alguns acontecimentos que desvelaram um país em que a população se mostra propícia à emissão de opiniões extremadas e de atitudes conservadoras, violentas, racistas, sexistas e homofóbicas.

Primeiramente, as duas últimas eleições à Presidência da República, expuseram a cisão do país em dois grupos polarizados, simbolizados pelas candidaturas de Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores - PT) e Aécio Neves (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB) em 2014 e entre as candidaturas de Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal - PSL) em 2018.

Simultaneamente ao cenário político, dois movimentos contribuíram para a propagação de ideias conservadoras relacionadas diretamente a sexualidade e as escolas, o “Projeto Escola sem Partido” e “ideologia de gênero”

O projeto “Escola sem Partido” – Projeto de Lei n.º 193/2016, Projeto de Lei n.º 1411/2015 e Projeto de Lei n.º 867/2015 – visa “eliminar a discussão ideológica no ambiente escolar”, restringindo os conteúdos de ensino a partir de um suposto entendimento de neutralidade do conhecimento. Refere-se a uma elaboração que contraria o princípio constitucional do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, assim como o da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, considerando como válidos determinados conteúdos que servem à manutenção do *status quo* e como doutrinários/as aqueles/as que representam uma visão crítica (GADOTTI, 2016, p.149).

Durante o ano de 2017, dois projetos idênticos tramitavam, respectivamente, na Câmara e no Senado Federal, de autoria do deputado Izalci Lucas Ferreira (PSDB – DF) e do senador Magno Malta (PR – ES), com a proposição de alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação⁴² para a inclusão do projeto “Escola sem Partido”. Em 21 de novembro de 2017 o senador Magno Malta retirou seu projeto do tramite do Senado, após a rejeição do relatório pelo senador Cristovam Buarque (PPS-DF).

O “Projeto Escola sem Partido” contesta, nega e propõe a retirada de discussões sobre a sexualidade, corporeidade, gênero, raça e direitos humanos das

⁴² Lei n.º 9394 de 20 de dezembro de 1991. Lei que regula o sistema educacional em todo o país. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 14 mai. 2018.

pautas escolares (BRAIT, 2016, p. 161-165). O projeto recebe a proposta do deputado Rogério Marinho (PSDB – RN) que sugere cerceamento da liberdade de aprender e ensinar, alterando o Código Penal⁴³. Essa inclusão indica detenção de três meses a um ano para os/as professores/as, coordenador/a, educador/a, orientador/a educacional ou psicólogo/a escolar que praticar “assédio ideológico” em suas aulas.

O projeto “Escola sem Partido” pressupõe que existam duas modalidades de escola: uma que articula em suas atividades pedagógicas relações político-partidárias e outra sem qualquer tipo de vínculo partidário. Suas proposições promovem a necessidade de defesa das instituições de ensino por partidos políticos, especialmente os partidos de esquerda. Nos discursos em defesa à suas pautas, os/as estudantes estariam sujeitos a uma “doutrinação marxista” durante as aulas, principalmente nas relacionadas às áreas de Humanas (história, geografia, sociologia e filosofia). Mediante esse discurso, o movimento consegue obter aliados/as que desconhecem o cotidiano escolar.

O movimento “Escola sem Partido” evidencia a disputa de qual seria o caráter educacional próprio da escola (PENNA, 2016). O/A professor/a agiria como um/a instrutor/a em que sua atuação deve se limitar a transmitir “a matéria objeto da disciplina”, evitando discutir e emitir opiniões pessoais sobre os conteúdos e acontecimentos do cotidiano, principalmente sobre aqueles assuntos relacionados à política, à cidadania e aos direitos humanos. Trata-se de uma interpretação equivocada da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, em seu Artigo 12 (1969), que garante aos pais o direito de que seus/suas filhos/as recebam educação moral e religiosa conforme as convicções familiares, vedando ao Estado qualquer medida restritiva que limite a sua liberdade de mudar ou conservar sua religião ou suas crenças (PENNA, 2016).

A educação na perspectiva desse movimento é responsabilidade exclusiva das famílias, o que contraria diretamente a Constituição brasileira, especialmente o artigo 205 desse documento.

⁴³ Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Lei que institui os preceitos para a penalização de crimes no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De12848compilado.htm>. Acesso em: 14 mai. 2018.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

A proposta do programa “Escola sem Partido”⁴⁴ visa orientar a educação nacional, porém a Constituição determina quais são esses princípios no artigo citado anteriormente. Comparando as intenções dos dois documentos, Penna (2016) aponta que o programa mutila intencionalmente os princípios presentes na Constituição. A “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”, garantido pela Carta Magna, reduz-se no programa à “liberdade de aprender, como projeção específica, no campo da educação, da liberdade de consciência”. Enquanto a Constituição determina o “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”, o programa restringe o “pluralismo de ideias no ambiente acadêmico”. Segundo a proposta, “não existe liberdade de expressão no exercício estrito da atividade docente”, ou seja, o projeto usurpa dos/as professores/as a liberdade de expressão, garantida a todos/as os/as brasileiros/as pela Constituição Federal – Art. 5.º, IX. (PENNA, 2016).

As reivindicações do projeto “Escola sem Partido” possuem em sua estrutura:

[...] a defesa da família e de um certo arcabouço de valores, com ênfase numa orientação patriarcal e heteronormativa; imposição de uma separação entre assuntos que podem ser abordados na escola e assuntos que só devem ser tratados no espaço privado do lar; desconfiança de instituições e agentes identificadas como promotoras de interesses estatais e governamentais – escolas e professores. (PENNA & SALLES, 2017, p.15).

A discussão do projeto de lei “Escola sem Partido” extrapola o âmbito legislativo, ganha repercussão na sociedade e transforma-se em movimento político. Grupos formados por neopentecostais e católicos/as, a partir de 2010 concentram forças na defesa de suas pautas, especialmente as relacionadas ao gênero e sexualidades. O argumento principal é impulsionado nacionalmente por meio da propagação da ideia de que os/as estudantes são alvo de uma suposta doutrinação

⁴⁴ Este documento possui 16 páginas e é dividido em 11 tópicos. Defende a existência de uma natureza humana dada, cuja origem é uma lei natural e imutável, que foi criada por Deus e atestada cientificamente pela biologia.

política e de que os valores morais da família cristã são afrontados por uma suposta ideologia de gênero na escola.

Os setores conservadores presentes em instâncias de governo, nos âmbitos executivos e legislativos, assumem a defesa do movimento e passam a interferir, principalmente na condução de políticas públicas relacionadas à Educação que estavam em curso. Conseqüentemente, ocorrem retaliações diretamente ligadas aos temas de gênero, como a interrupção de programas de formação de professores/a, corte de verbas dos programas e a distribuição de materiais pedagógicos sobre as temáticas correlacionadas à sexualidade, educação sexual e direitos humanos.

A expansão do movimento “Escola sem Partido” promove campanhas para a supressão de qualquer menção às questões de gênero e orientação sexual no texto do Plano Nacional de Educação⁴⁵ – PNE e nos respectivos planos estaduais e municipais. Em muitas cidades e estados brasileiros tal estratégia garante a eliminação dos temas sobre sexualidade, gênero e educação sexual nos documentos norteadores.

A “Escola sem Partido” possui o propósito de eliminar as discussões políticas, enquanto esfera de debate e formação do pensamento livre. Tornou-se instrumento de disputa de poder para respaldar os retrocessos no campo dos Direitos Humanos, especialmente após o Golpe de 2016⁴⁶ (CATELLI, 2016).

Concomitantemente ao movimento “Escola sem Partido”, transcorre a emergência de posicionamentos conservadores relacionados à educação. Tal fenômeno não é exclusivamente percebido no Brasil. Originário de um conjunto de fatores, dentre eles o ativismo religioso reacionário, emprega como tema mobilizador

⁴⁵ Plano Nacional de Educação (PNE) determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional de 2014 – 2024. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

⁴⁶ No dia 16 de abril de 2016, parlamentares brasileiros – deputados/as e senadores/as – envolvidos/as em casos de corrupção instituíram um processo de destituição contra a presidenta Dilma Rousseff, pretextando irregularidades contábilísticas, “pedaladas fiscais”, para cobrir déficits nas contas públicas – uma prática corriqueira em todos os governos anteriores. Ela foi acusada de manobras fiscais – chamadas de “pedaladas fiscais” – com base na interpretação dominante da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Prática comum entre a maior parte dos governadores estaduais. Dilma foi inocentada das acusações pelo Ministério Público. Seus acusadores e juízes no Congresso, em grande medida, ignoraram os pretensos crimes e justificaram sua condenação por motivos que não estão na lei. Para finalizar, logo após o impedimento da presidenta foi aprovada uma lei que elimina a incerteza sobre a interpretação da LRF e assegura que aquelas manobras são aceitáveis.

o “gênero”⁴⁷. Os/As conservadores/as extremistas atacam os termos e os significados de “gênero”, “ideologia de gênero” e “teoria do gênero”, empreendendo ações políticas baseadas em valores morais tradicionais e doutrinas cristãs dogmáticas (JUNQUEIRA, 2017, p. 25).

O conceito de “ideologia de gênero” é um instrumento político-discursivo com dimensões globais. Fundamentado em um modelo totalitário de educação, cuja finalidade é provocar a alteração nas pautas morais, principalmente por meio da educação escolar (SCALA, 2010). O conceito “teoria/ideologia de gênero”, salvaguardadas suas variações, foi originado na Igreja Católica entre meados da década de 1990 e no início dos anos 2000. Divulgado por intermédio de desígnios do Conselho Pontifício para a Família e de conferências episcopais (JUNQUEIRA, 2017, p. 26).

Em abril de 1998, o termo “ideologia de gênero” circula pela primeira vez em um documento eclesial elaborado na Conferência Episcopal do Peru, intitulada “La ideologia de género: sus peligros y alcances”, redigido pelo monsenhor Oscar Alzamora Revoredo, conhecido por sua posição ultraconservadora como Bispo Auxiliar de Lima (JUNQUEIRA, 2017, p. 33). Emerge a luta contra a “ideologia de gênero” na América Latina (MISKOLCI&CAMPANA, 2017, p. 727), a datar da divulgação de seu conceito no “Documento de Aparecida”, elaborado na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – Celam/2007.

A “ideologia de gênero” organiza um instrumento retórico e estratégico, institui uma espécie de “pânico moral” visando a desinstitucionalização de políticas de reconhecimento do Estado brasileiro aos direitos dirigidos à população LGBTI+ e às mulheres (MISKOLCI & CAMPANA, 2017). Agrega setores conservadores da Igreja Católica e das igrejas neopentecostais, além de seguidores laicos dessas religiões e

⁴⁷ Dentre as pautas de caráter conservador que foram submetidas ao Congresso Nacional está o projeto da “Cura Gay”, que apresentava um decreto legislativo que autorizava uma série de terapias com o objetivo de auxiliar a mudança da orientação sexual, deixando o paciente de ser homossexual para ser heterossexual, e o “Estatuto da Família” que propondo a união heterossexual como a única estrutura familiar legítima e com direito de acesso aos benefícios propostos em lei.

as organizações Pró-vida⁴⁸. No entanto, a luta contra a “ideologia de gênero”⁴⁹ ultrapassou os espaços religiosos, ganhando destaque em ambientes de decisão política.

A luta contra a “ideologia de gênero” se posiciona contra os avanços sociais na América Latina. Principalmente, aqueles relacionados aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, a descriminalização do aborto, o reconhecimento de casais do mesmo sexo, a inclusão da educação sexual nas escolas, o reconhecimento de identidades não-heterossexuais, entre outras questões.

Dentre seus defensores estão sujeitos que atuam no interior de instituições governamentais, que se engajam na causa por diversas razões, inclusive por considerar a pauta “ética, moral e/ou política” (MISKOLCI&CAMPANA, 2017). Destaco dentre essas pessoas, o então candidato à presidência da República em 2018, Jair Messias Bolsonaro, que empregou, na base de sua campanha política, as pautas do movimento “Escola sem Partido” e “ideologia de gênero”.

Uma das estratégias empregadas para conseguir votos na eleição de 2018 foi a divulgação de notícias falsas, as chamadas *fake news* pelo WhatsApp⁵⁰. Os conteúdos de duas mensagens de grande repercussão foram evidenciadas devido a disseminação do “pavor moral” criado pelas ideias propagadas pela “ideologia de gênero”. As mensagens acusavam o candidato à Presidência Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores – PT, de cometer atos imorais, entre 2005 e 2012, quando ocupou a pasta de ministro da Educação durante os governos de Lula e Dilma Roussef. Os conteúdos das mensagens acusavam o candidato Haddad de ter distribuído, nas escolas e creches do Brasil, mamadeiras com o bico em formato de

⁴⁸São denominados pró-vida, os movimentos que se declaram em defesa da dignidade da vida humana. Conhecidos principalmente por sua oposição ao aborto induzido. Disponível em: <<https://www.semprefamilia.com.br/defesa-da-vida/movimento-pro-vida-se-organiza-e-cresce-no-brasil/>>. Acesso em: 22 dez. 2019.

⁴⁹ Em 24 de abril de Supremo Tribunal Federal (STF) julgou inconstitucional a Lei 1.516/2015 do município de Novo Gama-GO, que impunha proibição de veiculação de materiais e informações nas escolas municipais que continham conteúdo de Ideologia de Gênero. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/opinioao/forum/stf-por-decisao-unanime-enterra-ideologia-de-genero/>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

⁵⁰ A sigla LGBTI+ significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, pessoas Trans e Intersex – LGBTI+.

pênis, “mamadeiras de piroca”⁵¹. Outra acusação contra o candidato do PT, se referia a idealização e distribuição de um suposto “kit gay”⁵².

As narrativas empregadas tiveram efeito positivo perante o eleitorado brasileiro, contribuindo para a eleição de Jair Bolsonaro. O início de seu governo foi pontuado por cortes de verbas para as universidades públicas, especialmente naquelas para bolsas de estudos e de iniciação científica. Além de discursos em que os/as professores/as eram nomeados/as como “doutrinadores/as”, “ideólogos/as de gênero” e “inimigos/as da infância e da família brasileira”. As universidades públicas foram acusadas de serem locais de “balburdia”⁵³, pelo presidente e pelo Ministro da Educação Abraham Weintraub, e os/as estudantes de serem “idiotas úteis” e “massa de manobra”⁵⁴.

Algumas propostas educacionais de Bolsonaro causaram repercussão negativa junto aos/as educadores/as e estudantes. Dentre elas, estimular estudantes a filmarem professores/as que estivessem realizando “doutrinação ideológica” em suas aulas. Esse tipo de prática, além de coagir os/as professores/as com exposição de suas imagens e ideias na internet⁵⁵, constitui uma forma de censura e estimula a violação da liberdade de cátedra. Os/as professores/as possuem liberdade plena para discutir diversos assuntos que considerem relevantes para o ensino em sala de aula, em grupos de pesquisa ou estudos. A Constituição Federal brasileira garante a liberdade de cátedra:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

⁵¹ O termo piroca se refere ao pênis. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/piroca/>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

⁵² O termo é usado por críticos para se referir ao Escola sem homofobia. O material, composto por um caderno e peças impressas e audiovisuais, foi encomendado pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados ao Ministério da Educação (MEC) e elaborado por um grupo de ONGs especializadas, em conformidade com as diretrizes de um programa do governo federal lançado anteriormente em 2004. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html>. Acesso em: 20 dez. 2019.

⁵³ Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

⁵⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/05/15/bolsonaro-chama-manifestantes-de-idiotas-uteis-e-massa-de-manobra-e-recebe-criticas.ghtml>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

⁵⁵ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-divulga-video-de-aluna-que-filmou-professora-em-aula-23628113>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

- II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; [...].

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n.º 9.394/96, também assegura que os/as professores/as tenham liberdade para atuar;

- Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
- I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
 - III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
 - IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância; [...].

Os posicionamentos do presidente Bolsonaro, somados às pautas do movimento “Escola sem Partido” e às ideias contidas no termo “ideologia de gênero”, contrariam os preceitos já citados da Constituição Federal (1988). Além de desconsiderar relevantes documentos relacionados aos Direitos Humanos, especialmente, aqueles que tratam das questões de gênero e violência:

- 70 anos da declaração Universal de Direitos Humanos e suas disposições – 1948.
- Os princípios de Yogyakarta sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero.
- Pacto internacional sobre os Direitos Civis e Políticos – 1966.
- Declaração sobre a eliminação sobre todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções – 1981.
- Declaração da 4.ª Conferência Mundial sobre as mulheres – Declaração de Pequim – 1995.
- Resolução A/HRC/17/L.9/Rev1 que condena violações dos direitos humanos com base na orientação sexual e na identidade de gênero -- 2008.
- Documento do Conselho de Direitos Humanos da ONU, intitulado “Leis e Práticas e atos de violência contra indivíduos com base em sua orientação sexual e na identidade de gênero” – 2011.
- Publicação “*Born free Equal*” (Nascidos Livres e iguais), do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos – 2012. (DIGNIDADE, 2017, p. 1).

Os movimentos “Escola sem Partido” e “ideologia de gênero” atuam em um aparato, de “jogos de verdade” caracterizados como produtores de discursos constituintes de um conjunto de procedimentos relacionados à obtenção de poder político empregando o verniz da moralidade (FOUCAULT, 2007).

Os discursos da “Escola sem Partido”, “Ideologia de gênero” e as ações e falas conservadoras de Bolsonaro articulam-se a uma rede discursiva e são apropriados e defendidos pelos sujeitos como “verdades”, mesmo que atuem contra seus próprios direitos sociais. Esses discursos são empregados como instrumentos e efeitos do poder, não apenas em seu valor expressivo ou suas transformações formais, mas nas modalidades de sua existência: os modos de circulação, de valorização, de atribuição, de apropriação dos discursos variam e se modificam (FOUCAULT, 2013).

A escola é uma instituição social em que múltiplos discursos normalizam, regulam, instauram saberes e produzem “verdades” constituindo os sujeitos. Os discursos divulgados na escola estão vinculados a saberes específicos, difundidos e produzidos por um “regime de verdade”,

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1979, p.12).

A escola é palco de conflitos de opiniões e de poder: “a sexualidade, não há como se negar, é mais do que uma questão pessoal e privada, ela se constitui num campo político, discutido e disputado” (LOURO, 1998, p. 86). O cenário relatado indica que os movimentos conservadores criam uma rede de estratégias⁵⁶ múltiplas na influência de diversos pontos, “o poder não tem homogeneidade: define-se por singularidade, pelos pontos singulares por onde passa” (DELEUZE, 2005, p. 35).

Nas tentativas de exercício do poder da Escola sem Partido e da ideologia de gênero expõem as "manobras", "técnicas", "disposições", as quais são, por sua vez, resistidas, absorvidas ou transformadas pelos sujeitos. Indicam que o poder “existe em ato”, é uma correlação de força. “É um conjunto de ações sobre ações possíveis” e, nesse mecanismo, “ele incita, ele induz, ele desvia, ele facilita ou torna mais difícil”.

⁵⁶ Foucault indica que o poder como “estratégia” refere-se a padrões de poder maiores, em um nível macro, sistêmicos ou globais de poder. As racionalidades locais de poder, em casos particulares, micro, individuais. Ele emprega o termo “táticas”, nas relações capilares de poder que envolvem os comportamentos e interações entre os sujeitos (FOUCAULT, 1987).

A tática do poder “é menos da ordem do enfrentamento entre dois adversários” e mais sobre “estruturar o campo de ação eventual dos outros” (FOUCAULT, 2014, p. 132-133).

A normalidade defendida por esses movimentos “remete ao homem branco, heterossexual, classe média, urbano e cristão, ela passa a ser referência e não precisa ser necessariamente nomeada” (LOPES, 2016, p. 15). Aqueles que não se enquadram em tais padrões, que transgridem as regras impostas pelas relações de poder são sujeitos que estão fora dessa referência e serão nomeadas a partir dela, como as mulheres, gays e lésbicas, negros/as, camponeses/as, etc. são desvalidos de direitos e discriminados.

Os movimentos conservadores estruturam suas pautas na premissa de uma sociedade predominantemente capitalista, classista, racista e heteronormativa. A luta pela legitimidade dos discursos sobre a sexualidade no interior da escola incide em termos produtivos do saber, realçam os motivos de algo ser nela aceito ou não, os saberes que nela circulam e as verdades ali fabricadas. A divulgação das propostas desses movimentos produzem verdades sobre gênero e sexualidade atreladas ao poder. Esses movimentos refutam publicamente a ideia de sujeito construído socialmente, no entanto, eles estruturam seus discursos por meio da ideia de construção de verdades que estabelecem os sujeitos. Desse modo, se produz “um sujeito de um discurso” que se trata de uma “posição que alguém assume” a partir de uma discursividade (FOUCAULT, 2013). Assim, os sujeitos são constantemente incitados a serem de determinados modos em uma rede produtiva do poder.

A tentativa constante dos movimentos citados em excluir as discussões sobre o sexo e gênero do interior da escola. Limitam a perspectiva da construção do gênero e da sexualidade ao estabelecer a família como a estrutura social responsável pela manutenção da heterossexualidade e, portanto, como fundamento da sociedade (MISKOLCI, 2009; 2014). Também, evidenciam as relações de poder que formatam a maneira de pensar o sexo enquanto natural (BUTLER, 2017). Os discursos presentes nas propostas da Escola sem Partido e da Ideologia de gênero pressupõe que o sexo e o gênero são referenciados pelo determinismo biológico.

Dessa forma enfatizam o construto social binário de gênero em masculino e feminino que abrange considerações sobre – e relaciona-se diretamente com – sexo

e desejo como regra geral e universal, apresentadas como efeitos do natural, original e inevitável (BUTLER, 2017, p. 26). A sexualidade – apresentada nesses discursos em conformidade com as normas hegemônicas de gênero – é estruturada em estâncias binárias de poder, servindo como uma tecnologia política de poder, justificado pela construção de corpos baseados na forma binária. A estabilidade das normas de gênero depende da repetição para serem reforçadas e reafirmadas continuamente durante a vida dos sujeitos.

Os discursos e posicionamentos conservadores reiteram a defesa de uma determinação congruente entre o sexo biológico, o gênero identitário e o desejo heterossexual para o perfeito convívio do sujeito em sociedade. Contudo, tais noções, aparentemente fixas, desconsideram que há distinção prática entre sexo, gênero e desejo, e que esses conceitos não têm necessariamente essa coerência lógica entre si. O gênero e a sexualidade dos sujeitos são resultantes de complexos processos de negociações, permeados por categorias – sexo, gênero, classe, raça e etnia, idade/geração – que dialogam entre si. Suas produções ocorrem em outras esferas, outros domínios sociais que ultrapassam os muros escolares e o âmbito familiar.

Nesse sentido, o gênero emerge na ação de fazer, ensaiar, imitar e de engendramento. Sua construção está relacionada à ação e não há necessariamente uma reflexão prévia sobre a ação. O gênero é produzido na prática, ao invés de ser expressão de uma realidade ontológica preexistente; ele traz à existência as identidades por meio de ações repetitivas. A escola atua na incessante repetição para a eficácia produtiva dos enunciados ligados às normas. Mas a mesma repetitividade que garante a eficácia dos atos performativos e que reforça as normas, possibilita, também, o tensionamento das identidades hegemônicas. A repetição pode ser questionada, contestada e interrompida (BUTLER, 2017).

As formas de desejo e de sexualidade vivenciadas pelos/as jovens são produzidas a partir das condições materiais de existência dos sujeitos, de relações com o/a outro/a e dos possíveis engendramentos, presentes nas lógicas sociais, sempre na relação consigo, com os/as outros/as e com o mundo. Desse modo, a pedagogização do gênero e da sexualidade não é exercida exclusivamente pela escola. Outras tecnologias e dispositivos atuam na formação/determinação/construção das identidades de gênero e sexuais. No entanto,

ressalto que a escola visualmente reproduz modelos desejados, normalizados e normatizados.

Os movimentos conservadores, políticos e igrejas fundamentalistas, já citados nesse texto vociferam contra a Educação Sexual sem qualquer fundamentação científica. Pautados em moralismos e na polêmica, prestam um enorme desserviço à proteção de crianças e adolescentes contra a violência sexual.

A pauta política conservadora dos movimentos tratados neste item, são veiculados por meio das Fake News, produzem uma visão distorcida sobre a educação sexual. Essas ideias equivocadas enfatizam que os conteúdos trabalhados na escola erotizam as crianças e adolescentes, facilitando o acesso de abusadores aos seus corpos e incentivando uma vida sexual precoce.

Os discursos desses setores contra a educação sexual na escola restringem o assunto da sexualidade unicamente ao espaço doméstico e, como competência restrita da família, acabam por serem coniventes com a violência sexual de crianças e adolescentes⁵⁷. Os dados do levantamento baseado em denúncias realizadas ao Disque 100⁵⁸ do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2018) aponta que em torno de 75% das denúncias de violência sexual envolvendo crianças e adolescentes ocorre no ambiente intrafamiliar, ou seja, são casos cujos autores da violência são padrastos, pais, parentes ou pessoas que as crianças confiam e têm algum vínculo de responsabilidade e afeto.

A prevenção de violência sexual não acontece a partir do silenciamento das escolas ou de outros espaços educativos. A educação sexual reservada ao âmbito

⁵⁷ Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), o abuso sexual infantil, “definido como qualquer atividade sexual (incluindo intercurso vagina/anal, contato gênito-oral, contato gênito-genital, carícias em partes íntimas, masturbação, exposição à pornografia ou a adultos mantendo relações sexuais), envolvendo uma criança incapaz de dar seu consentimento” (AZAMBUJA, 2011, p. 91).

⁵⁸ Disque Direitos Humanos – Disque 100 é um serviço telefônico de discagem direta e gratuita vinculado à Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), que atende situações de violações em direitos humanos e que acabaram de ocorrer ou que ainda estão em curso, acionando os órgãos competentes. Em 2018 foram registrados 152.178 tipos de violações. Destes, 72,66% foram referentes à negligência, seguida por violência psicológica (48,76%), violência física (40,62%) e violência sexual (22,40%). Entre as vítimas, 48,16% são do sexo feminino, 40,24% masculino e 11,60% não informados. Sobre a faixa etária, 0 a 3 anos (17,84%), 4 a 7 anos (21,48%), 8 a 11 anos (20,10%), 12 a 14 anos (17,44%), 15 a 17 anos (11,93%), nascituro (0,24%), recém-nascido (0,83%), não informado (11,93%). Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/junho/criancas-e-adolescentes-balanco-do-disque-100-aponta-mais-de-76-mil-vitimas>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

familiar nega o direito ao acesso à informação que pode proteger de abusos e violências crianças e adolescentes.

A Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente e outros dispositivos legais resguardam o direito das crianças e adolescentes de acesso à informação, devendo ser responsabilidade tanto da família como das instituições escolares, de modo que favoreça o acesso a múltiplas visões de mundo, o respeito aos direitos humanos e ao pensamento crítico. A inclusão e a abordagem de conteúdos que contemplam a educação sexual no currículo escolar é um direito das crianças e adolescentes, possibilitando a ampliação de seus referenciais a partir de concepções diversas e científicas, todas necessárias ao pleno exercício da autonomia individual e da cidadania.

2.5 SÓ TRATAMOS DE SEXUALIDADE QUANDO DÁ TRETA?

O caráter social da escola – como discutido no item anterior – apresenta lutas e relações de poder tanto em seu cotidiano, quanto nas legislações e normativas que estabelecem suas ações internas. Dessa forma, os conteúdos, currículos e as práticas pedagógicas são constituídos de relações de poder, que implicam diretamente na produção de subjetividades. Apresentam o caráter formativo e/ou produtivo do poder, convergem os discursos e os processos de subjetivação, o que faz com que os discursos reguladores que formam o sujeito sejam os mesmos responsáveis pela produção da sujeição.

A elaboração da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) evidencia a disputa de poder nos processos de construção dos currículos. A discussão sobre a pertinência, ou não, de um currículo nacional em com as proporções do Brasil, somadas as diferenças culturais e sociais, foram minimizadas perante as disputas e embates políticos travados em sua construção. Destaco a participação popular por meio de consultas e debates públicos na elaboração da primeira (2015) e segunda (2016) versões da BNCC. Tal processo foi conduzido por uma equipe composta por assessores e especialistas em Educação O golpe parlamentar sofrido por Dilma

Rousseff em 2016, conduziu novas forças políticas a assumirem o protagonismo na elaboração da BNCC (CORTINAZ, 2019).

A construção de um documento balizador da Educação Básica de caráter normativo e referencial como a BNCC, pressupõe a ampla participação dos/as profissionais da Educação, de especialistas e pesquisadores/as brasileiros/as na área de currículo. Porém, com a reconfiguração política ocorrida após a condução de Michel Temer a presidência do país, o Conselho Nacional de Secretários de Educação - Consed e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – Undime assumem o protagonismo nas discussões da BNCC. Aliados ao Movimento pela Base Nacional Comum (MBNC), representante de interesses de empresas, fundações e instituições filantrópicas, geralmente financiadas pela alocação de impostos de grandes corporações (CORREA & MORGADO, 2018).

Destaco que a BNCC para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental foi homologada em 20 de dezembro de 2017. E as orientações para o Ensino Médio em 2018, ano em que ocorreram os grupos focais e a construção de dados desta pesquisa. O documento oficial da BNCC apresenta a sexualidade pelo viés de sua dimensão biológica na área das Ciências da Natureza, figurando ao lado de conceitos vinculados às infecções sexualmente transmissíveis e à gravidez. A diversidade de gênero por sua vez, é silenciada ao longo do documento. Enquanto que a temática dos direitos humanos é abordada superficialmente (SILVA, C.; BRANCALEONI; OLIVEIRA. 2019)⁵⁹.

A noção foucaultiana de tecnologia⁶⁰ (FOUCAULT, 1979; 2006; 2007) auxilia nessa abordagem. A tecnologia, neste caso, não se trata de um artifício para modificar uma natureza dada, mas sim a produção dessa mesma natureza.

A força da noção foucaultiana de tecnologia reside em escapar à compreensão redutora da técnica como conjunto de objetos, instrumentos, máquinas, ou outros artefatos, assim como escapar à redução da tecnologia do sexo às tecnologias implicadas no controle da reprodução sexual. Para Foucault, uma técnica é um dispositivo complexo de poder e saber que integra os

⁵⁹ A BNCC aborda diferentes conceitos de tecnologia inseridos de maneira interdisciplinar. Em temas como letramentos, tecnologias digitais e gêneros discursivos nas diferentes áreas do documento (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso). No entanto, não é objetivo desta pesquisa analisar tal abordagem.

⁶⁰ Assinalo que Foucault não possui uma única definição de tecnologia ao longo de sua obra, no entanto, escolho aquela apresentada no texto “Tecnologias do eu” (FOUCAULT, 1990), em que determina como sendo aquelas práticas nas quais o sujeito estabelece uma relação consigo mesmo.

instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade. (PRECIADO, 2014, p. 154).

A escola instaura e procura conservar o poder atuando como mecanismo de regulação e de disciplina (PEIXOTO JÚNIOR, 2005)⁶¹. Ela estabelece tecnologias, procedimentos, tal como existem em qualquer sociedade, como “propostos ou prescritos aos sujeitos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de certo número de fins, e graças a relações de autodomínio ou de autoconhecimento” (FOUCAULT, 1989b).

No interior da escola, na perspectiva foucaultiana, a tecnologia da disciplina é empregada objetivando atualizar as relações de poder demarcadas por um diagrama pedagógico, exercendo uma função como dispositivo de poder. Em outras palavras, as escolas produzem comportamentos e saberes que se articulam ao “conjunto de dispositivos e estratégias capazes de subjetivar, ou seja, constituir/fabricar os sujeitos” (GALLO; VEIGA-NETO, 2007, p. 19).

A escola, instituição dotada de ferramentas para o exercício tanto do saber, como também do poder, encontra-se entre as instituições – assim como a família, a medicina, a igreja, a mídia – em que as normas são citadas e reiteradas, contribuindo na produção e regulação dos corpos (BUTLER, 2017, p. 210-211). Por outro lado, ela também pode provocar contestação às essas mesmas normas hegemônicas, que reivindicam modos não-normalizados de ser (BUTLER, 2017; BENTO, 2006).

A escola atua na construção dos corpos, assim como as representações de feminilidade e masculinidade a eles associados. Como tecnologia cultural, ela produz e reforça as normas de gênero, estabelecendo quais serão os corpos reconhecidos como desejáveis, ao mesmo tempo que constitui procedimentos de vigilância e processos de normatização aos corpos que estiverem fora das especificidades exigidas. O gênero e a sexualidade são produtos de tecnologias produtivas e integradas que se inscrevem a experiência plástica do corpo.

⁶¹ Os estudos de Foucault (2007) permitem compreender como, ao longo da história, a escola e outras instituições se constituíram como instância disciplinar, possuindo dentre suas funções a vigilância e o controle dos corpos e sexualidades das crianças e dos/das adolescentes, classificando os comportamentos e corpos considerados inapropriados. A partir do século XVIII, “o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas” (FOUCAULT, 2007, p. 36).

A construção de corpos e identidades “é também uma história dos modos de produção de subjetividade” (MISKOLCI, 2006, p. 682). A escolarização, no exercício do disciplinamento dos corpos contribui para o processo de construção de subjetividades e das identidades de gênero ao operar com tecnologias que são designadas como “pedagogias da sexualidade”. Expressam um conjunto de tecnologias, que objetivam, insistentemente, aperfeiçoar, normatizar, normalizar e moralizar a vida da população. Os investimentos dessas pedagogias atuam de forma “muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas quase sempre, eficiente e duradoura” (LOURO, 2016, p. 17).

Uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem outras formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal da masculinidade e feminilidade e uma única forma sadia e normal da sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico. (LOURO, 2017, p. 45-46).

Enfatizo que o currículo deve ser compreendido em seu sentido mais amplo, considerando sua construção e interação social, “um discurso que ao corporificar narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, nos constitui como sujeitos” (SILVA, 1995, p. 195). O currículo se articula com outros conceitos sociais sendo uma espécie de texto generificado e sexualizado (LOURO, 2007). Na escola, o currículo, as áreas do conhecimento, as normas regimentais, as formas de avaliação, os materiais didáticos, constituem-se em produtores de significação relacionados à produção dos sujeitos. Por consequência, contribuem na produção das desigualdades de gênero, sexo, etnia, classe, podendo incentivar o racismo, o sexismo, a homofobia (LOURO, 2007).

O currículo também está implicado em sistemas e estruturas de poder. A seleção dos conhecimentos e o tempo destinado a cada um deles na escola são reveladores das relações de poder, das divisões estabelecidas na sociedade, que implicam as desigualdades entre os sujeitos e grupos sociais.

Se quisermos examinar o poder, devemos examinar as divisões e, sobretudo, aquilo que as divisões implicam em termos de inclusão e exclusão. Quais conhecimentos estão incluídos e quais conhecimentos estão excluídos do currículo? Quais grupos sociais estão incluídos – e de que forma estão

incluídos – e quais grupos sociais estão excluídos? Como resultado das divisões, dessas inclusões e exclusões, que divisões – de gênero, raça, classe – são produzidas e reforçadas? (SILVA, 1995, p. 197).

O texto curricular, imbricado por relações de poder, apresenta sistemas de representações, estruturas discursivas e narrativas de gênero, raça, etnia, religião, nacionalidade, entre outros. Dessa forma, “o modo como as pessoas ou os eventos são representados nas instituições, molda e modela as formas como os sujeitos envolvidos concebem a si, aos outros, e ao mundo em que estão inseridos” (BUJES, 2003, p. 22).

Para assegurar a abordagem da sexualidade e das questões de gênero nas escolas públicas brasileiras há uma legislação específica que garante aos/as estudantes o direito a essas discussões:

- Lei n.º 9.394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB),
- Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN no eixo transversal orientação sexual (1997),
- Planos Nacionais de Educação (PNE), lei n.º 010172/01 e a lei n.º 13.005/14,
- Resolução n.º 1 de 30 de maio de 2012, que estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. (SOARES, 2018).

A legislação elencada indica a inclusão de conteúdos, objetivos e avaliações nas áreas do conhecimento em que as questões sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual são abordadas no currículo do Ensino Médio. Como parte da construção de dados da pesquisa, examinei os documentos oficiais: Projeto Político Pedagógico – PPP⁶² e o Plano de Trabalho Docente da escola participante, observando especialmente a presença de conteúdos que balizam e garantem aos/as estudantes a abordagem sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual nas aulas ao longo do ensino médio.

⁶² O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um documento programático que reúne os principais fundamentos, orientações curriculares e organizacionais de uma escola. Consiste em um documento no qual se aponta direções, a seleção dos conteúdos a serem ensinados e as formas de organização (VEIGA, 2003). Entretanto, na prática de um currículo, no cotidiano, é possível escapar a algumas regulações e exercer outros saberes e poderes. Consequentemente, o PPP pode torna-se um texto formal se não existir o compromisso dos/das profissionais da escola com sua execução.

Tais temas aparecem nos textos curriculares das áreas do conhecimento⁶³ de biologia (1.º ano), educação física (texto introdutório), sociologia (2.º ano) e no eixo interdisciplinar que abrange o trabalho com todas as áreas do conhecimento.

Os/As professores/as pontualmente asseguram em suas aulas a discussão sobre gênero, diversidade de raça e de religiões, como afirma Caroline – 16 anos⁶⁴:

A professora de sociologia fala desses assuntos com a gente. Já tivemos aula sobre as mulheres, sobre a diversidade de religiões, de raça. A gente fez teatro e um julgamento de mentirinha, eu fui a testemunha de acusação, era o caso de uma mina que sofreu assédio no trabalho e estava processando o patrão nojento. Claro que ele foi condenado! Caroline – 16 anos.

Na área de sociologia os temas analisados compreendem a Proposta Pedagógica Curricular do 2.º ano, referente ao conteúdo “questões de gênero”, cujos objetivos consistem em que o/a estudante identifique e compreenda a diversidade cultural, étnica, religiosa, as diferenças sexuais e de gênero presentes nas sociedades. Nomeado como um conteúdo geral, o tema “questões de gênero” abarca diferentes tópicos que mereceriam abordagens específicas. Os conhecimentos relacionados a todas as diversidades, somado às questões de gênero, são aglutinados em um mesmo objetivo, diferentes conteúdos, dificultando uma abordagem satisfatória dessas questões.

Os documentos da escola privilegiam o poder sendo exercido em variadas direções, diferentes grupos e sujeitos são representados, enquanto que outros/as são ocultados/as e secundarizados/as. A abordagem proposta para a área de sociologia resume a pluralidade de identidades – sejam elas de gênero, raça e/ou religião – ao nome generalizante de “questões de gênero”. Reforça uma noção singular de gênero e sexualidade que sustenta os currículos e práticas nas escolas, dirigindo suas ações pedagógicas para comportamentos normais e adequados de masculinidade e de feminilidade.

[...] o currículo, mostra quais grupos ficam invisíveis ou de quais pontos de vistas serão interpretados, bem como o grupo que se torna visível porque

⁶³ Emprego o termo áreas do conhecimento conforme as publicações do Ministério da Educação. Disponível em: <<http://novoensinomedio.mec.gov.br/#!/pagina-inicial#school>>. Acesso em: 06 de jun. de 2019.

⁶⁴ As transcrições de fala dos/as adolescentes serão apresentadas em formato de citação, porém em itálico, para melhor diferenciação destas das demais citações.

detém o poder de se autorrepresentar. São relações de poder que produzem identidades, discriminam, hierarquizam, estigmatizam, excluem ou incluem grupos sociais diferenciados. (CAPELO; AMARAL, 2013, p. 206).

As atividades pedagógicas e o próprio currículo apresentam e reafirmam continuamente a identidade masculina, branca, heterossexual, como a “referência” universal, natural e permanente. Os/As LGBTI+, mulheres, negros/as e povos indígenas, entre outros sujeitos, são abordados de maneira secundária nos materiais e nas intervenções pedagógicas; no entanto, em alguns casos sua presença é excluída.

Os discursos como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida para uma resistência. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. (FOUCAULT, 1988, p. 96).

As relações de força entre grupos identitários determinam a inserção ou ocultação de determinados sujeitos dos materiais didáticos e das abordagens pedagógicas. A escola é um espaço relevante de lutas e de visibilização de grupos sociais. Por meio das reivindicações dos movimentos sociais ocorre a inclusão de conteúdos que contemplam as diferentes particularidades de cada grupo. Ressalto a luta dos movimentos negros e a aprovação da Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Os sujeitos são constituídos por meio de uma rede de discursos de saber e de relações de poder. A inserção de conteúdos que reforcem a atribuição da diferença entre os sujeitos – as questões de gênero, raça/etnia e sexualidade – são considerados para reforçar e produzir este cenário (LOURO, 2014). As ausências de determinados sujeitos e suas respectivas pautas de ação, somadas à pressão social exercida por movimentos reivindicatórios, resultam na promoção de atividades pontuais no interior da escola, como as comemorações referentes ao “Dia do Índio”, “Dia da Mulher”, “Semana da Consciência Negra”. A diversidade social, sexual, étnica,

religiosa, exige abordagens pedagógicas constantes, pois seus elementos, sujeitos e demandas estão presentes no cotidiano escolar.

No ambiente escolar as relações juvenis encontram seu palco social onde apresentam suas formas inventivas de viver as mais diferentes experiências de si. O desejo, a atração sexual, as identidades juvenis são potenciais agenciadores de comunicação, em oposição aos limites das abordagens pedagógicas tradicionais. Os/as estudantes indicam em seus relatos a quase inexistência de aulas sobre sexualidade, sexo e gênero, durante o ano letivo. As exceções ocorrem quando algum “problema” surge, nas palavras da estudante Ana Paula – 15 anos:

Só se discute essas coisas quando dá alguma treta, tipo alguém aparece grávida, uns nudes se espalham, um piá xingá outro piá de bicha, de sapatona e dá briga. Mas é mais pra dar sermão mesmo. Aula sobre isso a gente não tem. Eu acho bem importante a gente aprender essas coisas. Ana Paula – 15 anos.

As relações de gênero, a sexualidade e a diversidade sexual fazem parte dos sujeitos, independentemente da intenção, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual” da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares (LOURO, 2014). As normas sexuais incidem sobre o corpo, regulando os sujeitos, indicando condutas seguras para uma vida produzida por seus preceitos.

O conjunto de saberes instituídos e inerentes na escola em conformidade com o poder opera na reiteração das realidades corporais em torno das essências biológicas, fixando papéis e funções, elabora as materialidades, construindo os sentidos e as significações do corpo. Dentre as tecnologias que ocupam a escola, a educação física contribui na formação disciplinar do sujeito por meio de exercícios e práticas corporais, reverbera indicações sobre os usos do corpo, do espaço e do tempo. Os exercícios físicos são elementos da tecnologia política do corpo e contribui na produção da sujeição, segundo Foucault:

[...] a técnica pela qual se impõe aos corpos tarefas ao mesmo tempo repetitivas e diferentes, mas sempre graduadas. Dirigindo o comportamento para um estado terminal, o exercício permite uma perpétua caracterização do indivíduo seja em relação a esse termo, seja em relação aos outros indivíduos, seja em relação a um tipo de percurso. Assim, realiza, na forma da continuidade e da coerção, um crescimento, uma observação, uma qualificação. (FOUCAULT, 1987, p. 145-146).

A educação física, enquanto tecnologia, indica como elemento estruturante a construção do “domínio do corpo”, suas técnicas produzem o autodisciplinamento dos sujeitos sobre si mesmos, construindo o corpo sujeito (LOURO, 2016). Na Proposta Pedagógica Curricular de educação física da escola pesquisada⁶⁵, a sexualidade surge subsequente ao conceito de “Cultura Corporal”⁶⁶ que

[...] tem como suporte a ideia de seleção, organização, sistematização do conhecimento acumulado historicamente, acerca do movimento humano, para ser transformado em saber escolar. Isto é, partindo do pressuposto de que os/as estudantes possuem um conhecimento e uma multiplicidade de experiências manifestas pelo corpo, como expressões de alegria, raiva, dor, preconceitos, sexualidade e o conhecimento das diversidades (cultura afro-brasileira, indígena), sobre a realidade, a educação física, deve garantir o acesso às variadas formas de conhecimentos produzidos pela humanidade, levando os/as jovens a estabelecerem nexos com a realidade, elevando-os a um grau de conhecimento substancial.

O tema pertinente à sexualidade das crianças e jovens é tradicionalmente abordado pela educação física (LOURO, 2014). Porém, nos documentos da escola, não é apresentado como conteúdo específico da área, nem possui critérios particulares para sua abordagem durante as aulas, tampouco necessita constar no planejamento. Na proposta examinada, a sexualidade é destacada como “um conhecimento e uma multiplicidade de experiência manifestada pelo corpo” dos/as estudantes, categorizada no mesmo patamar que sentimentos (alegria, raiva, dor), que o preconceito e a diversidade cultural (afro-brasileira e indígena).

A sexualidade é vivenciada por todos/as, constituindo um processo cultural e plural, composto de linguagens, subjetividades, convenções e símbolos. A sexualidade decorre de todos os pertencimentos sociais do sujeito, sobretudo, os significados atribuídos pelo sujeito às experiências corporais prazerosas (ANDRADE, 2004). Consiste em um conjunto de processos sociais e culturais que produzem e organizam a expressão do desejo dos sujeitos, indo além do determinismo naturalista.

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.diaadia.pr.gov.br/>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

⁶⁶ Educação física “é entendida como uma área de conhecimento da Cultura Corporal de movimento e deve cuidar do corpo não como algo mecânico, visando apenas o desenvolvimento do aspecto físico, independentemente dos demais, como era anteriormente, décadas atrás, mas sim na perspectiva de sua relação com os outros sistemas: o mental, o emocional, o estético, o religioso entre outros”. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao-fisica/educacao-fisica-a-cultura-rporal-do-movimento/30167>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

A abordagem da sexualidade na escola, muitas vezes, está vinculada ao discurso biológico e higienista, em uma perspectiva prescritiva e normativa, como descrito por Helena Altmann (2005)⁶⁷. Ela aponta que a sexualidade é objeto de estudo apenas nas aulas de ciências e biologia e, quando discutida, o enfoque quase sempre se dá em uma perspectiva reducionista, baseando a abordagem em conteúdos da biologia como reprodução, doenças sexualmente transmissíveis e contracepção.

Na Proposta Pedagógica Curricular da escola, a sexualidade está diretamente pautada nas diferenças corporais e na reprodução humana. O objetivo de aprendizagem do conteúdo referente à sexualidade da área de biologia (1.º ano – Ensino Médio) indica que os/as estudantes devem: Compreender a sexualidade relacionada aos temas das fases da vida: nascimento, crescimento, reprodução (sexualidade humana), envelhecimento e morte.

O conteúdo apresentado produz a naturalização do sexo, afirmado como componente estritamente biológico do corpo. Aborda a coerência dos corpos relacionando-os com o sexo, o gênero e a sexualidade inseridos no “sistema sexo-gênero” (RUBIN, 2017). Nessa construção, os órgãos reprodutivos são traduzidos como órgãos sexuais e generativos da coerência no corpo.

A constituição do corpo como unidade coerente, fundamentada a partir do sexo, remete à fixação orgânica das diferenças, ou seja, à produção dos sexos e dos gêneros (PRECIADO, 2014). As aulas sobre sexualidade constituem o mecanismo que fabrica o caráter real/natural do sexo, atuam na articulação de elementos, produzindo uma atribuição sintomática como características *sui generis* dos corpos, além de converter o corpo em uma unidade limitada em si mesma, pois biológicos e naturais.

Os discursos presentes nos currículos escolares são destinados aos corpos coerentes dentro das normas estabelecidas. Empregam por meio de uma lógica simbólica, a identificação sexual – regulada pela heteronormatividade – e a identificação de gênero, apontando potencialidades normativas de feminilidades e masculinidades, ou seja, modos de “ser homem” e “ser mulher”.

⁶⁷ Seu estudo foi realizado em escolas públicas no Rio de Janeiro.

A dicotomia de gênero, entre homens e mulheres, não dá conta dos complexos jogos de poder, pois os sujeitos estão sempre em atividade, não podendo ser reduzidos a um esquema mais ou menos fixo. No interior das redes de poder, pelas trocas e jogos que constituem o seu exercício, são instituídas e nomeadas as diferenças e desigualdades. Apesar de diferença não ser sinônimo de desigualdade, o elogio da diferença, proferida por homens e por mulheres, pode implicar em uma conformação ao *status quo* das relações entre os gêneros, indicando que se aceita essas relações tal como elas estão atualmente constituídas, desconsiderando hierarquias e desigualdades sociais.

O eixo articulador apresentado no Projeto Político Pedagógico sugere a elaboração de atividades pedagógicas sobre gênero, diversidade sexual e sexualidade. Transcrevo abaixo a proposta contida no documento e destinada a todas as áreas do conhecimento:

- Os/as estudantes interajam sem preconceitos, conscientizando das diversidades de orientações sexuais e de gênero.
- A sexualidade deve ser analisada sob os aspectos do prazer, alegria, encontro.
- Deverá ser abordada a respeito da prostituição infantil, dominação sexual, sexismo, violência sexual, doenças sexualmente transmissíveis.

A proposta sugere promover outras abordagens pedagógicas que problematizem a sexualidade, valorizando seus aspectos sociais, culturais e afetivos, destacando um trabalho em educação voltado para as diferenças e problemas sociais que envolvam a temática.

Na medida em que esses documentos fazem funcionar uma lógica que organiza profundamente a sociedade, as ausências e as abordagens parciais produzem sentidos sobre as sexualidades, masculinidades e feminilidades. Observo a forma pontual, por vezes inexistente, de conteúdos direcionados à diversidade sexual e de gênero, fator que contribui na construção/reforço da manutenção do sexismo, de hierarquias de gênero, do machismo, etc.

Os endereçamentos e agenciamentos contidos nos currículos normativos são didaticamente empregados para educar, formatar, disciplinar e conter os processos de experimentação dos sujeitos. Esses modos de endereçamentos oferecem recompensas aos sujeitos que estão dentro das normas, porém possuem mecanismos

para excluir aqueles/as que não estão em sua conformidade. São documentos norteadores da prática escolar, dos quais derivam estratégias pedagógicas que deveriam assegurar o direito dos/as estudantes de aprenderem sobre essas temáticas, além de promover a inserção e o respeito a sujeitos e grupos sociais subalternizados pela sociedade.

O currículo, independentemente de sua força enquanto lei, pode produzir experiências escolares diversas, pois seus agenciamentos podem adquirir múltiplos sentidos em seu ambiente. A escola é a instituição que opera para que os sujeitos se reconheçam por meio da norma vigente; porém, contribui para que se coloquem em condições de resistir à norma (SEFFNER, 2017).

A vivência de diferentes sujeitos que não compartilham os modelos hegemônicos, a sexualidade, o namoro, a gravidez na adolescência⁶⁸ e o sexting configura-se como elemento que provoca fissuras na lógica das normas e da disciplina escolar. O cotidiano escolar apresenta professores/as e estudantes que escolhem, quando podem, vivenciar modos e formas de subjetividades independentes dos modos de endereçamentos e de tentativas de contenção dos diferentes dispositivos presentes na educação. São sujeitos que não se enquadram aos modelos impostos para o uso de suas sexualidades e desejos historicamente institucionalizados pelas pedagogias culturais.

3 VEM DE SEXTING, BEBÊ! O SEXTING COMO TECNOLOGIA E PRÓTESE DE GÊNERO

Exponho neste capítulo as relações entre a construção do gênero por meio da prática do sexting. Analiso alguns elementos do dispositivo de gênero presentes no sexting que atuam na normalização da sexualidade. Abordo o sexting enquanto uma

⁶⁸ A pesquisa GRAVAD – Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil (HEILBORN, 2006) indica que a iniciação sexual no Brasil ocorre por volta dos 16 anos. Para além da questão da juventude, os dados descritos no relatório Atlas da Violência 2019, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) trazem algumas evidências de um processo extremamente preocupante nos últimos anos: o aumento da violência letal contra públicos específicos, incluindo jovens, negros, população LGBTI, e mulheres, nos casos de feminicídio. (BRASIL, 2019).

tecnologia e como uma prótese de gênero em que as feminilidades e as masculinidades são inscritas por meio das relações sociais dos sujeitos e de suas experiências culturais construídas pelo discurso.

A partir da teoria de Judith Butler (2016; 2017) tenho o intuito de relacionar o sexting com a reiteração da heteronormatividade no circuito de interações estabelecidas no ambiente de sociabilidade virtual. A constituição relacional de corpos inteligíveis se dá a partir dos enunciados e atos performativos que regulam a economia do capital erótico.

Os/As estudantes indicam a construção de corpos baseados em referenciais binários de masculino e feminino, de posições que normatizam e fixam comportamentos masculinos e femininos hegemônicos. Evidenciam a hierarquia entre masculino e feminino e a heterossexualidade compulsória⁶⁹, partes estruturantes da matriz⁷⁰ que governa a identidade inteligível do gênero (BUTLER, 2017).

Paul B. Preciado⁷¹ formula o sexo e a sexualidade como resultantes de um conjunto de tecnologias produtivas, que demarcam, diferenciam e fazem os corpos que controlam (PRECIADO, 2018). Ele desenvolve o conceito de tecnologia de Foucault, conjuntamente com as ideias elaboradas por Monique Wittig (2001), Teresa de Lauretis (1994), Judith Butler (2017) e Donna Haraway (2009).

⁶⁹ A norma social que preceitua o gênero e a sexualidade é a heteronormatividade ou heterossexualidade compulsória, portanto, se incide como “único modelo aceitável de pensar a vida sexual e as performances de gênero dos sujeitos, o modo heterossexual” (SEFFNER, 2017, p.27).

⁷⁰ A “matriz heterossexual” impõe que a identidade do sujeito esteja de acordo com sua genitália, consequentemente, seu gênero só poderá estar de acordo com a classificação binária aceita socialmente, como natural, masculina ou feminina (BUTLER, 2017).

⁷¹ Ressalto que Preciado dialoga com Foucault em seus textos, no entanto, realiza algumas críticas relacionadas a seus posicionamentos. Primeiramente, ao distanciamento de Foucault quanto aos discursos e práticas políticas do feminismo em seu tempo. Por exemplo, ele nunca empregou a noção de gênero (PRECIADO, 2010). Posteriormente, Preciado indica que as teorias da sexualidade devem partir de uma experiência vivida, “certa forma de materialismo ou empirismo radical queer” (PRECIADO, 2017, p. 95); pois, as experiências dizem respeito aos problemas impostos por nosso tempo. Aqui a crítica a Foucault dirigir-se-ia no sentido de que, se foram suas experiências pessoais que o levaram a repensar a sexualidade, porque se aprofundar em uma história da filosofia antiga (PRECIADO, 2017, p. 97). Por fim, para Preciado as experiências de resistência não podem se referir apenas à subjetividade, elas precisam ser experimentadas coletivamente, não por um “si mesmo”. Para ele as experiências de Foucault na década de 1970, na Califórnia – Estados Unidos, fariam ele pensar para além de uma “técnica de si”, pois a emergência da cultura drag, trans, as sociedades sadomasoquistas, o uso do couro e dos dildos levariam Foucault a perceber a importância da experiência grupal como o lugar mais potente de resistência, como algo muito mais radical.

A sexualidade é elaborada por Preciado como uma tecnologia e as identidades e práticas sexuais são “produtos, aparatos, próteses”. Para ele o poder opera por meio de um conjunto de

(...) novas tecnologias do corpo (biotecnologia, cirurgia, endocrinologia, engenharia genética etc.) e da representação (fotografia, cinema, televisão, internet, videogames etc.) que, se infiltram e penetram como nunca a vida cotidiana (PRECIADO, 2018, p. 84-85).

As “tecnologias de subjetivação” adquirem “a forma do corpo que controlam, transformam-se em corpo, até se tornarem inseparáveis e indistinguíveis dele (...)” (PRECIADO, 2018, p. 86). O regime da sexualidade funciona por meio de trânsitos de circulação, “fluxos semiótico-técnicos: fluxos de hormônios, fluxos de silicone, fluxos digitais, textuais e da representação, e definitivamente, em um tráfico constante de biocódigos de gênero” (PRECIADO, 2018, p. 138). Dentre as tecnologias que produzem os corpos sexuais, a prática do sexting assume sua posição, entre os fluxos semióticos-técnicos citados, presentes na construção das subjetividades, atuando na normalização e fixação orgânica de masculinidades e feminilidades constituídas culturalmente.

O sexting funciona como tecnologia e prótese de gênero ao integrar o processo de naturalização e fixação de comportamentos masculinos e femininos hegemônicos, operando na “produção prostética do gênero” (PRECIADO, 2017, p. 154). Os artefatos e as técnicas envolvidas na prática são constituídos culturalmente pelos sujeitos, assim como os constituem.

O sexting é uma prática, constituída por significações sociais, que controla, produz e implanta representações de gênero, logo é uma “tecnologia de gênero” (DE LAURETIS, 1994). No envio/recebimento, as imagens funcionam como próteses, constituindo a própria produção do gênero, possuindo marcadores de sexualidade, corpo e geração de desejo. O sexting reinventou a própria forma de conquista dos/as adolescentes do início do século XXI, a visibilidade dos corpos, as relações amorosas e sexuais, tensionando os limites do que confere à ordem do privado e do público, das atribuições de homens e mulheres. Sua prática é incorporada pelos sujeitos, modificando a autopercepção, produzindo desejos e construindo suas subjetividades.

As tecnologias sociais, nas quais a prática do sexting se insere, contêm discursos que são apreendidos de formas diferenciadas pelos sujeitos. A participação dos sujeitos na constituição de suas subjetividades – ponderando que esse processo não é só efeito direto dos artefatos tecnológicos – envolve identificação e investimentos específicos dos sujeitos. A representação social do gênero afeta a construção subjetiva, concomitante, a representação subjetiva do gênero, ou a autorrepresentação, afeta a sua construção social.

De acordo com Preciado (2018), o processo de incorporação das normas de gênero define seu caráter prostético, destacando o caráter estrutural da tecnologia nesse processo, entendendo-a como um sistema complexo de estruturas reguladoras que constroem sujeitos, corpos, artefatos e usos. Assim, Preciado (2018) argumenta que não há corpo ou subjetividade apriorísticos ou “fora” da tecnologia. As implicações do gênero extrapolam o caráter discursivo e estão atreladas às modificações derivadas da mediação de tecnologias⁷².

O processo de naturalização e fixação do gênero – “produção prostética do gênero” – ocorre por meio de tecnologias que procuram fixar organicamente certas diferenças, tecnicamente construídas, tornando-as aparentemente essenciais e permanentes (PRECIADO, 2017, p. 154).

A ideia de “prótese de gênero” deriva do uso de próteses fabricadas no período entre as duas grandes guerras para a reabilitação de soldados e consequente reintegração na cadeia de produção industrial. Contudo, a prótese extrapola sua função primária de componente artificial implantado no corpo para suprir a ausência de um órgão ou para restaurar uma função comprometida. As próteses modificaram o modo de ser e de estar no mundo, alterando não só as condições físicas, mas também reinventando uma “nova condição natural” a ponto dos sujeitos se sentirem incapazes ou incompletos caso não estejam conectados a elas (PRECIADO, 2017, p. 164 –165). Sob essa perspectiva, as feminilidades e masculinidades não são homogêneas,

⁷² Neste ponto, Preciado diverge de Butler, que indica a característica discursiva do gênero, “[...] Butler, ao acentuar a possibilidade de cruzar os limites dos gêneros por meio de performances de gênero, teria ignorado tanto os processos corporais e, em especial, as transformações que acontecem nos corpos transgêneros e transexuais, quanto as técnicas de estabilização do gênero e do sexo que operam nos corpos heterossexuais” (PRECIADO, 2017, p. 93).

estáveis ou imutáveis e são sempre constituídas em relação, bem como em articulação com a cultura material.

3.1 MIA KHALIFA E OS CORPUS AUTOPORNOGRÁFICOS

Em seus nudes os /as jovens, expressam uma sensualidade em diálogo com a pornografia marcada pelas diferenças de gênero. A pornografia estabeleceu uma lógica de consumo visual que permitiu estetizar, produzir sentido e subjetividade por meio de recursos multimídia, reforçando o modelo heterossexual. Consiste em um dispositivo estruturado e codificado pela convenção do binarismo da diferença sexual, em que a imagem da mulher é constituída em função do olhar masculino. As mulheres posicionadas como objeto de olhar, a ser contemplado e, resultado de “políticas sexuais do olhar operam em torno de um regime que se divide em posições binárias, atividade/passividade, ver/ser visto, voyeur/exibicionista, sujeito/objeto”⁷³ (POLLOCK, 1988, p. 86).

Nos nudes há a reprodução de cenas e posições corporais semelhantes àquelas encontradas tanto nos materiais eróticos quanto na pornografia. Como expressão de sexualidade, a imagem retratada questiona os limites do segredo erótico e da obscenidade pornográfica. Traz à tona as fronteiras do erótico e do pornográfico; da sexualidade “normal” versus a pornografia. Expõe os valores morais que empregam a divisão dos corpos nus entre erotismo e pornografismo (SIBILLA, 2015).

Em um dos encontros com estudantes da escola em que a pesquisa foi realizada, conversávamos sobre pessoas públicas que eles/as consideravam bonitos/as e atraentes. Dentre os nomes de atrizes e atores, jogadores de futebol, cantores/as, surgiu um nome desconhecido para mim, o da atriz Mia Khalifa. Percebi que a menção do nome causou certo frenesi, principalmente entre os garotos. Logo em seguida, bateu o sinal do recreio e não consegui saber mais sobre a personalidade em questão. Curiosa, fiz uma pesquisa na internet, descobrindo que Mia Khalifa não era uma celebridade teen, mas sim uma das mais populares atrizes da indústria

⁷³ Tradução livre de “sexual politics of looking,” defined as “a regime which divides into binary positions, activity/passivity, looking/being seen, voyeur/exhibitionist, subject/object (POLLOCK, 1988, p. 86).

pornográfica. A atriz Mia Khalifa, aos 18 anos de idade, gravou seu primeiro filme pornô, vestindo o hijab islâmico por conta do roteiro. Por isso, foi ameaçada de morte pelo Estado Islâmico do Iraque e da Síria, fato que causou grande publicidade para seu filme.

A lembrança de uma atriz de filmes pornográficos como uma referência de beleza e de desejo indica que este tipo de produção possui público principalmente entre garotos. A pornografia é uma técnica visual de produção de prazer e desejo sexual. Assim como o erotismo é um produto de consumo. A pornografia desponta como

[...] a representação sexual visando em especial à excitação erótica do seu público e estando intimamente relacionada com a produção padronizada para um mercado estabelecido. (LEITE J., 2009, p. 514).

Seu consumo indica a construção de “gostos”⁷⁴ sexuais, configura a legitimação dos valores estéticos associados à sexualidade estruturados no poder. Tanto a pornografia, quanto o erotismo são construções discursivas sobre o desejo sexual, assim como os próprios nus. As contestações conceituais entre “erótico” e “pornográfico” não se restringem ao modo expositivo dos corpos, nas esferas do público ou privado, mas também pela diferenciação valorativa da reprodutibilidade dos materiais (MEDEIROS, 2008).

E, no entanto, a pornografia é, ao mesmo tempo, ascendência e descendência do erotismo na medida em que a existência de ambos é inextricável e essencialmente interdependente. Em outros termos, não existe erotismo sem pornografia e vice-versa. (MEDEIROS, 2016, p. 9).

A pornografia emerge como parte de um “regime de subjetivação amplo (capitalista, global e midiático)” por meio da “gestão da técnica da imagem” (PRECIADO, 2018, p. 28). As técnicas visuais de produção de prazer sexual estão segregadas em termos de gênero, idade e classe social. Um exemplo de técnica visual

⁷⁴ Os gostos, entendidos como o conjunto de práticas e de propriedades de uma pessoa ou de um grupo, são produtos de um encontro (de uma harmonia pré-estabelecida) entre bens e um gosto [...]. Os gostos, como conjunto de escolhas feitas por uma pessoa determinada, são, portanto, o produto de um encontro entre o gosto objetivado do artista e o gosto do consumidor. [...] Os gostos são engendrados no encontro entre uma oferta e uma demanda ou, mais precisamente, entre objetos classificados e sistemas de classificação (BOURDIEU, 1983, p. 128; 129; 130).

exitosa é a revista Playboy, destinada ao público masculino, indicada por Preciado (2010) como marco das tecnologias do sexo.

A internet contribuiu para que fronteiras entre o que tange ao erotismo, como uma categoria mais refinada, se tornasse indissociável das imagens e palavras explícitas e ditas “grosseiras” da pornografia. O “voyeurismo é condição da sexualidade informática” (PRECIADO, 2010, p. 54), possibilitando que os nudes e a pornografia, encontrem nas mídias digitais um veículo eficiente de propagação próprio para o consumo privado, anônimo e despersonalizado.

O marco que define a reconfiguração da hegemonia da indústria pornográfica ocorre em 1996, quando uma jovem “instala várias webcams em seu espaço doméstico e transmite em tempo real um registro de sua vida cotidiana em um portal de Internet” (PRECIADO, 2014, p. 35). Essa ação marca o surgimento do corpo autopornográfico, ou seja, o corpo daquele sujeito desprovido de direitos que tem sua vida “exposta e construída pelos aparatos de vigilância” (PRECIADO, 2018, p. 44). Por outro lado, outros sujeitos transformam a sexualidade de seus corpos em trabalho, convertendo em imagem a totalidade de suas vidas. Exemplificada na figura de Paris Hilton⁷⁵ e propagada por programas televisivos como *Keeping Up with the Kardashians*⁷⁶, *Big Brother*⁷⁷ e pelo conteúdo dos/as youtubers⁷⁸ na internet.

O sexting entre adolescentes está inserido no cenário de exploração e da entrada corpo autopornográfico como força produtiva na economia mundial. A prática do sexting entre os/as jovens produz corpos autopornográficos (MÜNCHOW, 2016). Os nudes vazados e compartilhados pelos/as adolescentes geram “mais-valia ejaculante”, sendo usurpadas por meio de mecanismos sociais que se conectam ao “circuito global de excitação-frustração-excitação” (PRECIADO, 2018, p. 183).

⁷⁵ Atriz, socialite, modelo, cantora e empresária norte-americana.

⁷⁶ Programa televisivo (reality show) que retrata o cotidiano familiar da socialite norte-americana Kim Kardashian, desde 2007, exibido pela emissora E! Entertainment Television. Disponível em: <<https://www.eonline.com/br>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

⁷⁷ Big Brother, programa televisivo (reality show) em que os/as competidores/as confinados em uma casa cenográfica são vigiados/as por câmeras 24 horas por dia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Big_Brother_\(reality_show\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Big_Brother_(reality_show))>. Acesso em: 12 jan. 2019.

⁷⁸ YouTuber, personalidade, celebridade ou criador/a que possui popularidade no site de compartilhamento de vídeos YouTube. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/carreira/voce-conhece-a-profissao-youtuber>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

O sexting encena o corpo que representa prazeres inscritos pela pedagogia pornográfica. Os nus dos/as jovens são narrações, performances esteticamente inscritas com a aspiração em se converter a um corpo desejável, produtor de prazer e de desejo. O sexting, assim como a pornografia, expressa a narrativa de um “corpo específico que estimula fisiologicamente outro corpo para proporcionar prazer”. (PRECIADO, 2010, p. 188-189). São práticas do corpo-prazer em consonância a um discurso que constrói a ideia de beleza e que atribui aos corpos a aptidão em produzir desejo e prazer.

A dimensão social construída do desejo remete à construção dos gêneros e das sexualidades. A heterossexualidade inventa o desejo e o transforma em imagens, textos, literatura, poesia e pornografia (PRECIADO, 2017)⁷⁹. O desejo heterossexual masculino é construído historicamente sobre a posse e a violência, baseado na assimetria do poder entre os homens e as mulheres.

A proliferação da prática do sexting com essas estratégias de poder e de controle do corpo e de produção de prazer; enquadra-se nos dispositivos de “intensificação do olhar” como a fotografia e o cinema.

A divulgação massiva de material pornográfico é dirigido, principalmente, aos homens e consumido em sua maioria exclusivamente por eles. Esse tipo de produção caracteriza-se pelo ato sexual com pouco ou nenhum envolvimento afetivo e alta intensidade de performance (muitas penetrações, cenas de orgasmos múltiplos).

Hoje me parece claro que, quando falamos do "olho masculino", não estamos nos referindo a uma qualidade biológica sexuada, mas a uma estrutura política do olhar. O olho masculino, ao mesmo tempo sujeito a representação e (pelo menos idealmente) receptor universal da imagem pornográfica, é cuidadosamente removido do espaço da representação fotográfica. Mas seus traços permeiam a imagem, geralmente na forma de um objeto que acompanha o corpo nu e fica preso na estrutura da representação. (PRECIADO, 2010, p. 70)⁸⁰.

⁷⁹ Preciado (2017) refere-se à discussão elaborada por Monique Wittig e Carole Pateman que apontam a heterossexualidade não apenas um regime de governo, mas também uma política do desejo. A heterossexualidade seria uma prática de governo, mas sobretudo uma epistemologia que fixa as posições respectivas de homens e de mulheres pelo viés de uma regulação interna. Essa prática de governo não toma a forma de uma lei, mas de uma norma não escrita, de uma transação por gestos e códigos que têm como efeito estabelecer na prática da sexualidade uma partição entre o que pode e o que não pode ser feito. As normas sexo-gênero estariam baseadas em uma estética da sedução, uma estilização do desejo e uma dominação historicamente construída e codificada, erotizando a diferença do poder e a perpetuando.

⁸⁰ Livre tradução de “Hoy parece claro que cuando hablamos del «ojo masculino» no nos referimos a una cualidad biológica sexuada sino a una estructura política de la mirada. El ojo masculino, al mismo

A pornografia heterossexual é caracterizada por cenas e posições padronizadas em que a atuação das mulheres é secundária, passiva, reiterada de modo explícito. Elas excitam e estimulam o prazer sexual e não requerem em seus enredos qualquer envolvimento afetivo. No conteúdo visual dos produtos pornográficos, a sexualidade feminina é neutralizada e a possibilidade da intimidade, dissolvida. As mulheres são os objetos, mas não os sujeitos, do desejo sexual. São raras as produções pornográficas que rompem com esse padrão, indicando as mulheres outras posições em seus enredos⁸¹.

A pornografia, considerada como uma tecnologia visual, se propõe à produção massiva de desejo erótico, além de contribuir na produção do espaço público e privado. Os nudes são representações que se originam no espaço privado, no entanto, por meio dos compartilhamentos não consentidos, podem extrapolar os limites e atingir a esfera pública.

A pornografia “revela que a sexualidade é sempre e em todo caso performance, representação, um por em cena, mas também mecanismo involuntário de conexão com o circuito global de excitação-frustração-excitação” (PRECIADO, 2018, p. 183). A valoração da produção pornográfica não é mensurada pelo prazer de quem performa, mas pela excitação que esses gestos provocam naqueles/as que a assistem. No sexting o prazer é tanto daquele/a que performa, como daquele/a que assiste. O

tiempo sujeto de la representación y (al menos idealmente) receptor universal de la imagen pornográfica, es cuidadosamente extirpado del espacio de la representación fotográfica. Pero sus huellas impregnan la imagen, a menudo en forma de objeto que acompaña al cuerpo desnudo y que queda atrapado dentro del marco de la representación” (PRECIADO, 2010, p. 70).

⁸¹ O movimento feminista anti-pornografia, enfatiza os efeitos negativos causados, entre eles a violência contra a mulher e a perpetuação da desigualdade de gênero, bem como problematizar a condição feminina no âmbito da pornografia e da sexualidade. A pornografia é considerada para autoras como Diana Russell (1993), Catharine Mackinnon (1989), Andrea Dworkin (1981) e Gail Dines (2010) como fator de exteriorização da dominação masculina sobre a sexualidade, que transforma a realidade, gerando o silenciamento da mulher e estimulam práticas de estupro, pedofilia, prostituição e tráfico de mulheres. O movimento pós-pornografia também questiona a indústria pornográfica direcionada aos homens heterossexuais. Porém, a mulher não é o sujeito do pós-pornô, a proposta é um sujeito aberto, a intenção é tentar desconstruir esse binômio de gênero homem/mulher. Este movimento possui pluralidade das formas não se constitui em um movimento unificado ou de um gênero com códigos estabelecidos; não há definição de uma estética pós-pornográfica nem de suas textualidades. Preciado (2008) identifica o pós-pornô como uma alternativa a pornografia tradicional, que desloca, transgride e questiona as identidades, os corpos, as formas, em suma, questiona tudo aquilo que parece natural aos sujeitos.

desejo e o prazer ocorrem na excitação da performance e na percepção, na sensibilidade de quem produz a imagem e de quem a observa.

A prática do sexting efetiva a produção do desejo e do prazer por meio da contemplação ou da execução do registro, ao contrário do dispositivo da pornografia, que possui entre suas premissas a encenação em que o desejo feminino deve passar pela apreciação do olhar masculino e provocar prazer. O sexting possibilita que as posições promotoras e receptoras de prazer sejam fluídas, não sendo restritas a um gênero específico.

3.2 É NUDES QUE VC QUER? TOMA!

Os relatos dos/as jovens explicita que as relações praticadas no sexting são construídas baseadas na ideia da complementaridade dos sexos. No grupo analisado não ocorreu nenhuma narrativa da prática como constituinte de uma relação sexual ou afetiva entre sujeitos do mesmo sexo. Todos os relatos foram concebidos na ideia de troca de nudes entre homens e mulheres heterossexuais. As referências aos pedidos de envio e recebimento de nudes por pessoas do mesmo sexo não foram citadas pelas garotas, enquanto que os garotos afirmaram serem raros estes tipos de solicitação e recebimento. Relataram que quando ocorre esse tipo de situação, os garotos supõem que quem efetuou o pedido seja “gay”.

A forma mais potente de controle da sexualidade segundo Preciado (2017) não constitui a proibição de determinadas práticas, mas a produção de certos desejos e prazeres como naturais, que são ratificados como identidades sexuais. Para afirmar e reafirmar o gênero nos sujeitos, a cultura impõe a imitação persistente de modos de agir de homens e de mulheres, tais construções recebem o nome de “performatividade”⁸² (BUTLER, 2016; 2017). Elas reivindicam o lugar de natureza, ocultando as formas pelas quais são culturalmente estabelecidas (BUTLER, 2017),

⁸² Butler emprega a “Teoria da Citacionalidade” de Jacques Derrida (1991) em que “a repetição possibilita a eficácia de atos performáticos que sustentam e reforçam as entidades hegemônicas” (BENTO, 2006, p. 90).

sendo baseadas em estruturas binárias que definem padrões normativos de feminilidade e masculinidade.

Na função de reiterações contínuas realizadas mediante interpretações de atos das normas de gênero os corpos adquirem sua aparência de gênero (BENTO, 2006, p. 87) assumindo-o por meio das “performances de gênero” que se constituem em uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados no tempo (BUTLER, 2017, p. 234-244). Esses padrões de significados de valores hierarquicamente impostos são incorporados, porém não constituem somente os padrões normativos hegemônicos, mas também as normas desviantes, desvalorizantes e de exclusão.

A prática do sexting pode reiterar o gênero, produzindo repetições que funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros. Considerando o sexting como uma pedagogia dos gêneros hegemônicos (BENTO, 2011) sua prática dispõe os corpos para a vida referenciada na norma da heterossexualidade. Os gestos retratados, as partes do corpo enviadas para seus/suas parceiros/as marca a inteligibilidade dos corpos. As imagens são estruturadas na premissa da diferença sexual, resultante de um conjunto de procedimentos discursivos e institucionais que instituem e suportam o gênero.

Nesse registro, o sexting é uma tecnologia que estabiliza as identidades de gênero⁸³ que opera sobre os corpos (BENTO, 2006). Contudo, a identidade de gênero é prostética, pois se dá na materialidade dos corpos, sendo construída e ao mesmo tempo orgânica. É um processo tecnológico de inscrição que permite que as performances “passem” ou não por naturais, enfatizando a plasticidade do corpo. Pois, o corpo “essa plataforma de repetição e reiteração é, ao mesmo tempo, tanto o lugar da formação compulsiva do sujeito heterossexual, quanto o espaço no qual acontece toda subversão possível” (PRECIADO, 2017, p. 29).

Os/As estudantes se identificam como garotas e garotos de acordo com seus referenciais biológicos. Ao realizarem essa autoidentificação, assumem uma

⁸³ As identidades sexuais e de gênero são resultado de um confronto, também de tensão e uma luta entre os três regimes de controle e a produção do corpo: o regime soberano, como parte da gestão da morte, do poder de dar a morte; o regime disciplinário, gerido por meio de instituições hospitalares, da escola, da família, do espaço doméstico; e por fim, o regime que utiliza um conjunto de novas técnicas que não são mais exteriores, mas sim biológicas. As moléculas, os fluidos que passam a fazer parte do corpo e modificam a estrutura do sujeito, fazendo parte de seu sistema biológico (PRECIADO, 2018).

identidade “normal”, que é a identidade “natural” e é, portanto, aquela que é desejável e positiva socialmente. Códigos de masculinidades e feminilidades são incorporadas por pessoas com pênis e pessoas com vulva, respectivamente, sendo vistas de modo naturalizado, entendidos como inerentes aos corpos (PRECIADO, 2014). Esta naturalização é viabilizada pela matriz heterossexual, que estabelece uma ligação “coerente” entre sexo anatômico, identidade de gênero e sexualidade. O gênero adquire vida por meio de uma “estilística” definida como apropriada, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza.

Uma vez em consonância com essas normativas, o sexting atua na produção prostética do gênero mediante o envio de determinadas imagens que estabilizam e dão visibilidade aos comportamentos masculinos e femininos hegemônicos (BENTO, 2011). As posturas corporais e as partes do corpo enviadas nos nudes são investidas de significado social constituem-se em enunciados interpelativos e performativos de gênero (BUTLER, 2017) aprendidos pelos/as adolescentes por meio de diferentes pedagogias visuais, inclusive pela pornografia e pelo erotismo.

[...] Diz-se que os prazeres residem no pênis, na vagina e nos seios, ou que emanam deles, mas tais descrições correspondem a um corpo que já foi construído ou naturalizado como portador de traços específicos de gênero. Em outras palavras, algumas partes do corpo tornam-se focos concebíveis de prazer precisamente porque correspondem a um ideal normativo de um corpo já portador de um gênero específico. [...] Os limites do real são produzidos no campo da heterossexualidade naturalizada dos corpos, em que os fatos físicos servem como causa e os desejos refletem os efeitos inexoráveis dessa fiscalidade. (BUTLER, 2017, p.127-128).

Os nudes abonam o referencial da sexualidade fundamentada na genitalização do desejo, especialmente nas regras do falo, prevalecendo à experiência sexual masculina (GIDDENS, 1993). Preferindo enviar imagens de seus pênis, os garotos afirmam o discurso falocentrista, em que compreendem que a produção do desejo e do prazer feminino está diretamente relacionada à sua genitália.

[...] *E tem cara que faz (nudes), conforme o tamanho (do pênis), pensando “ela vai querer”. Vou mostrar. Se ela gostar a gente faz. Leonardo – 17 anos*

As predileções dos garotos por receber imagens das vulvas e seios contrariam a preferência das garotas em enviar imagens que retratam o conjunto do corpo, do

pescoço para baixo. Entretanto, foram apontadas como sendo incomuns as situações em que incluem seus rostos na imagem.

A prática do sexting emprega a representação de códigos de diferenciação, de reconhecimento visual destinado a ressaltar as diferenças entre os gêneros. Os nudes contribuem para a circulação, atualização e reforço das visões hegemônicas de gênero. As partes do corpo, escolhidas para serem enviadas, são associadas ao corpo feminino e ao corpo masculino.

Claro, tem meninas que têm um corpo da hora e fazem para se mostrar e seduzir. Tenho isso ou aquilo que eu tenho a oferecer, ele vai ficar interessado por mim. Daí, o cara pensa, se tiver um “Tantan” (pênis) daquele tamanho. Ah! Ela vai gostar mais de mim. Vai se interessar. Caroline – 16 anos.

Os nudes reiteram a “genitalização” como “um dos desdobramentos do dispositivo da sexualidade que faz coincidir sensações e desejos relacionados a determinadas zonas corporais” (PRECIADO, 2014, p. 102). O corpo retratado nas imagens dos/as jovens é reduzido a algumas zonas erógenas, em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (masculino/feminino), sendo em torno dessa relação que as subjetividades se estabelecem, relacionadas com as partes corporais, como a vulva, os seios e o pênis.

[...] O homem envia foto do pau⁸⁴, geralmente é homem que mais envia no Direct⁸⁵. Olha o tamanho! Venha, Bebê! Entendeu? [...]. Ana Paula – 15 anos.

Os relatos das jovens ilustram os dados da pesquisa TIC Kids (2017) – que já dito, entrevistou 3.102 adolescentes e crianças de 9 a 17 anos – indicando que 9% das meninas ouvidas tiveram contato com situações na Internet de pedidos de foto ou vídeo em que aparecessem peladas. Os pedidos de nudes ocorrem no Brasil em maior proporção entre as garotas com idade entre de 15 e 17 anos, 11% delas já foram abordadas em ambientes virtuais com a solicitação de envio de imagens nuas. Exemplificando esses números, segue o relato de Patrícia realizado no grupo focal da escola:

⁸⁴ Referência ao pênis.

⁸⁵ Instagram Direct é um recurso que permite enviar mídias - fotos e vídeos - diretamente para um ou mais amigos, porém, não é possível enviar texto, apenas como legenda de algum conteúdo.

Tem gente que vem por grupo de WhatsApp, Direct, Chat, te adiciona do nada e já vai chamando. Nossa, é safadinha? Daí, eu começo a bloquear. Fico nervosa. Patrícia – 17 anos.

Para que a prática do sexting assuma a posição de erótica e não como abuso e violência, os praticantes estabelecem certos procedimentos ou “protocolos” que envolvem o consentimento, a confiança e o sigilo de seus/suas parceiros/as. Porém, isso não ausenta formas de violências como o assédio inoportuno de desconhecidos que realizam investidas frequentes por meio das redes sociais, pedindo ou enviando nudes e que tem como alvo principal as garotas.

O ato de imposição masculina enviando a imagem do pênis sem nenhuma solicitação promove sensações de dor, de objetificação entre as jovens que se sentem molestadas. Tal ação remete a um sistema de práticas de poder de dominação por meio da sexualidade e a cultura do estupro como uma das práticas de poder. A estudante Anne reforça que esse tipo de abordagem ocorre na internet, relatando sua experiência:

No Snapchat, quando eu tinha, mesmo sem eu conhecer, sem adicionar, o cara me mandava alguma coisa. Quando passava da meia noite eu nem entrava mais, porque era só o que pediam: nudes. Anne – 16 anos.

As estudantes relataram que homens enviam a imagem de seus pênis sem o consentimento delas. Especulam que as motivações para esse tipo de envio seriam as mais variadas, desde a esperança de troca de nudes, excitar a pessoa que recebeu e até mesmo uma forma de narcisismo, em que muitos homens se sentem orgulhosos de seus órgãos genitais.

O envio sem consentimento de imagens do corpo humano como pênis, vulva e seios fez com que aplicativos como Twitter, Instagram e WhatsApp empregassem filtros de proteção e privacidade. As imagens surgem borradas quando enviadas por destinatários desconhecidos. É possível denunciar as contas que realizam esse tipo de compartilhamento, além de existirem funções que impedem o contato com pessoas que não estejam na lista de amigos/as.

3.3 POR ISSO QUE OS MENINOS MENTEM, POR ISSO QUE AS MENINAS USAM MAQUIAGEM

O título desse item é a representação que a estudante Patrícia – 17 anos indica a cerca de masculinidades e feminilidades. A jovem compreende que o desejo masculino seria despertado pela visão. Por meio do “ver” os nudes é que os interesses seriam aguçados. Produto de diferentes tecnologias e dispositivos, a excitação sexual e o prazer do homem estariam no olhar, na contemplação, portanto, esse fator domina os códigos visuais do sexting.

As meninas são mais ingênuas porque elas acreditam que existe amor de verdade, os piás não. As meninas se apaixonam pelo que elas ouvem, os meninos se apaixonam pelo que eles veem. Por isso que os meninos mentem, por isso que as meninas usam maquiagem. Entendeu? Patrícia – 17 anos.

Como decorrência desses pressupostos, as garotas usam de artifícios visuais para seduzir, como a maquiagem e as poses aprendidas em diferentes tecnologias. Elas “se pintam” para ficarem mais atraentes. Porém, Patrícia ressalta que para muitas garotas a troca de nudes decorre de envolvimento afetivo, então elas, necessitam ser convencidas por meio daquilo que “ouvem”. Para esse fim os garotos “mentem” seus reais motivos ao pedirem nudes, que seriam os sexuais, insinuando a possibilidade de envolvimento afetivos.

Na narrativa de Patrícia estão elencadas representações⁸⁶ de feminilidades – a maquiagem, a ingenuidade, o amor e o desejo despertado a partir de relações afetivas – e representações de masculinidade – o desejo produzido por meio da imagem e as artimanhas de sedução. Saliento o caráter mutuamente constitutivo das masculinidades e das feminilidades nas ideias da jovem, indicando que essas

⁸⁶ Santos (2018) indica que são considerados socialmente como adequados, para “mulheres” e “homens”, determinados comportamentos, tipos de interesses e atividades, gostos e aptidões, emprego do corpo e de gestos, além de relacionamentos afetivos e amorosos.

referências são produzidas uma em relação à outra⁸⁷, em um tempo e lugar específicos, sendo hierarquizadas em meio às relações de poder (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013).

As imagens, cenas e posturas, presentes na prática do sexting, evidenciam o sistema de significados e princípios sociais que organizam as possibilidades de atuação dos sujeitos. O sexting produz a “experiência de gênero”⁸⁸ (DE LAURETIS, 1994, p. 229), pois engendra os sujeitos como homens e mulheres; os/as jovens são interpelados/as por representações de masculinidades e de feminilidades.

As narrativas dos/as estudantes indicam que o sexting opera reiterando o conjunto de práticas socialmente estabelecidas e destinadas ao masculino e ao feminino, servindo como códigos de enquadramento a determinado tipo específico de gênero. Ademais, há também condutas esperadas, aprendizados adquiridos e comportamentos expressos que servem para delimitar o que está dentro e o que está fora da norma, observados na prática pelos/as estudantes.

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” - isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. (BUTLER, 2017, p.44).

Na experiência do sexting os garotos reiteram suas posições de homens e heterossexuais. Em suas narrativas, indicam que seus referenciais masculinos são baseados em signos de honra, prestígio e dominação, que se afirmam nas vivências interacionais e intersubjetivas. Tais vivências são propiciadas por meio de condutas específicas, muitas vezes violentas, perigosas e excludentes. A legitimação da conduta masculina é reproduzida por diferentes discursos, que, por sua vez,

⁸⁷ As masculinidades também se constituem entre si, como por exemplo as masculinidades dominantes em relação às masculinidades subalternas e vice-versa. O mesmo processo funciona para as feminilidades (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013).

⁸⁸ De Lauretis (1994) emprega o termo experiência de gênero, pautado nos estudos de Virgínia Woolf e Catherine MacKinnon a respeito da relação entre subjetividade, experiência feminina e sexualidade – para pensar os processos que “engendram” os sujeitos como femininos e masculinos.

funcionam como formas de controle social, a partir do momento em que estabelecem determinados códigos masculinos assumidos como legítimos e adequados.

Os jovens relacionam alguns posicionamentos como uma conduta masculina, indicada, por exemplo, pela iniciativa do sexting, realizando os pedidos de nudes e enviando as imagens de seus pênis eretos. Expressam, nessas ações, formas idealizadas de gênero, em que eles devem ser dominantes e as garotas submissas em suas relações afetivas e sexuais. Em tom de brincadeira, os garotos relatam que cabe a eles a iniciativa de enviar ou pedir nudes: “[...] o piá começa a conversar e pede”. Definem que as garotas devem ser cortejadas e não devem tomar a iniciativa da prática sem serem solicitadas: “os meninos que têm que correr atrás desse tipo de coisa”. *Marcelo – 18 anos.*

Apesar da intenção dos garotos em manipular o sexting em favor de suas preferências, a prática possui espontaneidade em sua execução, não significando que as tentativas terão exato desenvolvimento e resultados almejados. Na reprodução das masculinidades e feminilidades, a pessoa procura reconhecimento como aquela que se posiciona adequadamente e legitimamente na ordem de gênero. Todavia, o resultado nem sempre corresponde àquilo que é definido e aceito socialmente como atos próprios de homens e mulheres.

Nos casos em que as ações não conseguem corresponder às expectativas estruturadas, abre-se uma possibilidade para que as normas de gênero sejam desestabilizadas. Alguns garotos demonstram um deslocamento em relação aos padrões usualmente associados às masculinidades hegemônicas⁸⁹, como o caso de Leonardo – 17 anos, que questiona as generalizações sobre posições de gênero afirmadas no grupo focal.

Eu não concordo. Porque ela disse que homem não acredita no amor, que ele gosta do que ele vê. Eu não concordo, acho isso errado. Eu acho que não vou olhar uma mulher e nossa “tô apaixonado”, por você! Tem um corpo da hora! Tem que conversar com a pessoa, tem que conhecer a pessoa para depois você gostar [...] Leonardo – 17 anos.

⁸⁹ Para Robert W. Connel (2013), as masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. No entanto, oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Estes modelos são articulados livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias cotidianas.

O jovem Leonardo relata que por possuir ideias diferentes de seus colegas sua inclusão é mais difícil entre eles, “*provavelmente porque eu falo o que eu penso*”. Para manter o que é considerado “normal” e adequado são empregadas estratégias de poder. A ordem estabelecida é um lugar de conforto, e as eventuais ações fora da regra acabam por desestabilizar essas normas de comportamento masculino, gerando muitas vezes exclusão daqueles que não estão de acordo com as normas.

Os garotos, quando falam de sua masculinidade, estão também construindo atributos de feminilidade em relação aos quais, em geral, desejam mostrar distância ou superioridade. Em algumas situações eles demonstram incomodo com as iniciativas e comportamentos das garotas durante a prática do sexting.

Tem guria aqui no colégio que nem conversa direito e já passa pra gente [nudes]. Espalha pra todo mundo. O piá que é otário, porque a menina espalha pra todo mundo [nudes]. Gabriel – 16 anos.

Ao invés de mandar uma fotinho normal, já manda nudes. Marcelo – 18 anos.

Às vezes, não tem nada a ver com o assunto e vai lá e já manda um nudes. Leonardo – 17 anos.

A iniciativa das garotas no sexting ameaça o padrão de masculinidade que os garotos consideram como adequado, em que elas devem aguardar as interpelações. As ações relatadas pelos/as jovens ilustram a hierarquia entre os gêneros como norma generalizante, em que o feminino se encontra subordinado ao masculino.

Os relatos evidenciam a presença de uma espécie de código entre os garotos, que reforça a ideia de pertencimento e de submissão das mulheres em relação aos homens, no caso das garotas em relação a seus namorados,

A maioria das meninas que namoram e antes recebiam nudes, não recebem mais. É que os meninos só respeitam quando a gente é namorada. Por exemplo, o cara mexe com a menina na rua e o cara (namorado) vai cobrar. Daí é: Desculpa, aí! Daí, é só pro piá, porque eles respeitam só o piá. Ana Paula – 15 anos.

O sexting é realizado em um contexto de interações sexuais que envolvem negociações complexas com as normas de gênero. Abarca possibilidades de acomodar pessoas que queiram vivenciar suas sexualidades e produção de desejos

por meio de imagens. Durante o sexting as adolescentes possuem a deliberação de agenciar seus atos para pedir, enviar, compartilhar e até mesmo negar os nudes.

Ao aderirem à prática do sexting, as garotas confrontam a constituição subjetivada de sua sexualidade. Elas contrariam o sistema ao vivenciarem suas sexualidades, desejos e prazeres ao produzirem imagens de seus corpos nus e solicitarem nudes. Demonstram a possibilidade de sentir prazer por meio de um recurso que por muito tempo foi destinado só à produção de prazer masculino, o olhar, além de subverter a lógica da posição de passividade e ou afetividade nas práticas sexuais.

Existem certas exigências, normas destinadas às garotas/mulheres, que operam como forma de fiscalização constante de seus corpos e sexualidade. Nas relações do cotidiano são reproduzidas estratégias de controle e disciplina dos corpos femininos. As cobranças e fiscalizações sobre a conduta pessoal das jovens são narradas como uma tentativa de ajuste e adequação a um comportamento sexual dentro das normas. Elas observam que ocupam a centralidade de uma vigilância contundente, bem mais rígida do que os garotos. Indicam que as garotas – praticantes do sexting e aquelas que vivenciam sua sexualidade de acordo com seus desejos – podem ser incluídas no grupo das garotas que “não são para namorar”.

[...] já ouvi de menino que menina que manda nudes, não é pra namorar. Se manda pra um, manda pra todos. Também sou contra mandar nudes, tem que se cuidar, senão fica mal falada. Anne – 16 anos.

O julgamento social é uma das estratégias de controle da sexualidade das garotas, presente na classificação entre garotas para namorar e garotas para “pegar”. A possibilidade de ficarem “mal faladas” ao enviarem nudes foi ressaltada em vários momentos pelas estudantes. A posição de Anne – 16 anos expõe que o envio e pedido de nudes é considerado, por muitas jovens, como uma ação desrespeitosa. A prática do sexting estaria diretamente relacionada às garotas que não servem para manter relacionamentos de namoro. As jovens que não quiserem ser vistas como “periguetes⁹⁰” devem evitar a prática do sexting.

⁹⁰ Segundo o Dicionário Aurélio, “perigete” significa moça ou mulher que, não tendo namorado, demonstra interesse por qualquer um.

A preocupação das jovens reflete uma condição social em que homens e mulheres são definidos/as, não apenas em relação ao/a outro/a, como também tendo como referência diversos personagens que fazem parte do imaginário brasileiro. Neste sentido, a mulher seria classificada dentro de determinadas referências a partir de uma série de figuras como, por exemplo, a virgem, a puta ou a sapatão (PARKER, 1991). A figura da puta representaria uma mulher sexualmente mais livre, que valoriza seu corpo e vivencia suas fantasias, tornando-se sujeito de seu próprio desejo.

A menina manda nudes é puta. Puro machismo. Patrícia – 17 anos.

Os/As jovens compreendem as relações de gênero indicando dois polos nas relações de poder, em um polo o homem – branco e cisgênero⁹¹ – como protagonista da enunciação central dos discursos, possuindo reconhecimento pleno, enquanto sujeito, detentor do poder discursivo e político. Em outro polo, a mulher, que ocupa uma posição em que é julgada socialmente por seus atos.

Eles mandam, eles querem ser o fodão do colégio, acabam mandando, ferrando com a menina. Daí elas ficam como as putas, como isso, como aquilo. Eles não sabem como isso magoa a menina, tão “cagando” pra menina. Caroline – 16 anos.

Como consequência do julgamento social, são empregadas contra as garotas formas de violência simbólica, por meio de xingamentos como “puta”, “piranha” e “vagabunda”. O xingamento⁹² demonstra o espaço social que a mulher não deve ocupar e nem se constituir subjetivamente em relação a sua sexualidade, ou seja, na prática de sua sexualidade e desejo. O corpo e o desejo da mulher devem ser silenciados, enquanto que para o homem é uma espécie de “obrigação” que sua virilidade e desejo sejam tornados públicos (ZANELLO, 2008). Os xingamentos demonstram os valores atribuídos socialmente aos diferentes gêneros. Para a maioria dos homens, serem chamados de “pegador”, “garanhão” e “Don Juan” não se constitui

⁹¹ Termo que abrange os indivíduos que se identificam, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer em função do seu sexo biológico.

⁹² Zanello (2008) indica que xingamento é uma ponte entre os costumes sociais e a constituição dos sujeitos. Os xingamentos indicam o modo de organização social, as normas de sexualidade e de desejo.

xingamento, mas sim elogio, pois destacam a capacidade de conquistas sexuais, atribuições relacionadas à uma masculinidade valorizada.

4 ESPELHO, ESPELHO MEU! COMO ANDA MINHA IMAGEM?

As teias sociais permitem aos/às jovens agir e criar novas possibilidades de vivências a partir do estoque de novidades disponível no mundo virtual catalisado por novas relações sociais e novos laços afetivos. Entre os/as jovens existe “a capacidade de associação: de se ligar a outros, de buscar além de seu círculo familiar elos que possam durar pela vida toda” (PAIT, 2012, p. 16). Considerando as limitações de acesso, os/as adolescentes dispõem da oferta de interações sociais proporcionadas pela conexão virtual e interativa oriunda da cibercultura, que consiste em um

[...] conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade [...] em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, nas formas de sociabilidade e de comunicação social. (LEMOS, 2010, p. 21).

Em outras palavras, a cibercultura consiste no atual contexto sociocultural que interfere no cotidiano dos sujeitos; sua expansão, baseada na rede de internet, propiciou novos aparatos de comunicação e de informação. O ciberespaço⁹³, com seus sites de redes sociais, aplicativos de amizade e de paquera, apresentam um campo de múltiplos encontros desdobramentos de diferenças, singularidades e reconhecimentos de outras pessoas.

É no encontro de jovens com outros/as jovens, muitas vezes propiciado pelas redes sociais, que novas oportunidades de interação afloram, permitindo articulações inéditas e inesperadas. Nessas interações virtuais, eles/as criam sentidos para as experiências que vivenciam e se constituem como sujeitos a partir do conhecimento/apropriação de novas ferramentas e usos. Exploram, vivenciam, experimentam o cotidiano de formas diferentes do usual. Conectam-se no ciberespaço, encontram-se e exploram territórios.

A internet possibilita uma ampla gama de possibilidades de entretenimento e de informação. Um dos mais lembrados pelos/as adolescentes é o canal de vídeos

⁹³ O ciberespaço se refere às redes e aos sistemas de ambientes mediados por computadores. Uma rede de interações ‘especializadas’ intermediadas por computadores, que possibilita a presença e a interação de vários usuários (RÜDIGER, 2013).

YouTube, que oferece canais de *games*, de beleza, de humor, entre outros. Com a audiência desses canais, surge um dos fenômenos da cibercultura, os chamados/as Youtubers, que consistem principalmente em jovens que chegam a agregar milhões de seguidores no YouTube e são chamados *digital influencers* (BARBOSA, 2017).

Os/As *youtubers* tornaram-se os/as maiores influenciadores/as entre os/as jovens. Alguns elementos são apontados para a identificação com essas pessoas: (a) Possuem praticamente a mesma faixa etária de seus/suas seguidores/as; (b) Vivenciam situações comuns e as compartilham diariamente; (c) Curtem as mesmas músicas, filmes, séries e livros; (d) A proximidade com o ídolo, proporcionada pela interatividade dos/as seguidores/as do canal com os/as *youtubers*.

O conteúdo produzido pelos/as *youtubers* possui uma linguagem “direta, imediata, próxima”. Inúmeros são os casos de canais de pessoas comuns que conseguiram obter “sucesso” e conseguem alcançar milhões de jovens (BARBOSA, 2017). Estabelecem uma comunicação íntima e emocional, formando vínculos de identificação entre seus/suas seguidores/as.

Neste cenário, os/as *youtubers* passam a ser formadores/as de opinião referências em comportamento, consumo e beleza⁹⁴. Observando o potencial dos/as *youtubers*, empresas dos mais diversos segmentos passaram a divulgar seus produtos nesses canais⁹⁵.

A popularização do fenômeno dos/as *youtubers* entre os/as jovens revela possibilidades de sucesso com a exposição nas redes sociais. Abre um novo segmento de profissão rentável e impulsiona jovens comuns ao estrelato. A imagem de “gente como a gente” é enunciada pelos/as *youtubers*, falando e agindo –

⁹⁴ Pesquisa realizada pela Provokers para Google e Meio & Mensagem. Em amostragem, foram consultados 1.000 jovens de diversas regiões do Brasil para saber quais as celebridades brasileiras presentes na mídia (tradicional ou digital), eles consideravam mais influentes. Do top 20, 10 são *youtubers*. Alguns ficaram à frente até mesmo de celebridades presentes no horário nobre televisivo. No quesito publicidade, a pesquisa divulga que “[...] os *Youtubers* têm 25% mais sucesso que as celebridades das mídias tradicionais na hora de endossar produtos ou serviços online.” Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/01/11/os-mais-influentes-entre-jovens-do-brasil.html>>. Acesso em: 26 mai. 2020.

⁹⁵ Os/as *youtubers* faturam com a publicidade, que é inclusa antes, durante ou depois dos vídeos, ou com a divulgação direta de produtos em seus canais. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/09/politica/1431125088_588323.html>. Acesso em: 26 mai. 2020.

aparentemente sem censura – de suas preferências e de seus prazeres dentro de seu comportamento habitual, ressaltando supostamente sua própria “identidade”.

A exposição de corpos, estilos, comportamentos e identidades constrói um conjunto heterogêneo de ídolos da internet. A identificação dos/as jovens com essas pessoas produz a legitimação da singularidade do sujeito. A pretensão deste capítulo é analisar as formas pelas quais o dispositivo da beleza normatiza os corpos juvenis. Este é um primeiro indicativo: a ausência de um padrão único corporal/estético entre estes/estas influenciadores/as. Fator que corrobora a propagação massificada da ideia de embelezamento singular. Por outro lado, a exposição, tanto para jovens famosos/as ou não, nas redes sociais, enfatiza o corpo como forma de expressão privilegiada. O corpo expressa um “valor original a partir da aparência” acentuando o desejo de reconhecimento social. Portanto, “a beleza é o que se mostra, a personalidade de alguém. Sua gestualidade, sua maneira de ser” (VIGARELLO, 2006, p. 182).

O padrão “ideal” de beleza é prescrito a partir de escolhas individuais, o disciplinamento é responsabilidade do sujeito; não alcançar os valores estipulados significa fracasso. A beleza se restringe a ter vontade, evocada nas propagandas, pelas marcas de produtos de beleza, pelas influencers, que produzem um discurso em que “a escolha individual se sobressaia até o fim; tudo parece feito para que a responsabilidade de cada um, até mesmo seu sentimento de fracasso, prevaleça em caso de embelezamento ‘limitado’” (VIGARELLO, 2006, p. 188).

A individualização da beleza não aniquila determinadas normas que resistem além da dispersão das escolhas. Os padrões estéticos permanecem coletivos, “coerentes” apesar da profusão de diversidades dos corpos nas mídias, confirmando uma convergência dos imaginários: sobre a eficácia social e o desejo que os corpos dentro da normalidade alcançam.

[...] convergem o sentimento de poder dominar a aparência e o de poder transformá-la em sinal marcante do si individualizado. Daí, enfim, um novo tipo de conflito, um obstáculo decisivo mesmo, às vezes, entre as duas vertentes tradicionais da beleza: o mais eminentemente individual, o mais eminentemente coletivo. (VIGARELLO, 2006, p. 181).

Tornar-se a si próprio sujeito responsável por sua beleza envolve o consumo de materiais e técnicas. A ideia de beleza entre os/as adolescentes exhibe preceitos de dualidade: ao mesmo tempo em que são universalizados e amplamente divulgados pela internet, por outro lado, afirmam que o empreendimento para a obtenção dessa conquista é individual. A maquiagem, as operações plásticas, intervenções estéticas, cremes dermatológicos, dietas, massagens, exercícios físicos, além dos filtros e aplicativos digitais fazem parte da elaborada teia de técnicas mobilizadas pelo dispositivo da beleza.

Dentre as formas de envio de mensagens de texto, vídeos e imagens, inclusive as de cunho sexual, as redes sociais, foram relacionadas pelos/as adolescentes participantes do grupo focal, sendo as mais citadas: Messenger⁹⁶, Snapchat, Twitter, Instagram e o WhatsApp.

4.1 CHAMA NO CONTATINHO⁹⁷!

O relato do estudante João – 18 anos exemplifica a abrangência das redes sociais, acionadas por meio de celular, na vida dos/as jovens. Essas interações virtuais influenciam aspectos da vida social, afetiva e sexual dos/das jovens. O estudante informou que possui 33 mil seguidores em sua conta no Instagram. Ele obteve esse número de amigos/as virtuais devido a uma participação em um concurso de calouros na televisão. Durante algum tempo, explicou empregar estratégias para conseguir mais seguidores entre os/as milhões de jovens usuários/as dessa rede social. Uma delas consistia em entrar em grupos em que a moeda corrente era troca de *likes*⁹⁸ e de seguidores/as. O número de seguidores/as para os/as jovens

⁹⁶ Messenger é um serviço do Facebook para mensagens instantâneas e aplicação de software que fornece texto e comunicação por vídeo. Disponível em: <<https://www.messenger.com/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

⁹⁷ Contatinho “é aquela pessoa que você procura para se distrair, enquanto não conquista o desejado *“crush”* — este, sim, é por quem seu coração bate mais forte”. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/11/17/chama-no-contatinho-conta-o-que.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

⁹⁸ Like: corresponde a ter gostado de uma postagem; curtir. Atualmente, aplicativos e links oferecem às empresas que utilizam o Instagram, a venda de seguidores e de likes, como estratégia para ampliar

corresponde a uma espécie de status social virtual. Esse fator não é necessariamente convertido em capital social na vida fora das redes. Apesar de ser um sucesso em suas redes sociais, João argumenta:

Tenho mais amigos no Instagram, do que amigos de verdade, passo a maior parte do tempo conectado. Sobra pouco tempo para amizades na real. João –18 anos.

As sociabilidades mediadas por celulares conectados à internet, entre outros aparatos portáteis de comunicação, alimentam novas tensões e arranjos interativos entre os sujeitos que, em face destas experiências, desenvolvem modos particulares de lidar com a intimidade, o corpo e o desejo. As conexões amorosas e sexuais eclodem nas plataformas da internet e atraem pessoas que encenam seus desejos. Essas relações são marcadas pela interpelação dos regimes de visibilidade de suas identidades e de suas sexualidades.

Com o advento das redes sociais, dos e-mails, dos aplicativos de conversação, as relações interativas e a própria socialização passaram por modificações. Postar, comentar, publicar, interações advindas dos sites de redes sociais, como o Instagram e Facebook, instituíram uma reestruturação na dicotomia entre público e privado (WEST; LEWIS; CURRIE, 2009).

As gerações que nos antecederam possuíam diários em que guardavam seus segredos, suas lembranças, aventuras e, por vezes, dissabores da juventude. Os pensamentos eram íntimos e de tão sigilosos mereciam ser guardados em um caderno com cadeado, perfeito para intimidar olhares bisbilhoteiros. Hoje o cotidiano pessoal é revelado nas redes sociais. As inúmeras páginas escritas e reescritas do que foi vivido, foram, em muitos casos, suprimidas pelas centenas de fotos que se armazenam na memória dos celulares, nas máquinas digitais. Essas memórias são transferidas para um *drive on-line*, uma “nuvem”, ou são apagadas quando o celular avisa que está em seu limite. Uma imagem escolhida para ser publicada, depois de tratada por filtros e edições, é apresentada ao mundo pelas redes sociais, pronta para

o alcance de suas marcas. Em 19 de setembro de 2019, o Instagram eliminou o número de curtidas no *feed* (linha do tempo), somente os/as próprios/as usuários/as podem saber a quantidade de curtidas que suas fotos recebem. Como o grupo focal foi realizado antes dessa data, manteve a narrativa de João.

as curtidas e comentários dos amigos virtuais. O que se come, como se veste, onde se vai e com quem são assuntos divididos com amigos e desconhecidos.

Os gostos, sentimentos e particularidades que eram partilhados com os/as mais íntimos/as, passam a ser compartilhados com diferentes pessoas, as quais muitas vezes são totalmente desconhecidas. As ações que constituíam o domínio da vida privada são expostas para distintos olhares, passando a ser públicas. Os/As usuários/as escolhem opções de privacidade, porém em algumas circunstâncias a esfera da intimidade é revelada. O atual uso das mídias digitais

[...] é o capítulo mais recente de uma longa história de dessacralização das relações pessoais, ou seja, do borrimento das fronteiras entre o privado e o público que começou, provavelmente, com a popularização do uso do telefone na segunda metade do século XX. Num processo inicialmente paralelo, também se desenvolveram os computadores pessoais na década de 1980. Essas invenções tecnológicas se disseminaram e se aproximaram, na década seguinte, por meio da articulação telefone e computador pessoal que tornou possível a expansão e o uso comercial da internet a partir do final da década de 1990. Não tardou para que, no início do século XXI, o uso de celulares, dos computadores portáteis e da internet convergissem na experiência já cotidiana da mobilidade de acesso às mídias digitais. (MISKOLCI, 2012, p. 32).

Os celulares foram criados como versão individual do telefone fixo, que pouco a pouco, foram incorporando dispositivos para se tornarem uma ferramenta de conexão social. O levantamento exposto pelo TIC Kids (2017) indica que 97% dos/as jovens pesquisados/as utilizam o celular como equipamento para acessar a internet. Destes/as, 42% acessam a internet na escola, porém é em casa que 90% deles/as se conectam.

A frequência de uso da internet exposto pelos dados da pesquisa TIC Kids (2017) é realizada mais de uma vez ao dia por 78% dos/das adolescentes, enquanto que 15% se conectam ao menos uma vez ao dia. Os/As jovens que utilizam a internet uma vez na semana representam 3% dos/das participantes.

Os/As pesquisados/as entre 15 – 17 anos buscam na internet informações sobre trabalhos escolares (77%), informações sobre saúde (42%), curiosidades (75%), oportunidades de cursos e empregos (53%), informações sobre a localidade em que moram (30%) e mapas (48%), conforme pesquisa apontada (TIC KIDS, 2017).

A convergência tecnológica em um aparelho levou o telefone celular a aglutinar as diferentes formas de contato inventadas nas últimas décadas, além de possuir a

capacidade de concentrar várias fontes de entretenimento, como tirar fotografias, filmar vídeos, jogar, ouvir músicas, assistir a filmes e séries, entre outras possibilidades. Compartilhar músicas, posts, vídeos, notícias em suas redes sociais são condutas que os/as adolescentes cada vez mais usam para revelar suas ideias, proclamar seus sentimentos e suas expectativas por meio de imagens, frases, textos e memes⁹⁹.

As interações nas redes sociais reiteram normas que atribuem inteligibilidade e capital social aos perfis de forma seletiva (COUTO, 2014). O ato de curtir e compartilhar postagens de amigos/as ou contatos da rede social deriva da visibilidade de si e dos/as outros/as ao mesmo tempo.

A cultura da participação – curtir, compartilhar, colaborar, postar fotos e comentários – promove a visibilidade e constitui um dos principais aspectos esquadrihados nos perfis durante a paquera. Aquilo que é curtido, compartilhado e/ou postado é regulado socialmente: os assuntos, páginas e imagens representam a performance virtual dos sujeitos cuja avaliação é interseccionada por vetores de diferenciação, tais como gênero, sexualidade e classe social. (SAMPAIO, 2019, p. 24).

Para que a comunicação nas redes sociais ou aplicativos alcance os resultados almejados de interatividade que variam entre amizade ou sexo, é imprescindível a quantidade de tempo despendido nas ações no ciberespaço. Segundo a narrativa dos/as jovens a qualquer momento do dia pode ocorrer o *like* do/a *crush*¹⁰⁰ ou a visualização dos *stories*¹⁰¹, sinalizando que ele/a está seguindo sua vida virtual, assim como o convite para ser amigo/a ou seguidor/a de alguém interessante nas redes sociais.

O comportamento descrito anteriormente é confirmado por 97% dos adolescentes que afirmam possuir perfil em redes sociais. A rede social mais popular entre os/as adolescentes de 15 a 17 anos (TIC Kids, 2017), é o Facebook¹⁰², em que

⁹⁹ Meme é um termo conhecido e empregado na internet, referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação. Refere-se a uma "informação, ou seja, vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc., que se espalhe rapidamente entre vários usuários da internet, alcançando muita popularidade". Disponível em: <<https://www.significados.com.br/meme/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹⁰⁰ *Crush*: Designa alguém por que somos apaixonados ou sentimos atração/desejo.

¹⁰¹ *Stories*: As redes sociais Instagram e Facebook ofertam esta funcionalidade para que seus/suas usuários/as publiquem fotos e vídeos rápidos, que podem ser editados. Os *stories* possuem temporizadores e podem ser visualizados por um período de 24 horas.

¹⁰² Facebook é uma mídia social e rede social virtual. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

92% dos jovens entrevistados possuem perfil. A pesquisa demonstrou que o Twitter¹⁰³ é utilizado por 23%, o Instagram por 49%, o Snapchat¹⁰⁴ por 36% e o WhatsApp¹⁰⁵ por 85% dos/das jovens.

Segundo os relatos dos/as estudantes, as redes sociais possibilitam aproximações entre colegas da escola, assim, como de pessoas que nunca se viram na vida. Dentre um dos meios mais empregados estão os grupos de contatos da rede WhatsApp, que são organizados por diversos motivos,

Tem os grupos da sala também. Que serve pra quando a gente vai fazer trabalho. Fernando – 16 anos.

Vai rolar uma festa, já inventam grupo. Eu tenho uns grupo de WhatsApp bem loco, que me colocam, não conheço ninguém, uns caras que a gente nunca viu na vida, uns cara com cara de traficante (risos). Caroline – 16 anos.

Tem o grupo da família (risos) esse é o pior de todos. Uma chatice (risos). Serve só para dar confusão. Gabriel – 16 anos.

As mensagens instantâneas possibilitadas pelo WhatsApp ou pelo Messenger são formas de comunicação que 91% dos/as jovens participantes usam, 74% deles/as mais de uma vez por dia. As repostas imediatas, as visualizações nos *stories* do Instagram e Facebook, compartilhamentos de *memes*, *likes*, indicam interesse e possíveis flertes virtuais. Visualizar as mensagens e não responder, não aceitar a solicitação de amizade ou parar de seguir ou ser seguido/a nas redes são situações que geram incômodo para os/as adolescentes.

Quando a gente manda mensagem no WhatsApp e vê que a guria visualizou e nem respondeu, deixa a gente no “vácuo”, fico “puto” da cara. Também quando peço para seguir alguém e não me aceita, fico pensando por que não aceitou. Parece que tem coisa errada comigo, né? Aceita todo mundo, menos eu, meio sinistro essas paradas. Gabriel – 16 anos

¹⁰³ Twitter é uma rede social e um servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos. Tweet ou tuíte é o nome empregado para designar as publicações feitas no Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/login?lang=pt>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹⁰⁴ Snapchat é um aplicativo de mensagens, baseado em imagens. Disponível em: <<https://www.snapchat.com/l/pt-br/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

¹⁰⁵ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/?lang=pt_br>. Acesso em: 13 de jun. de 2018.

A constituição dos/as jovens se faz em grupo, nas redes de socialização, sempre em relação com os/as outro/as. Essas experimentações convergem diretamente em um olhar; uma preocupação com o que se pensa e se sente. Igualmente em uma ação, sobre o próprio sujeito, exercícios que buscam a transfiguração e a transformação. A reflexividade de si mesmo/a é incitada pelo encontro com o outro/a, nas conversas, na interpelação.

Os fatores elencados anteriormente são ressaltados pelos dados da pesquisa TIC Kids, em que a interação social é um dos principais objetivos das redes sociais, tanto com pessoas próximas geograficamente como 54% dos/as jovens que usaram a internet para conversar com pessoas de outras cidades, países ou culturas. Outros 36% afirmam terem encontrado pessoalmente com alguém que conheceram na internet e 10% enviou fotos ou vídeos pessoais para pessoas que não conheciam fora do universo on-line. As redes sociais constituem um meio de, entre outras possibilidades, os/as adolescentes exteriorizarem seus pensamentos, 58% postaram vídeo ou foto em que aparecem.

Para 53% dos/as jovens, seus pais ou responsáveis têm “mais ou menos” conhecimento das suas atividades na internet. Uma forma de fugir da vigilância dos/as adultos/as, encontrada pelos/as adolescentes, é migrar para redes em que os primeiros não dominem ou nem saibam da existência. Um caso recente foi o Snapchat. Por ser uma rede social que apaga as postagens após 24h de seu compartilhamento, muito/as jovens migraram para ele, uma vez que os/as responsáveis e professores/as não eram usuários. No Snapchat¹⁰⁶ as imagens e mensagens são vistas em um curto período de tempo antes de tornarem-se inacessíveis, esta rede social foi uma das motivadoras da propagação do envio e recebimento de nudes entre os/as jovens, pelo fato de que as postagens não podem ser compartilhadas, no entanto podem tirar *print*¹⁰⁷. Alguns aplicativos como o CONFIDE e o TRICK PICS são considerados mais seguros por possuírem proteção contra *prints* e possuírem mensagens criptografadas.

¹⁰⁶ Segundo a pesquisa PerguntAção, realizada pela empresa de Telefonia Vivo, o Snapchat é uma rede social que tem, no mundo todo, a maior concentração de adolescentes (60% têm até 24 anos, sendo que 23% têm entre 13 e 17 anos). Disponível em: <<http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/pdfs/Juventude-Conectada-2016.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

¹⁰⁷ Recurso oferecido por computadores e celulares para copiar a tela que está aparecendo.

Quadro – Conexão, redes sociais e sexting dos/as estudantes

Estudante	Como e onde se conecta	Redes sociais	Enviou, pediu, trocou, compartilhou e/ou viu nudes por meio de aparelho celular
Garoto 1	Telefone celular em todos os lugares	Facebook, Instagram, Snapchat e WhatsApp	Sim
Garoto 2	Telefone celular Computador e tablet em casa	Facebook, Instagram e WhatsApp	Sim
Garoto 3	Telefone celular Computador em casa	WhatsApp	Sim
Garoto 4	Telefone celular Computador na escola	Instagram, Snapchat e WhatsApp	Sim
Garoto 5	Tablet e telefone celular em todos os lugares	Facebook e WhatsApp	Sim
Garota 1	Telefone celular Computador em casa	Facebook, Instagram, Snapchat e WhatsApp	Sim
Garota 2	Telefone celular Computador em casa	Facebook e WhatsApp	Sim
Garota 3	Telefone celular Computador em casa	WhatsApp, Instagram	Sim
Garota 4	Telefone celular Computador em casa	Facebook e WhatsApp	Sim
Garota 5	Celular em todos os lugares	Facebook, Snapchat e WhatsApp	Sim

Fonte: Dados organizados pela autora, com base nos questionários individuais.

4.2 NÃO É SÓ DE LIKE QUE ESSA BOQUINHA GOSTA

A visibilidade oportunizada pelas redes sociais expõe o “poder de existir”, revelado como propagação e ampliação de relações do sujeito com o mundo. O ingresso em uma rede social requer que cada sujeito selecione informações que irá expor sobre si mesmo, assim como o que deseja publicar e a maneira que pretende interagir com os/as outros/as usuários/as. As formas de interação pretendidas são relacionadas com seus interesses e com as opções que o site oferece. Alguns elementos são considerados essenciais para a elaboração de um perfil: nome, imagem (foto, vídeo ou câmera em tempo real) e linguagem (escrita ou falada).

As redes sociais para os/as estudantes são a cena verbal e corporal da demonstração de si mesmos/as, estando comprometidos/as “por uma busca de

autenticidade, de estilização de si, a qual gera uma *self on-line*¹⁰⁸ que pode contrastar com o *off-line*” (MISKOLCI, 2012, p. 35). Independente da forma de interação virtual, a composição de uma identidade *on-line* é cuidadosamente construída, “(...) *A gente tenta passar o que tem de melhor, de mais bonito, de mais interessante*”, *Patrícia – 17 anos*.

A imagem/mensagem – produzida, transmitida e captada adequadamente – é fator primordial para que a performance virtual seja exitosa. Os efeitos de significados elaborados nas redes sociais, conjuntamente às autorrepresentações – hábitos, disposições, percepções – resultam na interação do eu com práticas, discursos e tecnologias socioculturais dedicados à produção de homens e mulheres. Os contatos mediados por computador/celular possibilitam novas formas de sociabilidade, ao mesmo tempo em que, reiteram valores sociais e de gênero já existentes (BELELI, 2012; MISKOLCI, 2012).

As imagens dos/das usuários/as nas interações digitais adquirem valor social e oportunizam múltiplas representações de si. O ambiente virtual possui recursos que asseguram a manipulação e administração de impressões de acordo com a finalidade desejada. Nas redes sociais “a elaboração de um perfil é um processo de autorreflexão que converte o eu privado em uma performance pública” (ILLOUZ, 2006, p. 6). Os perfis são construídos como uma espécie de *outdoor* de corpos virtuais permeados por “narrativas de si”¹⁰⁹, que objetivam o reconhecimento dos sujeitos como desejáveis.

As narrativas dos/as adolescentes expressam estratégias corporais no ambiente on-line, em que a textualização de si e de seu desejo ao mesmo tempo assumem uma forma de socialização e um verdadeiro exercício subjetivo de colocar o desejo em discurso e se reconhecer como sujeito dele (MISKOLCI, 2017).

O “si mesmo” é uma relação social e pública sustentada pelas normas que podem permitir possíveis reflexões éticas, ativadas pela racionalidade específica e historicamente condicionada (BUTLER, 2017, p. 146). Portanto, nas redes sociais o/a jovem realiza ações performativas de si mesmo/a, e esta ação deve estar em

¹⁰⁸ *Self on-line* consiste na representação de si mesmo nas redes sociais, aplicativos, etc.

¹⁰⁹ As “narrativas de si” – que se multiplicam nas redes sociais – permitem a conectividade contínua dos atores sociais, tanto para construir visibilidade quanto para divulgar pontos de vista (COUTO, 2014).

consonância com determinadas convenções públicas que são estabelecidas para que ocorra o reconhecimento pelo/a outro/a usuário/a.

O ato de relatar a “si mesmo” adquire a forma de “narrativa de si” ao receber o reconhecimento no/a outro/a (BUTLER, 2017), portanto a interpelação é fundamental no processo de socialização virtual. A interação nas redes sociais proporciona ao sujeito o reconhecimento de sua identidade mediante as interpelações dos/as outros/as usuários/as. A exposição proporcionada pelo ambiente virtual produz a percepção de similaridade e identificação de aspectos que diferenciam os sujeitos. A compreensão de suas próprias características torna o sujeito um ser singular.

4.3 DEU MATCH! MANDA NUDES, BEBÊ!

A internet oferta para o “corpo eletrônico” atividades sexuais distintas. Possibilita a seleção de outros corpos para atividade sexual em espaços distintos; por outro lado, encontra corpos para atividade sexual no mesmo espaço físico (VIRÍLIO, 2014). O “corpo eletrônico” atua sexualmente para que o corpo físico observe. O “corpo eletrônico” observa, direcionando-se ao corpo em carne para atividade sexual na esfera física.

A oferta de possibilidades sexuais no ciberespaço também ocasiona a constante necessidade de tocar tanto a si mesmo/a quanto a outrem; causar desejo, prazer em si e nos/as outros/as. São possibilidades que a informática propicia aos sujeitos como procedimentos on-line para “fins lucrativos ou de simples prazer”.

O/A adolescente revela a si mesmo/a durante a interação virtual. Nesta ação ocorre a constituição dele/a enquanto sujeito de reconhecimento. As relações no ciberespaço são constituídas socialmente, portanto os termos de reconhecimento são os mesmos empregados nos contatos *off-line*.

A descoberta do desejo é a descoberta de uma fratura ontológica que faz do meu ser um espaço de um questionamento contínuo a respeito do lugar que ocupo e da identidade que me define. Um questionamento que faz do meu ser um modo contínuo de interpelação ao outro, já que não há desejo sem que haja o Outro. (SAFATLE, 2017, p. 179)

A visualização da foto proporciona que os/as usuários/as das redes sociais sejam afetados/as pelo desejo ou pelo interesse social em conhecer alguém. A foto materializa o corpo virtualmente, promove a produção de desejo, conseqüentemente propicia o reconhecimento nos ambientes virtuais. Quando cumpre sua finalidade de promotora de reconhecimento, ela é curtida, comentada e compartilhada compondo uma espécie de ritual de paquera cibernético. Outras ações devem ser realizadas para que se possa avançar no processo de sedução on-line. A interação passa do ambiente em que a visualização de todos/as é permitida, para as chamadas inbox¹¹⁰. Como nas interações off-line, as interações em ambientes virtuais podem ter início em um espaço público, mas se consolidam no privado.

As fotos em aplicativos em sites de encontros românticos e sexuais – Tinder¹¹¹, Adote um cara¹¹², Happn¹¹³, Badoo¹¹⁴ – são o instrumento que desperta o reconhecimento de pessoas que possuam interesses em comum, seja afetivo ou sexual. O jovem João – 18 anos, usa sites de paquera como o Tinder, pratica o sexting com pessoas conhecidas e desconhecidas, enviando e recebendo nudes. Informou que costuma encontrar com pessoas que conhece nesses sites.

A pessoa tem um perfil legal, conversa bem, aparece de um jeito na foto do Tinder, do Face. Manda nudes da hora. João – 18 anos.

Esse tipo de rede social disponibiliza o perfil de usuários/as que tenham interesse em conhecer pessoas para encontros românticos e/ou sexuais, empregando critérios de afinidades, localização, descrição de parceiro/a pretendido/a. As possibilidades de escolha dos/as usuários/as são ampliadas, gerando opções de

¹¹⁰ O termo *in-box* é utilizado principalmente no Facebook e as mensagens privadas dessa rede social são enviadas pelo aplicativo chamado *Messenger*. Outras redes sociais possuem a mesma funcionalidade, no caso do Instagram chama-se “*direct message*” (mensagem direta).

¹¹¹ Tinder é um aplicativo de localização de pessoas para encontros românticos on-line. Cruzando informações do Facebook e do Spotify para localizar pessoas geograficamente próximas. Disponível em: <<https://tinder.com/?lang=pt>>. Acesso em: 29 dez. 2019.

¹¹² Adote um cara é um aplicativo em que as mulheres que decidem com quem desejam conversar e se relacionar. Disponível em: <<https://www.adoteumcara.com.br/>>. Acesso em: 29 dez. 2019.

¹¹³ Happn é um aplicativo móvel de busca social baseado em localização que permite que os/as usuários/as interajam, desde que ambas as partes desejem. Disponível em: <<https://www.happn.com/pt-br/>>. Acesso em: 29 dez. 2019.

¹¹⁴ Badoo é uma rede social fundada em 2006. Disponível em: <<https://badoo.com/pt/>>. Acesso em: 29 dez. 2019.

interagir com pessoas que não são amigos/as, colegas de trabalho ou conhecidos/as, ou que vivam em outras localidades.

[...] certeza de que em um site de busca de parceiros todos procuram alguém, o que atrai quem prefere evitar incertezas sobre as intenções de pessoas no cotidiano. Um segundo atrativo da busca *on-line* está na praticidade, a qual se desdobra na comodidade de poder paquerar de casa ou do trabalho, a qualquer hora. Mas, provavelmente, o maior atrativo reside na possibilidade de entreter “paqueras” múltiplas e simultâneas ampliando suas probabilidades de encontrar alguém sem se expor da mesma forma que na vida *offline*. Afinal, em um site, se alguém não te dá atenção, você pode partir para o/a seguinte enquanto em uma festa ou boate, por exemplo, isto pode atrair olhares reprovadores e até mesmo a recusa do novo paquera. (MISKOLCI, 2012, p. 34).

As redes sociais de paquera constituem-se em um mecanismo de identificação e autopromoção dos sujeitos, portanto, uma forma de comodização¹¹⁵ de si. As múltiplas possibilidades que o universo on-line propicia na busca de parceiros/as pode levar à percepção de um verdadeiro “mercado amoroso” (ILLOUZ, 2006) ou um “mercado de corpos” (ILLOUZ, 2011). Essa disposição implica em subestimação dos sujeitos acarretada pela abundância de outras possíveis parcerias; nos encontros off-line é acentuada a sensação de que o/a parceiro/a escolhido/a não é o “correto/a”.

As conexões e as parcerias amorosas e sexuais intermediadas pelos sites de encontro possibilitam visualizar o universo de “parceiros em potencial, ampliá-los numericamente e, sobretudo, essas mídias também acenam – por meio dos recursos de busca – com a possibilidade de escolher como nunca antes” (MISKOLCI, 2012, p. 35).

A publicação de perfis pessoais em plataformas de encontros redefine as aspirações e desejos dos sujeitos em relação às demandas preexistentes por intimidade. Na busca pelo “par perfeito” na internet, baseando-se numa interação incorpórea, cuja abundância e permutabilidade são características principais (ILLOUZ, 2011), há produção de marcadores de diferença que produzem valorização e

¹¹⁵ O termo comodização refere-se ao ato de construir uma imagem ou apresentação de si mesmo como “mercadoria” a ser “consumida”, algo perceptível, por exemplo, na construção de um perfil on-line voltado para a paquera. A comodização de si mesmo envolve a escolha das imagens pessoais, a atenção aos aspectos estéticos e, sobretudo, ao potencial de apelo em relação a um possível interessado, pensado como uma forma de consumidor para esta self forjada on-line a partir de procedimentos similares aos da criação de uma mercadoria (MISKOLCI, 2012).

desvalorização de sujeitos. As descrições nesses sites são elaboradas a partir da composição das fotos, das respostas aos formulários. Os recursos de busca permitem a oferta de possibilidades em conformidade com o padrão estipulado pelo/a usuário/a, obedecem a critérios de seleção como idade, altura, peso, cor de pele, cabelos, olhos, etc.:

Daí, a gente encontra pessoalmente é outra coisa. Dá até medo de tão monstruosa (risadas). João – 18 anos.

Os/As jovens participantes relatam preocupação com a composição de seus perfis, principalmente as imagens postadas em seus perfis e redes sociais. Justificam que as imagens expostas nas redes sociais devem observar fatores, como: retratar a identidade, possuir boa qualidade, ser próxima da realidade; o/a retratado/a deve parecer bonito/a. Os garotos preferem parecer um pouco mais velhos, “mais maduros”, enquanto as garotas preferem parecer mais magras.

As fotos dos meus perfis sempre me preocupam. Preciso me sentir bem com a foto, me achar bonita, senão nem coloco. Prefiro colocar uma foto da Mulher Maravilha (risadas). Às vezes troco a foto e ninguém comenta nada, já saquei que não agradou, troco na hora. Se a foto for boa, bonita, a gente recebe muitas curtidas e comentários. Se não for assim, nem troco a foto antiga. A gente posta foto para causar, para elogiarem. Anne – 16 anos.

A foto de perfil, geralmente uma selfie¹¹⁶, é considerada como indício da personalidade dos/as jovens, por isso estes/as adotam estratégias para torná-la bonita, interessante e que desperte o reconhecimento de possíveis contatos. A construção das imagens obedece a procedimentos em que a posição do rosto e do corpo, as roupas e os acessórios são testados e combinados inúmeras vezes; são trocadas com o passar dos dias e conforme os interesses pretendidos.

As fotos em espelhos são consideradas como preferidas, tanto as *selfies*¹¹⁷ de rosto quanto as que retratam o corpo inteiro. Os/As estudantes narram que procuram a pose ideal, que os/as deixe satisfeitos/as em frente aos espelhos do banheiro da escola, de casa ou dos shoppings.

¹¹⁶ *Selfie*: é um neologismo que surgiu a partir da expressão *self-portrait*, traduzido como autorretrato. Consiste em um autorretrato realizada por *smartphone*, *webcam* ou uma câmera digital.

¹¹⁷ Pereira (2016) elabora o neologismo “pedagoselfie”, indica que esse tipo de autorretrato possui uma determinada pedagogia em sua produção, composta por significados e práticas relacionadas ao corpo, imagem e tecnologia.

Adoro um espelho, quem não gosta? Se no espelho eu apareço bem, a foto sai bem, é um bom lugar para tirar foto. A foto do perfil é importante, porque é a primeira coisa que meus seguidores e os estranhos veem. Só depois que a foto chama atenção é que a gente vai querer saber quem é a pessoa. Anne – 16 anos.

O ato de trocar muitas vezes a foto de perfil nas redes sociais pode ser compreendido como insegurança e a necessidade de receber elogios dos contatos. Outras vezes é percebido como se a pessoa quisesse chamar atenção de alguém especial, pretendente ou *crush*.

O contato virtual, mediado por redes sociais, evita possíveis rejeições face a face, proporcionando uma espécie de fuga de situações e/ou emoções desconfortáveis. A rejeição no ambiente digital é assimilada como se o fato não houvesse ocorrido, evitando constrangimentos desnecessários frente aos outros indivíduos, principalmente entre colegas que poderão se encontrar nos corredores e no recreio da escola todos os dias. Levar um “fora” pode não ser agradável, mas via internet se torna menos traumático, como disse Fernando – 16 anos: *“tem vez que não rola nada com a mina. Daí, é só deletar, não dá nada”*.

As novas práticas sociais, mediadas pelas redes sociais, “substituem ou complementam as práticas sexuais face a face” (LOURO, 2016, p. 10). O interesse despertado por um/a colega durante o recreio da escola não exige a interferência de amigos/as em comum para realizar a apresentação ou de qualquer outro plano engenhoso para se aproximar e estabelecer alguma forma de comunicação.

Dá uma encarada, já vai procurar o nome no Facebook ou no Instagram pra adicionar, pra chamar no Messenger. No Direct. Marcelo – 18 anos.

Após o primeiro contato virtual, pode ocorrer o pedido do nudes, que vai mensurar que tipo de envolvimento se pode esperar de quem despertou o interesse do/da jovem. Dependendo da reciprocidade poderão ocorrer as interações e a satisfação dos desejos afetivos e sexuais.

Geralmente, na maior parte das vezes é pelas redes sociais. Dificilmente você chega pessoalmente na pessoa. Você fica, vê alguém, fica olhando, daí você descobre o nome e procura no Facebook. Adiciona. Já chama “oi”. Você vê se rola. Daí, já começa pro lado mais pessoal. Daí quando vê já tá rolando nudes. Gabriel – 16 anos.

A troca de nudes ocorre antes mesmo de um encontro off-line, segundo os/as jovens, ou ter “ficado”¹¹⁸ com a pessoa. A prática é relatada como uma ação de interesse imediato pelo/a outro/a, como afirma Maíra – 16 anos:

Se conhece a pessoa [pessoalmente ou pelas redes sociais], no dia se pede nudes. No dia. Manda nudes, bebê!

O sexting pode derivar da interação social e/ou virtual dos/as adolescentes. A prática pode se tornar um elemento decisório para futuros envolvimento, sejam eles sexuais ou afetivos. Os pedidos de nudes podem surgir entre amigos/as, ficantes, paqueras e desconhecidos/as. O sexting é uma prática sexual, que envolve sujeitos que não necessariamente possuem vínculos ou interesses amorosos.

4.4 MANDAR NUDES, TRAILER OU SPOILER?¹¹⁹

A história do eu como sujeito, como autoconsciência, como ser-para-si, é a história das tecnologias que produzem a experiência de si. E estas, por sua vez, não podem ser analisadas sem relação com um domínio de saberes e com um conjunto de práticas normativas. A experiência de si (FOUCAULT, 1989b) seria, então, a correlação, em um corte espaço-temporal concreto, entre domínios de saber, tipos de normatividade e formas de subjetivação.

Nas narrativas sobre seus corpos os/as estudantes destacaram sentidos vinculados aos padrões de aparência, que se desdobram em termos de formas aceitas socialmente, autoestima e socialização. O corpo como produto de diversas técnicas e dispositivos de poder, efeito de práticas em que

¹¹⁸ Ficado/ficar = beijar, abraçar, transar.

¹¹⁹ Trailer é um videoclipe criado para anunciar um filme, série, seriado, jogo eletrônico ou uma outra publicação, na internet a expressão significa “deixar” com vontade de alguma coisa. Spoiler, deriva do verbo em inglês “to spoil”, que significa “estragar”, é uma expressão utilizada na internet como “estraga o prazer” de quem aguarda determinada situação.

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (FOUCAULT, 1979, p. 146).

O corpo é entendido aqui como produto resultante de uma construção cultural, social e histórica, sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. O corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções. Os significados compartilhados pela beleza determinam os corpos que são sujeitos de reconhecimento (FOUCAULT, 1979) produtores de desejo.

As pessoas mandam nudes porque se sentem de bem com o próprio corpo, acham bonito, querem mostrar sua beleza, como uma forma de empoderamento. Fernando – 16 anos.

No corpo convergem diferentes discursos e tecnologias culturais, bem como leis, códigos morais e linguagem, sendo construído a partir daquilo que dele se diz (GOELLNER, 2019). O corpo é inscrito pelo dispositivo da beleza dentro dos circuitos de desejo e da heterossexualidade compulsória (RICH, 2010). Os recursos, técnicas e discursos empregados pelo dispositivo da beleza produzem o assujeitamento¹²⁰ a determinadas representações corporais relacionadas ao feminino e ao masculino. Esse processo faz parte da autorrepresentação e da subjetivação identitária dos sujeitos (DE LAURETIS, 1994).

O corpo sustenta a beleza, o mecanismo que produz gestos, condutas, discursos e modos de existência. Os/As adolescentes possuem modelos estéticos que seguem uma lógica cultural, geralmente associados a pessoas que estão na mídia, como atrizes, atores, modelos, atletas e youtubers. As normas de inteligibilidade social atuam na produção de corpos ajustados às noções de “homem-masculino” e “mulher-feminina” (SALIH, 2015, p. 91). A procura por corpos desejados é um “fenômeno social de corporificação das identidades pautados por modelos inalcançáveis pela imensa maioria das pessoas” (MISKOLCI, 2006, p. 682).

¹²⁰ O assujeitamento, segundo a teoria foucaultiana, consiste na submissão da subjetividade por meio de discursos, técnicas e estratégias que produzem a homogeneidade da subjetividade.

Este conceito abarca as materialidades, como as revistas, os programas de televisão, os canais do YouTube, sites de relacionamento, etc. Tais materialidades criam mecanismos que interferem na produção de subjetividades. Ao colocar em circulação imagens e valores, fornecem elementos para que os sujeitos construam formas de se autorrepresentarem, para si e para os outros, interferindo diretamente na construção de suas feminilidades e masculinidades.

As interações dos/as estudantes no espaço virtual proporcionam socializações que implicam termos de reconhecimento, de significações compartilhadas, elaboradas pelas normas de gênero. Mediante o reconhecimento, os/as jovens negociam a visibilidade de seus corpos e desejos, empregam o sexting para conciliar com quem, em qual situação e mediante qual efeito pretendem demonstrar esse desejo. A consonância dessa visibilidade – intimidade e sexualidade – está intrinsecamente relacionada às demandas sociais com as quais eles/as se relacionam (MISKOLCI, 2014).

Os jovens nos falam hoje através de outros idiomas: dos rituais de vestir-se, tatuar-se, adorna-se e, também do emagrecer para se adequar aos modelos de corpo que lhes propõe a sociedade, pela moda e pela publicidade. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 21)

Como abordado anteriormente, o processo de constituição de si mesmo/a e de reconhecimento exige a interpelação de outro/a. Ressalto que os/as jovens, durante a interação promovida nas redes sociais, mobilizam a hiperconscientização sobre si mesmos/as. Portanto, as ações relacionadas à sua exibição, performance e interação exigem uma postura reflexiva sobre suas identidades e corporeidades. O corpo se constitui em instrumento para obtenção do reconhecimento, expressa a construção das identidades dos sujeitos, uma vez que “a existência é corporal” (LE BRETON, 2006, p. 24).

As câmeras digitais dos celulares balançam a dicotomia entre quem representa, de um lado, e quem é representado, de outro. “[...] ter uma câmera transformou uma pessoa em algo ativo, um voyeur [...] tirar fotos estabeleceu uma relação voyeurística crônica com o mundo, que nivela o significado de todos os acontecimentos” (SONTAG, 2004, p. 21). Ao romper com a necessidade do outro (fotógrafo), os/as adolescentes assumem o controle da representação de seus corpos,

empregando recursos como o temporizador, os procedimentos corporais que permitem tirar as próprias fotos, o espelho como recurso de registro.

As imagens que compõem o sexting provocam intensidades¹²¹ que passam e circulam no corpo dos/as amantes (DELEUZE; GUATTARI, 1996) sensações de desejo e de prazer, experimentação pretendida pelos/as jovens ao enviarem e/ou solicitar nudes. No mundo virtual, as representações de si também carecem de reconhecimento para serem constituídas como promotoras de desejo. Na obtenção desse objetivo, é exigida uma elaborada construção visual. Os corpos necessitam aglutinar marcadores de diferenciação, beleza, semelhança, sexualidade, gênero, identidade e faixa etária.

*Tem as gostosas, tem os que são fortões, que todo mundo paga pau. Gabriel
– 16 anos.*

A exposição corporal nos nudes evidencia para os/as jovens tanto as virtudes, quanto as características que são consideradas como imperfeições estéticas. Garotas e garotos manipulam suas imagens, com o uso de filtros, iluminações, ângulos e posições corporais específicas para produzirem o efeito desejado em suas fotos. São investidas técnicas corporais que permitem enaltecer as partes do corpo que consideram produtoras de desejo. Outros métodos, ao mesmo tempo, reduzem ou escondem partes do corpo que não agregam valor na hora da sedução.

As estratégias indicadas pelos/as jovens não são empregadas somente nas imagens de nudes. Podem ser adequadas em qualquer tipo de fotografia, inclusive as reproduzidas em suas redes sociais. Determinadas posições corporais frente à câmera fotográfica produzem efeitos que harmonizam e disfarçam os ângulos. As fotos tiradas de baixo para cima acentuam a parte superior do corpo e podem produzir volume. Dependendo do efeito desejado pode significar, para a pessoa autorretratada, parecer mais alta e musculosa ou possuir uns quilos a mais. Por outro lado, as fotos tiradas de cima para baixo produzem o efeito de emagrecer. O mesmo efeito é produzido pela câmera posicionada acima da linha dos olhos.

¹²¹ Intensidade, aqui empregada na perspectiva de Deleuze (2006), refere-se à intensidade da potência dos efeitos que as imagens são capazes de produzir. A intensidade é o elemento que deflagra e que dispara a sensibilidade.

Algumas posições corporais podem proporcionar a formação de uma papada, até nos/as jovens mais magros/as. O procedimento relatado para evitar o “queixo duplo” é inclinar a cabeça um pouco para cima. Outra artimanha empregada, principalmente pelas garotas, para disfarçar bochechas gordinhas é o biquinho feito com os lábios, que proporciona a sensação de afinar essa parte do rosto.

Os braços mais gordinhos podem parecer mais finos nas imagens, quando afastados do resto do corpo, colocando a mão na cintura, por exemplo. A mesma tática serve para pernas grossas. Os/As jovens, para disfarçar a barriga um pouco saliente, nas fotos em pé, afirmam que ela deve ser encolhida, prendendo-se a respiração e inclinando um pouco o tronco para a frente. Em fotos onde a pessoa está sentado/a, a barriga deve ser encolhida e as costas precisam ser mantidas retas, assim como os ombros.

O procedimento empregado pelas garotas para deixar a cintura mais fina, posiciona o corpo levemente virado para a câmera, com as costas retas e deixando um ombro mais próximo da lente fotográfica, enquanto o outro deve ser posicionado/jogado para trás. Principalmente nos nudes, elas indicam que para valorizar as nádegas, as fotos devem retratar as costas, de preferência na posição sentada, inclinando o tronco ligeiramente para frente.

A maquiagem é uma prótese de gênero que proporciona diferentes efeitos, principalmente nas fotos de rosto. Nos tutoriais¹²² de maquiagem do YouTube, jovens conhecidas ou desconhecidas oferecem diversos procedimentos para produzir os mais diversos efeitos empregando pincéis, sombras, bases, batons e delineadores. As garotas relataram usar lingerie e acessórios para criar seus nudes.

A depilação e a redução da visibilidade dos pelos em determinadas partes dos corpos femininos são parte importante das tecnologias do sexo (PRECIADO, 2014). A remoção dos pelos pubianos de forma total ou parcial, em especial, os femininos, foi difundida pelas produções pornográficas. A depilação feminina segue parâmetros estéticos ou higiênicos. A depilação, tanto das axilas quanto da virilha, é uma prática que remete a valores como feminilidade, recato, refinamento, higiene, beleza e juventude.

¹²² O tutorial é uma função de ensino/aprendizagem do YouTube, contendo ou não imagens, que auxilia o processo de aprendizagem exibindo o passo a passo do funcionamento de algo.

A depilação não é uma exigência estética masculina, mas cada vez mais os homens estão aderindo à prática de aparar ou retirar seus pelos, principalmente do peito, das costas, dos braços e das pernas. Os esportistas recorrem à depilação masculina para melhorar o rendimento nas competições ou tornar os músculos mais definidos visualmente. A região da virilha também recebe atenção, principalmente, quando enviam nudes. Entre risos os/as estudantes recordam de um nude de um colega, lembrado como:

Depois teve o pinto peludo. Caroline – 16 anos.

As técnicas que envolvem as posturas corporais podem ser ineficientes em determinadas ações na transformação, modificação ou aperfeiçoamento do corpo. Nessas situações são aplicados diferentes filtros e softwares, como o Photoshop¹²³ nas imagens dos/as jovens.

A maioria das vezes que as meninas mandam [nudes] talvez seja nem porque elas se sintam bonitas, mas porque cobrem um defeito aqui, ali, Photoshop aqui [...]. Patrícia – 17 anos.

Os recursos disponíveis nos celulares auxiliam na produção de corpos virtuais construídos, transformados, alinhados para serem reconhecidos como produtores de desejo. A produção do corpo-desejo é um processo pedagógico contínuo e minucioso, cuja ação conforma as modificações de imagens, como os modos de ser e de se comportar dos/as adolescentes.

Mulher tem que ter peitão. Caroline – 16 anos.

Mulher tem que ser bonita, tem que ser perfeita, tem que ser gostosa, homem já não. Patrícia – 17 anos.

As representações corporais citadas, que indicam diferenças relacionadas aos gêneros, são “historicamente criadas, tendem a ser percebidas como naturais, corporalmente visíveis, por isso mesmo, modificáveis por técnicas de adequação

¹²³ O Adobe Photoshop é um software caracterizado como editor de imagens bidimensionais desenvolvido por Adobe System. Disponível em: <www.adobe.com/Photoshop>. Acesso em: 12 de ago. 2018.

social” (MISKOLCI, 2006, p. 685). O sistema de gênero estabelece os sexos “em corpos que se diferenciam e se opõem e dão materialidade às representações que justificam a hierarquia que atribui ao masculino o domínio e ao feminino a submissão” (MISKOLCI, 2006, p. 688).

A adequação aos padrões de gênero produzidos pelo dispositivo da beleza justifica e institui variadas formas de controle corporal. As tecnologias corporais são, portanto, tecnologias de gênero, pois conformam as pessoas a formas corporais compreendidas e aceitas como masculinas e femininas. A adequação ou inadequação individual aos padrões corporais que designam o “ser homem” e o “ser mulher” possuem como aliadas técnicas de disciplina corporal, que demandam investimento em atividades físicas, cremes, regimes, e intervenções cirúrgicas. (MISKOLCI, 2006).

O processo de contínuo disciplinamento e normalização dos corpos possui decorrências subjetivas, pois a subjetividade está diretamente relacionada à materialidade do corpo. As pertinências do corpo feminino, indicadas pelas jovens, “tem que ter peitão”, tem que ser “bonita”, “tem que ser perfeita”, “tem que ser gostosa”, constituem em um padrão de referência entre os gêneros.

As “verdades que definem os comportamentos, os desejos e os pensamentos adequados para ser homem e mulher” compõem as “idealizações de gênero” (BENTO, 2006, p. 92). As idealizações de gênero fabricam e reivindicam corpos femininos e masculinos para que os ideais estéticos sejam atingidos. Dessa forma estruturam a reprodução das normas de gênero por meio do dispositivo da beleza.

Homem não tem tanto assim [cobranças], eu tenho que ser musculoso, mas não é tanto. Tem homem que tem barriguinha de chope e não tá nem aí. Você pode ver que mulher fica com vergonha na praia e usam aquele short, enquanto o cara tá pouco se lixando. Maira – 16 anos.

As narrativas das estudantes demonstram pressões sociais impostas aos corpos femininos. Revelam que as idealizações de gênero “são lugares inabitáveis”, provocam “dores e frustrações” e produzem hierarquia e exclusão (BENTO, 2006, p. 91). As cobranças a que garotos/homens são submetidos apresentam maior flexibilidade, pois eles podem até ter “barriguinha de chope”. As garotas percebem que seus corpos são submetidos a exigências que englobam diversos atributos

físicos, desde as “unhas bem feitas”, “zero barriga”, “sobrancelha perfeita”, “nenhum fio na pepeka¹²⁴”, entre outras cobranças.

Você só vai ter um corpo mais ou menos se fizer plástica e malhar feito uma doida. Só se você colocar silicone, mesmo assim não fica perfeito. Olivia – 17 anos.

O dispositivo da beleza estabelece, por meio de mecanismos regulatórios, uma lógica de punição ao colocar os corpos dentro de uma hierarquia de valoração de poder atrativo. São corpos produtores de desejo. Os corpos que estiverem longe dos ideais de beleza, não são corpos-desejo.

A produção de corpos-desejo se relaciona ao conceito de “cuidado de si” empregado por Foucault¹²⁵ para analisar e compreender as subjetividades. O “cuidado de si” é composto por “tecnologias do eu” ou “artes de viver” (TAYLOR, 2018). O conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo (REVEL, 2005, p. 33).

Aquelas práticas que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade”. (FOUCAULT, 1990, p. 48).

Na construção do reconhecimento os/as adolescentes exercem o “cuidado de si”, um conjunto de experiências e técnicas que o sujeito elabora e que o auxilia em sua autoconstituição. Essa estrutura aborda as “tecnologias do eu” ou “práticas de

¹²⁴ Refere-se à virilha.

¹²⁵ O curso ministrado “A hermenêutica do sujeito” no Collège de France, a partir de 1982, marca um deslocamento no objeto de suas análises, passando a privilegiar o tema das práticas de si, das técnicas de subjetivação, do vínculo histórico da subjetividade à verdade. Em outras palavras, o foco de suas análises passa da relação do sujeito com os jogos de verdade para a conexão entre subjetividade e verdade a partir da ética. Em suas primeiras análises seu enfoque destacava as práticas coercitivas e formas de jogos científicos nas reflexões sobre o sujeito e os jogos da verdade. O conceito do Cuidado de si é apresentado por Foucault em seus últimos anos de vida quando se desloca da premissa política em termos de dispositivo de poder para termos de prática de si. Ele se debruça nos filósofos gregos e romanos para estudo dos dois primeiros séculos de nossa era definida como época de ouro do Cuidado de Si. São livros, tratados, ideias, escolas filosóficas e pensadores que trataram de uma arte de viver, uma estética da existência que consistia em tomar sua própria vida como matéria a dar forma. Os textos deste ciclo enfocam várias etapas da arte de se obter prazer e cuidar de si mesmo, sua constituição, seus questionamentos e suas técnicas (TAYLOR, 2018).

si”. São técnicas performativas que conduzem o sujeito a operar sobre seu corpo permanentemente, construindo suas subjetividades. Os/As jovens se constituem e se transformam ativamente por meio do desenvolvimento das “práticas de si”, das experiências propostas, sugeridas ou impostas pela sociedade ou pelo grupo social (NARDI, 2011). Atualmente, são práticas, métodos e técnicas de conhecimento de si, autoexercício e aprimoramento do eu.

Os sujeitos se constituem por meio de várias “práticas de si”, as quais incluem várias atividades como a escrita, a dieta, o exercício e o dizer a verdade. Ao mesmo tempo somos constituídos (somos constrangidos) na medida em que a maneira como realizamos essas práticas é moldada por instituições como escola, tribunais de justiça, hospitais e aparelhos de segurança do Estado, bem como pelas normas e valores mais gerais prevaletentes da sociedade em que vivemos. [...] Dito de outra maneira, a subjetividade não é distinta, mas antes formada nas e pelas relações de poder. (TAYLOR, 2018, p. 221).

Os/As jovens descrevem a realização de regimes alimentares e atividades físicas, que operam na adequação corporal estruturada na lógica de normalização e homogeneização dos corpos. As técnicas disciplinares relacionadas pelos/as adolescentes – “práticas de si” – contemplam atos de subjetivação nos quais o sujeito volta-se a si para estabelecer uma relação subjetiva com a verdade (GROS, 2006). Os processos elencados pelos/as jovens são influenciados por “discursos de verdade”, sobretudo àqueles que dimensionam as “práticas de si” extremamente individualizadas, que possibilitam o aprimoramento pessoal, a autotransformação, isto é, a transformação das emoções, das atitudes e comportamentos que impedem o reconhecimento social.

Eu emagreci muitas vezes por causa disso, eu era uma baleia e todo mundo me zoava. Eu falava, sou mesmo. Não era porque eu gostava é porque senão ninguém ia falar comigo, eu ia ficar isolada, seria muito pior, que daí que iam cair em cima de mim. Iria ser muito pior [...]. Ana Paula – 15 anos.

Os “cuidados de si” são perpassados por um contínuo processo de disciplinamento e normalização dos corpos, as consequências subjetivas desses movimentos são materializadas no corpo. Ana Paula expõe que utilizou uma técnica para normalizar seu próprio corpo, no caso, o regime alimentar. Neste processo ela estabelece uma relação consigo mesma (TAYLOR, 2018) e sua subjetividade é construída nas relações que ela estabelece com o próprio corpo.

No meu caso, eu não me sinto bem com o meu corpo, me sinto gordinha. Eu finjo que tá bom, mas não. Não me sinto bonita com o corpo, sabe? Eu sou uma pessoa assim. Estava na psicóloga por causa disso um pouco. Eu não nasci bonita, nossa que menina bonita, entende? Patrícia – 17 anos.

A autoidentificação e autoexpressão de Patrícia, produzidas em relação a seu corpo fora dos padrões, exigem a intervenção de uma “autoridade com saberes específicos” – médico/a, psicanalista e psicólogo/a – que estabelece normas legitimadas para gerenciar suas subjetividades na produção de discursos sobre si. As diversas instituições, a Igreja, por exemplo, e diversos saberes – como a psicanálise, pedagogia e a sexologia – incitam os sujeitos a exporem sua intimidade mais cabal que sempre tem relação com a sexualidade¹²⁶. As confissões, sejam elas realizadas na Igreja ou no consultório de um psiquiatra, constituem “práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo [...]” (FOUCAULT, 1984, p. 11).

Eu tive bulimia. Eu realmente era bem gordinha. Se você me conhecesse antes eu era bem gordinha. Sempre fui diferente dos outros, sempre fui a menina que sentava no fundo da sala pra ler um livro, eu ficava desenhando, sempre fiquei na minha, sabe? Eu aprendi a ser mais solta depois de um bom tempo. Olivia – 17 anos.

A experiência da jovem está associada às normas, condutas e valores a serem perseguidos. Conseqüentemente, durante esse processo ela elabora e reelabora formas de uma relação reflexiva sobre si mesma. Aprender a administrar as frustrações, desejos e vontades, é uma operação de interiorização das normas que implica em uma versão das “tecnologias do eu” (FOUCAULT, 2013).

Quando eu entrei aqui no colégio eu era baixinho, sempre fui bastante gordo. Quando eu entrei no colégio eu sofri bastante bullying. Cresci, hoje tenho 1,82cm, mas eu era bem pequenininho, pequenininho e gordo. Todo mundo me zoava, seu gordo. Faziam bullying comigo, beleza, sou gordo mesmo. Me chamavam até de “almôndega”. Tá eu sou mesmo. Só que daí, resolvi entrar na academia, ao invés de emagrecer, decidi criar músculos, para tipo cultivar,

¹²⁶ Por meio da confissão, que “o verdadeiro e enigmático sexo seria aquele que revelaria a verdade mais íntima e inacessível do sujeito, à qual nem mesmo ele tem acesso consciente” (FOUCAULT, 2004, p. 76).

não vou dizer respeito, mas que as pessoas entendessem que se ela quiser brigar eu vou tá aqui para brigar. Não vou deixar baixo. Então hoje, não é pra me vangloria, mas eu tenho uma força bem considerável e as pessoas tem um pouco mais de respeito por causa disso. Porque eu não sofro mais bullying como antes. Leonardo – 17 anos

O jovem Leonardo revela que as atividades de cuidado com o corpo estão vinculadas aos discursos e mecanismos práticos que criam, regulam e modificam sua experiência subjetiva. A subjetividade resultante desse processo é a forma concreta da prática que define a relação consigo mesmo, determinada por uma série de práticas racionais e voluntárias. As negociações de Leonardo com as representações normativas do corpo masculino transformaram a relação consigo mesmo e com os/as outros/as.

5 NÃO ERA AMOR, ERA FAKE NEWS

O dispositivo amoroso, em sua faceta do amor romântico, atua em diversos mecanismos de normalização e sujeição, em diferentes níveis de conformação social dos sujeitos a partir de seus distintos eixos de pertencimento. Emprega em seu discurso que se configura em meio a relações de poder, criando condições de seu exercício e da produção de subjetividades (FOUCAULT, 1972). O dispositivo da sexualidade está articulado ao dispositivo amoroso por meio da religião, da tradição, da memória e da história, além de imagens, representações, valores, normas, leis, instituições e costumes.

O dispositivo de gênero, conjuntamente com o dispositivo amoroso, emprega estratégias e técnicas que investem na construção do binarismo, estabelecendo esferas distintas de pertencimento, de atuação e de poder, em torno de homens e mulheres, do masculino e do feminino. Perpassado por esses dispositivos, o sexting produz e reforça as normas de gênero que determinam hierarquias sociais, relações de poder, criadas a partir de diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres (BUTLER, 2017).

Ao final deste capítulo, discuto o sexting enquanto resistência as normas estabelecidas de gênero. As brechas encontradas e ocupadas transformam-se em formas de vivenciar a sexualidade dos/as jovens. Procedimentos, condutas, estratégias que são colocadas em ação como forma de recusa aos preceitos sociais. Por meio dessas possibilidades de existência eles/elas refletem sobre sua própria capacidade de variação dentro de um campo de ação, criam escapes do poder empregando diferentes técnicas de si.

5.1 DONA FLORINDA NÃO CONQUISTOU O PROFESSOR GIRAFALES MANDANDO NUDES

Os/As jovens, expõem a relação da hierarquia em que o masculino adquire poder sobre o feminino por meio de representações sociais. Eles/as, em suas narrativas, reconhecem, reafirmam e vinculam determinados atributos como

sensibilidade, afetividade, docilidade e ternura ao ideal de feminilidade. Na esfera das emoções, especialmente o amor é vinculado à sexualidade feminina. Alguns relatos afirmam que garotas/mulheres são mais dóceis, emotivas e dependentes emocionalmente dos garotos/homens.

Empregando as atribuições mencionadas anteriormente durante a prática do sexting, alguns garotos utilizam estratégias emocionais para mobilizar amorosamente as garotas e obterem seus nudes. Promessas de amor e de futuros envolvimento amorosos são empregados nos discursos deles. Alguns alegam estarem apaixonados para convencer as garotas a enviarem os nudes.

Mas também tem o seguinte, o cara vai falar que vai casar com você em duas semanas de conversa, pelo amor de Deus! Eu te amo, em duas semanas de conversa, vai lá e manda nudes. Leonardo – 17 anos.

O dispositivo amoroso aparece no relato do jovem Leonardo como estratégia de convencimento indicando que alguns garotos tentam mobilizar as emoções amorosas das garotas para obterem seus nudes e sexo. No entanto, ele não se mostra indignado com a manobra de seus colegas, mas sim crítica a “ingenuidade” das garotas em praticar o sexting com garotos que possuem envolvimento há pouco tempo. O estudante reforça a ideia da ingenuidade como constitutivo da identidade feminina (NECKEL, 2003).

A sexualidade das garotas é permeada de discursos estabelecidos socialmente pelo dispositivo amoroso. Para elas existe uma separação entre as relações afetivas e as relações sexuais. O afeto estaria relacionado ao cuidado com o outro, e estaria em um patamar superior e especial de relação, enquanto o sexo é pensado como uma resposta aos impulsos do corpo, servindo para resolver carências momentâneas. Nesta divisão, a afetividade é pensada como um atributo feminino e o ato sexual como um atributo masculino.

As estratégias de convencimento empregadas pelos garotos têm fundamentação na ideia de que a sexualidade feminina está diretamente relacionada ao envolvimento afetivo, ou seja, as garotas são seduzidas primeiramente pela ideia de romance, para depois pensarem na satisfação sexual de seus corpos. As jovens, quando questionadas sobre os estímulos que cercam a troca de nudes, manifestaram

que a afetividade, em muitos casos, é um fator decisório para responder positivamente aos pedidos de envio de suas fotos ou vídeos.

Mas, também, tem quem só quer transar. E tem pessoas que só leva por amor. Ah! Porque eu confio nele, vou mandar e pronto. Caroline – 16 anos.

Apesar de ratificarem, algumas vezes em suas falas que o sexting pode ser realizado sem vínculo afetivo para fins sexuais, o romance e o amor são constantemente lembrados, principalmente nos casos em que os compartilhamentos sem consentimento tiveram repercussão na escola. Como exemplificou Caroline – 16 anos: *“Por amor mandou, quando viu espalhou!”*.

O amor romântico que se apresenta no imaginário popular, e nas vozes das meninas e meninos adolescentes, opera como o elemento que parece solucionar todos os problemas, superar os desafios, atravessar o tempo, encurtar as distâncias e até perdoar e relevar o sofrimento, [...] Reforçando a ideia do casal como complementar, onde um/a sem o/a outro/a é considerado/a ser faltante. Além disso, expressam que o ideal do amor romântico aproxima as pessoas da promessa de felicidade eterna, que tende a ser garantida quando o casal, e principalmente as mulheres, cumprem com seus papéis de gênero naturalizado. (JUNQUEIRA; MELO, 2012, p. 8).

O amor romântico, integrado ao dispositivo amoroso, controla os corpos das garotas/mulheres e a experimentação de suas sexualidades. O amor é o discurso empregado para que o início das práticas sexuais das garotas ocorra mais tarde que de seus colegas. O amor é a justificativa para que elas tenham um número menor de parceiros que os garotos. O amor é o motivador para a adesão ou não ao sexting. A ideia do romance, associado ao feminino, é resultado de tecnologias de gênero dirigidas às meninas desde a mais tenra idade. A projeção social espera que elas sejam românticas nas suas expectativas sobre as relações íntimas e, assim sendo, que se comportem em conformidade com a norma (JUNQUEIRA; MELO, 2012; NEVES, 2017).

E aí que tá o problema a gente sempre acredita em amor verdadeiro. E aí a gente sempre acaba percebendo... Eu nunca fiz isso [enviar nudes], porque eu nunca percebi que era de verdade. Eu sempre pensei mais no futuro. Maíra – 16 anos.

Espero a pessoa certa chegar, não dá pra ficar com qualquer mané que aparece. Tá louco! Tem cada tipo doidão. Tem que rolar amor, carinho, essas coisas para acontecer [sexo]. Olívia -17 anos.

As jovens são encorajadas a ver suas sexualidades e desejos por meio do prisma do amor romântico, pois as normas culturais são impregnadas com a ideia de que as mulheres nas relações afetivas e sexuais devem possuir uma atitude passiva (NEVES, 2007). A intimidade é destacada como algo importante para o bem-estar das jovens e explica, conseqüentemente, a expectativa e o desejo de vivenciar suas sexualidades por meio de relacionamentos que apresentem certa sensação de vínculo afetivo como o namoro.

A romantização da própria sexualidade é recorrente no discurso das jovens que apontam que práticas sexuais como o sexting podem fortalecer um futuro relacionamento, como o namoro, conforme aponta Patrícia – 17 anos: “Às vezes, o gato começa se interessando pelo corpo, depois descobre que a menina é legal e pode até evoluir pra namoro”. Porém, descrevem que, há episódios em que as garotas foram enganadas por confiarem que seus nudes significariam uma espécie de “prova de amor” para seus pretensos namorados.

Por que algumas garotas ainda tem a ilusão de conquistar o cara enviando o nudes? Ah! Se eu fizer isso ele vai gostar mais ainda de mim. Leonardo – 17 anos.

As motivações relatadas pelas garotas para enviarem nudes, segundo suas percepções e experiências, orbitariam em torno das promessas amorosas, da possibilidade de relacionamentos amorosos, como uma prova de amor para seus parceiros.

O pedido por uma imagem, a atenção recebida e o carinho do outro também justificam o envio de nudes. Muitos/as adolescentes empregam o sexting como uma troca afetiva com aqueles/as que preenchem, mesmo que momentaneamente, suas carências afetivas, como indica Patrícia – 17 anos, “De uma forma a pessoa te conforta”. O envio de nudes é motivado para obtenção de atenção e palavras de carinho, tentando minimizar lacunas emocionais,

É pra alguém te elogiar. A maioria [dos estudantes] tem a autoestima baixa. Qualquer coisa que te fale, aquilo já cresce, aquele elogio já te deixa feliz. Tem gente que te joga pra baixo, joga pra baixo, daí vem alguém que te fala uma coisa que te agrada. Cara! Aquela pessoa se torna a pessoa mais importante para você. Mostra o quanto você é importante, entendeu? Quando você manda alguma coisa para uma pessoa assim, e ela te fala, você sente vontade de mandar alguma coisa também. Tudo o que a pessoa pedir, “aquela pessoa”, você vai mandar. Caroline – 16 anos.

Durante o grupo focal, a baixa autoestima dos/as estudantes da escola foi amplamente ressaltada por Olívia – 17 anos: *“Hoje em dia a maioria dos estudantes tem a autoestima baixa”*.

O sexting, como uma tecnologia, expõe mas também opera na naturalização de posições de gênero. A carência afetiva, o amor romântico e a hierarquização de gênero são explicitamente parte integrante dos discursos das garotas, enquanto que a virilidade e a dominação surgem nos argumentos dos garotos:

O afeto – no curso de uma relação amorosa ou sexual – cria circuitos, desenha novas conexões elétricas em áreas altamente especializadas do neocórtex cerebral e determina, através de associações e imagens mentais as regiões específicas do prazer e da dor. [...] O amor como sistema protético de informação psicossomática transforma-nos em animais cibernéticos viciados. (PRECIADO, 2018, p. 418).

Os relatos indicam que suas práticas são direcionadas à aceitação e reconhecimento no grupo social, porque seus corpos não correspondem às idealizações de gênero, ou seja, aos modelos hegemônicos de homem e de mulher (BENTO, 2006).

Na adolescência tudo o que a gente quer é se encaixar, tipo cubinho. Daí quando a gente não se encaixa a gente fica triste, acaba aceitando muita coisa só por a gente gostar da pessoa ou pra fazer parte do grupo. Anne – 16 anos.

Os/As jovens ambicionam o reconhecimento social proporcionado por corpos dentro da normalidade¹²⁷, conferindo casos de baixa autoestima e de bullying. No ambiente escolar observam-se inúmeras situações em que normas e atitudes reforçam estereótipos, preconceitos e submissões.

Eu infelizmente fui quase parar no hospital. Eu parei de comer. Eu simplesmente falei eu sou gorda, eu sou horrível! Eu vou parar, eu parei de comer eu quase fui parar no hospital por causa disso. Uma coisa muito séria. E tudo porque me chamavam de “baleia”. Gente pode não parecer, mas uma pessoa me empurrou porque eu era gorda, sabia que eu ia cair no chão.

¹²⁷ O Brasil ocupa a liderança em número absoluto de jovens que recorrem a cirurgia plástica. Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), entre 2009 e 2019 ocorreu um aumento de 141% no número de procedimentos estéticos entre jovens de 13 a 18 anos. Em 2016 — ano do último censo realizado pela SBCP—, foram feitas 1.472.435 cirurgias plásticas estéticas ou reparadoras em solo nacional, das quais 6,6% foram em pacientes com até 18 anos, o equivalente a 97 mil procedimentos. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/brasil-lidera-ranking-de-cirurgia-plastica-entre-adolescentes-23651891>>. Acesso 20 mai. 2020.

Gente mais gordinha não tem tanto equilíbrio, eu bati a minha cabeça, minha cabeça abriu, daí fui parar no hospital. Gente isso machuca! Pode parecer que não, eu zoava com eles, tipo eu não tava nem aí, só que no fundo eu sei que tava. Machuca, querendo ou não. Ana Paula – 15 anos.

Considerando a escola como espaço de compartilhamentos de saberes, conteúdos e valores, em seu ambiente estão presentes episódios de preconceitos envolvendo gênero, corpo, raça e classe¹²⁸ vigentes na sociedade. A escola, muitas vezes, é hostil para aqueles/as que não possuem as características exigidas pela normalidade. Cenário que provoca marcas dolorosas na vida dos/as garotas/os que sofrem diversas formas de violência por seus/suas colegas.

O relato de violência de Ana Paula revela do fenômeno bullying, uma realidade presente nas escolas brasileiras, públicas e privadas, independentemente de turno de estudo, localização da escola, tamanho ou da cidade em que ela se localiza (FANTE, 2005). As vítimas e os agressores também não possuem um perfil único de classe social, idade ou de gênero.

O bullying é relatado pelos/as estudantes, vivido por alguns/algumas e percebido como uma versão mais brutal da “zoeira”, uma “maldade das pessoas”, potencializada pelo anonimato que o mundo virtual oferece e que se torna corriqueira nas redes sociais. Medir o impacto de fotos e de vídeos, de cunho sexual ou não, e suas prováveis consequências é insignificante quando o quesito tem a desculpa da “zoeira”¹²⁹. A estudante Maíra – 16 anos, reflete sobre essas consequências: *“Depende do vídeo, pode ser uma zoeirinha com a pessoa. Mas tem que pensar bem antes de colocar”*.

Os/As jovens são vítimas e propagadores/as desse fenômeno; as zoeiras, o bullying e o cyberbullying são meios de espalhar comentários que possuam efeitos negativos. O termo bullying, de uma forma concisa, é apresentado por Fante (2005):

[...] bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros

¹²⁸ Nilma Lino Gomes (2002) aponta a escola como espaço tanto de compartilhamento de saberes como de preconceitos, ressalta como sendo um dos fatores que destaca o reforço de estereótipos e representações negativas sobre o padrão estético de negros e negras.

¹²⁹ Zoação refere-se à brincadeira, chacota, zombaria, gozação.

alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento bullying" (FANTE, 2005, p. 28-29).

No bullying existe a intenção de prejudicar, humilhar e ofender. Baseia-se no relacionamento interpessoal caracterizado por um desequilíbrio de forças, sendo classificado em diferentes tipos: físico, verbal, relacional e eletrônico (BERGER, 2007). Esse comportamento persiste por certo tempo, sendo mantido pelo poder exercido sobre a vítima, seja pela diferença de idade, força, ou gênero (OLWEUS, 1993). Existem três elementos cruciais que caracterizam o bullying: a repetição, o prejuízo e a desigualdade de poder (BERGER, 2007).

As pessoas têm uma sensação de superioridade, uma sensação de poder, elas sempre querem se colocar acima das outras pessoas. Fazem bullying, brincando com uma situação que nem sempre é legal pros outros, elas vão ter a sensação de hoje eu vou tá no poder, eu sou melhor que ele. Patrícia – 17 anos.

Uma das principais características do bullying é que ele só acontece entre pessoas que possuam uma mesma posição social e/ou hierárquica, no caso somente entre os/as estudantes. Pode ainda existir uma diferença numérica, em que vários estudantes agem contra uma única vítima (OLWEUS, 1993; RIGBY, 1998). No ambiente escolar, os/as autores/as dos casos de bullying não são anônimos/as, possuem rostos e nomes. Geralmente, justificam seus atos como sendo uma “brincadeirinha”.

Às vezes, na sala, rola umas brincadeirinhas com pessoas diferentes de você e você conhece a pessoa e você sabe que pensa diferente. Por que a gente faz isso com o outro? Para se sentir melhor. Caroline – 16 anos.

A zoação, repetidamente relatada pelos/as participantes da pesquisa, é interpretada como uma forma leve de “tirar sarro”, sendo também indicada como uma forma de bullying escolar (ASSIS, 2010). O ato de zoar os/as colegas, entre os/as adolescentes, legitima as ocorrências de violência, homofobia, racismo e machismo no interior da escola. Os limites são extremamente tênues entre brincadeiras e episódios de violência. As opiniões se dividem quanto a esses limites;

[...] mas se a pessoa sabe que é brincadeira, sabe zoar de volta, acaba que não ofende, sabe? Marcelo – 18 anos.

Vira brincadeira pra você. Você não sabe o que ele sente. Ele pode tá fingindo, rindo “hahaha, que legal”, mas, cara, ele não está se sentindo confortável. Tenho certeza. Ana Paula – 15 anos.

O corpo e a aparência física são os principais motivos para as constantes zoações entre os/as adolescentes, servindo como pretexto para ofensas ao/a outro/a:

Às vezes tem também a coisa de você ter, vamos supor, defeitos. Querer culpar seus defeitos, dizendo que ele tem defeitos e não você. Por exemplo, a menina que tem a barriga chapada, às vezes ela não consegue engordar, daí ela fala que a menina que é gorda é feia. É pra supor que ela é perfeita e você não, mas não, é questão de superioridade. Mas às vezes a pessoa não se sente bem com ela mesma e quer que as pessoas se sintam pior que ela. Anne – 16 anos.

O estudante Vinícius – 16 anos aponta que podem ocorrer reações diversas entre garotos e garotas quando são alvo de zoações. Para ele há uma diferença nas reações, indicando que considera as garotas mais “sensíveis”, principalmente quando o motivo envolve o corpo.

Os piás, eles costumam levar mais na brincadeira. Tem alguns que não, que você não conhece, mas se são bem amigos de uma tal pessoa, daí eu zoo por tal coisa, daí leva mais na brincadeira. Agora, guria sente mais, se você zoa ela, já não leva tão na brincadeira. Se você zoa o corpo dela, já não leva tão na brincadeira; piá já leva mais na brincadeira. Vinícius – 16 anos.

A sensação de pertencimento ao grupo é fundamental para a autoafirmação e o desenvolvimento emocional do/a jovem. Com a perspectiva de aceitação e histórico de frustrações sociais, muito/as jovens acabam aguentando as “brincadeiras”, sem se opor ou responder de maneira enfática, com receio de provocar consequências negativas no convívio com o grupo, como explica Caroline – 16 anos, “Às vezes a pessoa não responde porque ela não quer ser taxada de chata”. Sua colega Maíra considera que:

[...] Tem gente que não entende que ofende. Tá zoando junto. Mas você sabe que a pessoa tá sentindo, às vezes ela finge que tá tudo bem. Para continuar sendo sua amiga, ela quer continuar sendo sua amiga. Maíra – 16 anos.

A versão virtual do bullying, o cyberbullying, realizado via internet com insultos, ameaças, ofensas por meio das redes sociais, e-mails, mensagens (SMS), explora

ferramentas e métodos diferenciados de perseguição às vítimas. Enquanto o bullying ocorre no cotidiano, o cyberbullying ocorre no mundo virtual, proporcionando muitas vezes o anonimato do/a agressor/a. As redes sociais prolongam a exposição dos/as jovens ao bullying e às pressões sociais decorrentes deste fato.

As zoações derivadas da exposição das partes íntimas do corpo por meio dos nudes compartilhados sem consentimentos promovem questionamentos entre os jovens,

Imagina cara se você tivesse uma rola¹³⁰, e te falassem: nossa tua rola é pequena! Nossa tua rola é torta, né? Lembrei! Imagine que chato! Ana Paula – 15 anos.

Se alguém fala o teu [pênis] é pequeno, falo o dele é menor. Gabriel – 16 anos.

A questão da empatia, registrada nos relatos, surge em outros momentos da conversa. Os/As jovens, em alguns casos, conseguem se colocar no lugar do/a outro/a. Já em outras situações, principalmente aquelas que envolvem pessoas fora de seu convívio, não demonstram empatia. Nos casos de zoação, raramente conseguem perceber quais os limites entre a brincadeira e o bullying.

Porque ninguém tem empatia. Ninguém se coloca no lugar do outro. Muito do que acontece é falta de empatia, porque ninguém pensa como se eu estivesse no lugar dela eu iria gostar? E se eu fosse ela eu iria gostar que fizessem isso comigo? Tenho certeza que não. Olivia – 17 anos.

As consequências do bullying escolar são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada pessoa, da sua estrutura, de suas vivências, da predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões (SILVA, 2010). No entanto, o fator preponderante é que o bullying causa sofrimento a todas as vítimas, em maior ou menor proporção. As marcas psicológicas provenientes dessas agressões são carregadas para a vida adulta, e muitas vezes necessitam de apoio especializado para superá-las.

A violência do bullying, incluindo ameaças e humilhações, acarreta quadros de depressão e ansiedade, sendo considerada “um problema de saúde pública”

¹³⁰ Rola: Refere-se ao pênis.

(ASEVEDO et al, 2018). As implicações relacionadas à saúde das vítimas do bullying são relatadas como problemas psicossomáticos, transtorno de pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, além do agravamento de problemas preexistentes, devido à continuidade da exposição às situações desgastantes a que a vítima é submetida. Nos casos mais graves, podem ser observados quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio (SILVA, 2010).

O suicídio foi o fator de morte de 80.352 brasileiros/as a partir de 10 anos, entre 2011 e 2018. Tais notificações ao Ministério da Saúde (2019), obtidos pelos serviços de saúde públicos e privados, e apontam o suicídio como a segunda causa de mortes entre jovens no país. Os estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná estão entre os que mais registraram este tipo de violência autoprovocada entre jovens.

Os/As profissionais da saúde indicam que não há uma única relação de causa e consequência para estes números, no entanto estão ligados a fatores como violência, abuso sexual, problemas familiares, falta de aceitação de orientação sexual, e até a necessidade de aceitação pelos pares no convívio social e nas redes sociais.

Como uma medida de política pública para o enfrentamento aos casos relacionados aos/as jovens, foi promulgada a Lei n.º 13.185, de 6 de novembro de 2015, que destaca a promoção de ações de enfrentamento ao bullying e de prevenção ao suicídio.

5.2 POR AMOR MANDOU, QUANDO VIU ESPALHOU – COMPARTILHAMENTOS SEM CONSENTIMENTO

Os/As adolescentes negociam as relações de poder em suas ações cotidianas, inclusive nas práticas sexuais como o sexting. No exercício do poder ocorrem manobras, técnicas e disposições, as quais podem ser resistidas, contestadas, respondidas, absorvidas, aceitas ou transformadas. Nos casos em que um dos/as praticantes exerce o poder, sem possibilidades de alternância, destituindo o/a outro/a de formas de resistir, a prática sexual assume contornos de violência.

O *pornosexting* – compartilhamentos, sem consentimento, de nudes – é relatado frequentemente como modalidade de violência. Dele deriva o *sextorsão* que consiste na ameaça de divulgação de imagens íntimas para forçar alguém a fazer algo, por vingança, humilhação ou para extorsão financeira. Em outros casos, ocorre o *revenge porn*, um tipo de violência praticada por ex-parceiros/as, que após uma briga ou com o fim do relacionamento compartilham os nudes recebidos com seus/suas amigos/as e estes com seus grupos de WhatsApp e/ou postam em sites de pornografia e prostituição. Em questão de horas a imagem do nude extrapola os limites da relação e transita sem interrupção pelo ciberespaço.

O compartilhamento sem consentimento é uma ameaça constante entre os/as adolescentes que praticam o sexting¹³¹.

Na escola em que a pesquisa foi desenvolvida, segundo relatos da equipe pedagógica, ocorreram alguns casos de compartilhamento de nudes sem permissão entre estudantes no ano anterior à pesquisa. O caso mais grave, ocorrido no interior da escola, foi denunciado à Polícia. A vítima, uma garota de 15 anos, teve suas fotos divulgadas e necessitou de tratamento psicológico para superar a situação. Este caso foi lembrado também pelos/as estudantes durante o grupo focal.

Os/As estudantes afirmam que o compartilhamento de nudes entre os/as colegas no ambiente escolar é uma situação costumeira que os/as professores e pedagogos/as não têm conhecimento. Só tomam ciência quando o compartilhamento adquire proporções maiores, como bullying ou o *revenge porn*. Na reunião (2018) em que repassei os dados da pesquisa para os/as professores/as e equipe pedagógica, percebi que o desconhecimento dos/a adultos/as sobre essa prática era verdadeiro.

A compreensão das vulnerabilidades e dos perigos que envolvem a prática do sexting acarreta consequências diretas na experiência que os/as jovens vivenciam. Todos os/as participantes afirmam conhecer ou ter acompanhado as consequências da exposição da vida de pessoas próximas (propositalmente ou não).

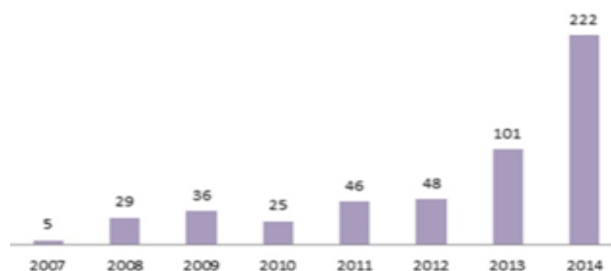
Em 2014, dos 1.225 pedidos de ajuda atendidos pela SaferNet¹³², no canal do site desenvolvido para prestar serviços de auxílio a assuntos de conectividade entre

¹³¹ O filme brasileiro Ferrugem (2018) expõe as repercussões de situações em que o envio de nude, provoca em casos extremos até o suicídio.

¹³² A SaferNet é uma associação civil de direito privado, sem conexão com partidos políticos, instituições religiosas e sem fins lucrativos. Fundada em dezembro de 2005, tem como objetivo coletar

adolescentes, 222 eram relacionados ao *sexting*. O gráfico 01 demonstra o aumento progressivo de casos relacionados ao *sexting* que foram atendidos pelo *Helpline*¹³³ da SaferNet desde 2007.

Gráfico 01 – Casos atendidos pelo Helpline – SaferNet



Fonte: Dados da SaferNet. Disponível em <<https://dialogando.com.br/wp-content/uploads/2016/01/HelpLine.jpg>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

O contato com conteúdos de natureza intolerante na internet, segundo a pesquisa TIC Kids (2016), é maior entre as garotas (45%), sendo elas que estão mais expostas a casos de assédio virtual. A vulnerabilidade feminina no ambiente virtual é percebida pelas estudantes que indicam que são as garotas que têm suas imagens compartilhadas:

Tava vendo em uma pesquisa que a maior parte de quem manda (nudes) são as meninas, a gente tá vendo isso aqui. As meninas são mais burrinhas, elas acreditam mais no que os piás falam. Ah! Vou casar com você. Manda que não vai dar nada. Daí a menina acaba caindo na dele. Ana Paula – 15 anos.

Os relatos dos/as jovens convergem na crença de confidencialidade como critério elementar para o *sexting*, os *nudes* estariam restritos à esfera da intimidade do casal. As implicações geradas pela quebra do pacto de confiança são conhecidas

informações sobre o comportamento de crianças e adolescentes na Internet, produzindo resultados significativos acerca das violações virtuais. Disponível em: <<https://new.SaferNet.org.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

¹³³ Por meio do canal *Helpline*, a SaferNet Brasil oferece o serviço de ajuda contra crimes e violações dos Direitos Humanos na internet com procedimentos concretos e transparentes para encaminhar soluções. Os atendimentos ocorrem gratuitamente e o número máximo de orientações pelo *chat* ou pelo e-mail é de 4 encontros. O site assegura o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas pelos usuários. Disponível em: <www.SaferNet.org.br/divulgue/helplineviz/helpchartpag.html>. Acesso em: 12 mai. 2018.

e temidas. O que era uma “prova de amor” pode acabar em consequências que fogem ao controle dos/as envolvidos/as, como resume Olivia – 17 anos, sobre o caso de uma colega da escola que teve seus nudes compartilhados: “[...] foi isso que rolou, você confia na pessoa. A pessoa acaba sendo babaca”.

O aumento de casos registrados envolvendo o vazamento/compartilhamento de imagens sexuais requereu a elaboração de uma legislação específica no Brasil. Esta é destinada a assegurar a proteção dos dados e a penalizar os atos que violam direitos civis em compartilhamentos sem consentimento envolvendo nudes. Ressalto a seguir esta legislação:

Lei n.º 12.737 de 30 de novembro 2012, que pretende inibir a prática de crimes cibernéticos e punir aqueles que a transgredirem (...)

Art. 154 – A. Invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita:

Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa.

Por fim, cumpre mencionar que se a vítima do vazamento for criança ou adolescente, restará configurado o delito previsto no artigo 241-A do ECA:

Art. 241- A. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente:

Pena – reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa.

§ 1.º Nas mesmas penas incorre quem:

I – assegura os meios ou serviços para o armazenamento das fotografias, cenas ou imagens de que trata o caput deste artigo;

II – assegura, por qualquer meio, o acesso por rede de computadores às fotografias, cenas ou imagens de que trata o caput deste artigo.

§ 2.º As condutas tipificadas nos incisos I e II do § 1.º deste artigo são puníveis quando o responsável legal pela prestação do serviço, oficialmente notificado, deixa de desabilitar o acesso ao conteúdo ilícito de que trata o caput deste artigo.

Em tal hipótese, diante do interesse social, a ação penal será pública incondicionada, nos termos do artigo 227 do ECA. (BRASIL, 2012).

Lei n.º 13.718¹³⁴, de 24 de setembro de 2018.

Altera o Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas

¹³⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm>. Acesso em: 10 dez. 2019.

de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei n.º 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais).

A lei que torna crime a importunação sexual, que contempla essa nova regra. Quem infringir a lei, seja por compartilhar na internet ou outros meios de comunicação, pode ter que cumprir pena de um a cinco anos de prisão. O mesmo vale para quem divulgar cenas de estupro. E, caso o criminoso tenha tido (ou tenha) relações íntimas com a vítima, a pena pode ser ainda maior. A prática, conhecida como pornô de vingança, pode resultar em uma pena até dois terços maior, de acordo com a nova lei.

Divulgação de cena de estupro ou de cena de estupro de vulnerável, de cena de sexo ou de pornografia.

Art. 218 – C. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave.

§ 1.º A pena é aumentada de 1/3 (um terço) a 2/3 (dois terços) se o crime é praticado por agente que mantém ou tenha mantido relação íntima de afeto com a vítima ou com o fim de vingança ou humilhação. (BRASIL, 2018).

O conhecimento da legislação não baliza as opiniões e ações dos/as estudantes sobre os compartilhamentos sem consentimento. Suas atitudes são paradoxais, apresentam diferentes condutas para cada caso de compartilhamento. Estabelecem variações de critérios no compartilhamento ou não das imagens, no entanto, o parâmetro de avaliação que prevalece é a proximidade, física ou afetiva, que os/as jovens desfrutam com a pessoa que teve sua imagem divulgada.

A maneira como o/a adolescente estabelece sua relação com as regras/leis e se reconhece como comprometido/a em seu cumprimento consiste nos modos de sujeição. O processo de submeter-se ao preceito que a impõe é balizado no reconhecimento como parte de um grupo social que aceita os códigos de conduta (FOUCAULT, 1984, p. 34).

Por outro lado, a subjetivação é um processo no qual os/as adolescentes são constituídos por intermédio de experiências que promovem a reflexão sobre si mesmos/as. Consequentemente, inventam outros e novos modos de existência (FOUCAULT, 2014). A subjetivação pode ocorrer por meio de leis ou de um conjunto de leis às quais eles/elas devem se submeter, caso contrário, podem ser punidos/as. No entanto, há espaço para uma ação reflexiva sobre a ação. Logo, a ação de

compartilhamentos não obedece aos preceitos da lei; nenhum/a jovem justificou sua atitude baseada nas possíveis punições previstas nas leis.

O/A adolescente que emprega “técnicas de si”, das “artes da existência”¹³⁵ como visto anteriormente, é um ser ético, portanto, deve ser “compreendido como transformável, modificável: é um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta, que se forma através dos exercícios, das práticas, das técnicas, etc.” (GROS, 2004, p.128).

Na constituição de si enquanto sujeito moral, o/a jovem define sua posição em conformidade aos preceitos que respeita, à forma como estabelece para si certo modo de ser que valerá como realização moral (FOUCAULT, 1984). A moral é compreendida como um conjunto de regras, valores de ação propostos aos sujeitos e aos grupos por intermédios de aparelhos prescritivos diversos, como a família, as instituições educacionais, as Igrejas, etc. Tais preceitos são ensinados e aprendidos de forma difusa, formando uma espécie de “código moral” (FOUCAULT, 1994, p. 32).

Os conceitos de moral e ética são distintos, embora sejam, com frequência, empregados no cotidiano como sinônimos. A distinção elaborada por Deleuze (1992) entre o conceito de moral e ética em Foucault indica que:

[...] a construção dos modos de existência ou dos estilos de vida não é somente estética, é o que Foucault chama de ética, por oposição a moral. A diferença é esta: a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as a valores transcendentos (é certo, é errado...) a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica. (DELEUZE, 1992, p. 129-130).

Por mais que tenham conhecimento do que está prescrito nas leis sobre os compartilhamentos, os/as jovens estabelecem uma reflexão sobre si mesmos/as, uma forma de conduta peculiar. Empregam a ética na própria validação perante as circunstâncias do cotidiano para que suas ações sejam realizadas de acordo com suas próprias maneiras (FOUCAULT, 1984). A ética equivale ao modo pelo qual o/a

¹³⁵ Artes da existência definidas como práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram transformar-se [...] e fazer de sua vida uma obra portadora de valores estéticos, respondendo a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1984, p. 15).

jovem “conduz a si” diante da regulamentação da regra e a constituição como “sujeito moral” que isso demanda. A ética é a “maneira pela qual os indivíduos são chamados a se constituir como sujeitos de conduta moral” (FOUCAULT, 1984, p. 41) pelo exame de si e pela transformação do seu modo de ser.

A reflexão ética é uma prática de liberdade que permite que os/as jovens negociem com os “jogos de verdade” (NARDI E SILVA, 2011). Para que ocorra a negociação, contestação com a norma produzida por meio dos jogos de verdade, é preciso uma condição de liberdade. A prática da liberdade indica a possibilidade dos/as jovens de escolher sob quais códigos conduzem sua própria conduta.

A reflexão ética pode conduzir a efetivação ou não da norma na experiência vivida. Os/As estudantes realizam a reflexão ética ao negociar com as práticas disciplinares e coercitivas, produzindo outros modos de existência. Estabelecem modos de negociação com os assujeitamentos que inquiram as próprias práticas de coerção e condução de suas condutas, questionam as normas estabelecidas na reflexão de quais nudes devem ser compartilhados ou não. A ação dos compartilhamentos empregada pelos/as jovens, descrita a seguir, refere-se a uma experiência ética; é uma forma de relação deles/as consigo e com as práticas que ocorrem em suas vidas.

O compartilhamento dos nudes de artistas e pessoas públicas¹³⁶ é relatado como habitual na atuação dos/das adolescentes. Nessas situações os/as jovens mensuram a ação mediante o distanciamento afetivo e emocional dos sujeitos envolvidos. Legitimam o ato de repassar para outras pessoas as imagens de figuras públicas, justamente por considerarem que essas pessoas são figuras públicas e expostas nas mídias. Porém, mesmo com a exposição pública dessas pessoas os/as adolescentes ponderam sobre os compartilhamentos.

Eu compartilho mesmo! Vinícius – 16 anos.

Eu deixo lá. Não compartilho nada, nem para as amigas. Maíra – 16 anos.

¹³⁶ Vide o caso da atriz brasileira Carolina Dieckmann que teve imagens de seu computador pessoal compartilhados principalmente em redes sociais sem sua permissão. Após esse caso, houve uma mobilização social para a criação da Lei n.º 12.737 de 30 de novembro 2012, que pretende inibir a prática de crimes cibernéticos e punir aqueles que a transgredirem. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm>. Acesso em: 06 jul. 2018.

Se a gente tá no colégio falando sobre aquela pessoa, a gente mostra, mas compartilhar, mandar para outras pessoas, não. Anne – 16 anos.

No compartilhamento de fotos e vídeos de desconhecidos/as anônimos/as, são ajustados outros critérios de direcionamento. Neste caso, os/as estudantes examinam que o distanciamento promovido pelo anonimato os/as isenta de qualquer adversidade que tal ação possa acarretar.

Se fosse desconhecida eu compartilhava. Se fosse conhecida, da escola, chegaria na menina e avisaria. Marcelo – 18 anos.

Se fosse de fora, que eu nunca vi na vida, como ela vai saber que a foto dela está aqui? Patrícia – 17 anos.

No compartilhamento de imagens e vídeos sem permissão, envolvendo pessoas conhecidas e/ou que apresentem relação de amizade, os/as jovens consideram sobre participar ou não da propagação das imagens. Seus argumentos defendem as vítimas dos compartilhamentos. “*Eu apagaria. E avisaria para ela. Não compartilharia*”, diz Maíra – 16 anos.

O argumento reflexivo dos/as estudantes expressa apreensão com seus/suas colegas. Especialmente as garotas, que relatam que avisariam e prestariam apoio a suas colegas que porventura estivessem nessa situação.

Fico pensando que isso pode destruir a vida da pessoa. Ana Paula – 15 anos.

Eu não iria compartilhar, porque tem bastante jovens que se suicidam e tal. Ficaria muito com a consciência pesada se acontecesse alguma coisa com ela depois. Que eu fiz parte disso. Patrícia – 17 anos.

De uma forma a gente tem a ver com isso sim, ficar compartilhando a foto da pessoa. A gente fica até pensando um pouco, se coloca no lugar da pessoa, porra! Olivia – 17 anos.

A SaferNet aponta que em 2014, dos casos atendidos em seu canal de ajuda das vítimas de compartilhamentos não consentidos de nudes, 81% eram mulheres contra 16% de homens e 3% não identificados. A percepção das jovens é confirmada pelos dados: elas realmente estão mais vulneráveis na prática do sexting, em relação ao vazamento de suas imagens.

Os compartilhamentos sem permissão não são eventos que acontecem somente com as garotas. Os garotos confirmam os dados e relatam que também são

vítimas, em menor escala, da quebra de confiança na troca de nudes. Alguns casos ocorridos na escola foram citados.

Teve o caso de piá que mandou [nudes] e a menina foi lá vazou pra todo o colégio. Ana Paula – 15 anos.

Tem guria que espalha pra todo mundo quando recebe nudes. Vinícius – 16 anos.

Os casos de compartilhamento sem permissão de nudes dos garotos foram relatados de modo diferenciado das situações que sucederam com suas colegas, enquanto os casos envolvendo as garotas receberam uma narração em um tom sério e preocupado. Os eventos envolvendo os garotos são apresentados em tom de humor. Fato que provocou muitas risadas nos/as participantes do grupo durante os relatos.

Já teve de menino, o do “pau torto”. O cara tirou a foto, compartilhou e era torto, virou zoação. Porque era muito torto tipo um ângulo de 90 graus, todo mundo tirava sarro. Vinícius – 16 anos.

O tom de humor prevalece nos relatos em que são citadas as partes dos corpos dos garotos que estavam registradas nos nudes vazados, no caso o pênis. No relato dos compartilhamentos das garotas, em nenhum momento foram citadas quais partes do corpo feminino foram reveladas nos nudes.

Os compartilhamentos, assim como toda a conduta exposta pelos/as jovens, direcionam a própria ação reflexiva para si, visando formas de se reinventar, de elaborar a própria vida, de se conduzir na sociedade. Os/As jovens como sujeitos voltam-se para si mesmos, refletindo (“eu” reflexivo) sobre a ação para depois agir sobre o mundo. Empreguei o exemplo dos compartilhamentos não consentidos para indicar que as ações dos/as jovens nas questões relacionadas à sexualidade, são pensadas, analisadas, desmitificando a ideia de inconsequência associada aos seus atos. Eles/as realizam escolhas éticas em suas ações.

O conhecimento de si serve para melhor cuidar de si próprio. Cuidar no sentido de sustentar as forças de criação do indivíduo que busca superar a si próprio. Na ética há sempre uma força extra que se afirma, uma produção, uma criação, um ir além. Diferente da moral, que impõe de fora códigos que devem ser seguidos. Na moral, o desejo deve ser olhado com desconfiança, quando não com desdém. O sujeito se

constitui na experimentação e a sua subjetividade é um processo derivado da ação. O sujeito não é meramente um produto de diferentes tipos de sujeição, mas de processos de subjetivação.

5.3 MEUS NUDES, MINHAS REGRAS - SEXTING, PRÁTICA DE RESISTÊNCIA

O sexting pode funcionar como uma prática da contrassexualidade, “uma tecnologia de resistência, contradisciplina sexual” (PRECIADO, 2014, p. 22). A contrassexualidade se opõe às tecnologias da sexualidade hegemônicas e ao sistema sexo/gênero como um “sistema de escritura” das normas. Uma técnica que permite aos/as jovens contestar as formas de sujeição, contrariar a submissão da subjetividade e construir alternativas de resistência aos imperativos e normatividades produzidas continuamente.

O nome contrassexualidade provém indiretamente de Foucault para quem a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades liberais não é a luta contra a proibição (como aquela proposta pelos movimentos de liberação sexual antirrepressivos dos anos setenta), e sim a contraproduktividade, isto é, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna [...]. (PRECIADO, 2014, p. 22).

As práticas sexuais possuem espaço imperativo na formação ética do sujeito, permite exercícios de reflexividade mediante questionamentos sobre os mecanismos e as tecnologias de subjetivação hegemônicas. O sexting atualiza os processos de subjetivação ao construir a própria experiência da sexualidade mediadas pela produção de imagens (NARDI; SILVA, 2011), possibilitando a invenção de novos modos de ser e viver no mundo, um modo de reflexão sobre espaços de liberdade. Portanto, o sexting envolve exercício político de agenciamento e contra-agenciamentos subjetivos, permite a intensificação das experiências, avança na afirmação política do direito a experimentar as sexualidades. A prática é um “contra-dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres” (FOUCAULT, 1984, p. 147).

Porque é o mais violento dentre todos os prazeres, porque é mais custoso do que a maior parte das atividades físicas, porque diz respeito ao jogo da vida e da morte, [o prazer sexual] constitui um domínio privilegiado para a formação ética do sujeito: de um sujeito que se deve caracterizar por sua capacidade de dominar as forças que nele se desencadeiam, de guardar a livre disposição de sua energia, e de fazer de sua vida uma obra que sobreviverá além de sua existência passageira. (FOUCAULT, 1984, p. 125-126).

Os sentidos atribuídos ao sexting são inscritos por meio de agenciamentos, exteriorizando a capacidade dos/as jovens em deixar-se afetar sensivelmente pelo/a outro/a e pelo mundo. Os gestos, a postura corporal, o cenário dos nudes são potencializadores de enunciações sobre si. As técnicas e práticas que desafiam a governamentalidade afrouxam a ligação entre poder e “verdade”, promovendo outros modos de subjetividades.

Resguardando as devidas especificidades das experimentações sexuais dos/as adolescentes, o sexting visibiliza táticas para o enfrentamento das normativas de gênero. A condução da vivência de suas sexualidades possibilitam formas de desejo/prazer que possibilitam burlar a intervenção ou interdição de adultos/as. Desta forma, contraria a prerrogativa adulta a cerca do “sexo e seu uso [...] ou, melhor dizendo, os limites estritamente codificados deste uso” (SCHERER, 1984, p. 43).

Na prática do sexting os/as jovens gerenciam a produção, o consumo e a circulação de seus nudes, rompem com a competência pedagógica da escola ao questionar as conveniências em que o sexo, o desejo e prazer são jurisdição dos/as adultos/as. Subvertem o poder estabelecido pelas normas geracionais, negociam com os jogos de verdade, promovem a descontinuidade do movimento homogeneizador de produção de suas subjetividades.

O elemento da resistência possibilita a oportunidade de traçar rotas de fuga às normas. A escola é uma das instituições onde o processo ordenador e normativo de gênero, capacita e constrange os sujeitos. Simultaneamente, em seu interior também são construídas outras formas de subjetividades diferentes daquelas previstas. Entre suas paredes as possibilidades de resistência, singular ou coletiva, insurgem contra determinados efeitos de poder em um espaço paradoxalmente aberto na própria estratégia de sua constituição.

A sexualidade e o gênero produzidos no sexting realçam posições normativas, porém não submetem os/as jovens integralmente às suas prescrições. A prática

proporciona fluidez decisória entre seus/suas praticantes, já que em sua execução uma pessoa pode solicitar nudes, em seguida pode receber um pedido para que envie os seus, ou em outra ocasião pode negar uma investida por suas imagens.

As atribuições de sentido podem estar de acordo com as normas, no entanto, podem receber sentido de contraposição criativa às expectativas hegemônicas, se constituindo como prática de resistência à normatividade. Os/As jovens indicaram em seus relatos diferentes motivações para enviar e/ou solicitar nudes, como promover desejo, satisfazer prazeres, demonstrar amor, provocar visibilidade, experimentar a sexualidade, entre outros. A prática que assujeita, também possibilita criar estratégias para resistir às normas de sujeição de produção de corpos (FOUCAULT, 1987) e identidades femininas e masculinas.

Na resistência, o/a jovem “se dá ao direito de questionar a verdade quanto aos seus efeitos de poder e questionar o poder quanto aos seus discursos de verdade” (FOUCAULT, 1997, p. 32). Nos emaranhados da própria engrenagem das normas é que reside a força de resistência com potencial de transformação. Os relatos dos/das jovens participantes tensionam as atribuições, quando, por exemplo, as garotas indicam que sexo pode estar relacionado não somente aos seus sentimentos de afeto, mas também ao desejo sexual. A prática demonstra que os/as jovens estão aberto/as à experimentação e à invenção de si mesmos/as.

[...] porque tem homem e mulheres, que não é só pelo gostar, às vezes é só pelo interesse de dar uma transa e cair fora. Não é porque a mulher envia nudes que ela tá apaixonada por você, não! Às vezes ela só quer transar e quero que se dane. Não é porque a menina é iludida e apaixonada, não! Às vezes ela não está a fim; o homem a mesma coisa [...]. Mas no nudes eu acho que não é uma questão de apaixonar, é mais uma questão de estar a fim da pessoa mesmo. Ana Paula – 15 anos.

Conforme já foi dito, a prática do sexting reitera, em muitas ocasiões, as posições de gênero. No entanto, essa prática também tem o potencial de afrouxar as restrições e, portanto, de resistir à normalização, permitindo desenvolver ações que comportam novas formas de autorrelacionamento e de estar com os outros/as. Na visão dos garotos, as garotas subvertem as normas de gênero quando: (A) Envia nudes sem serem solicitadas – fazendo isso as garotas contestam a posição dos garotos em tomar a iniciativa de solicitarem nudes. (B) Envia ou solicita nudes

somente por interesse sexual – ao terem interesse somente na relação sexual expressam sua sexualidade para satisfazer seus desejos ao invés de silenciar, contestando a posição de submissão de sua sexualidade em detrimento ao desejo do outro. (C) Compartilham nudes de seus parceiros – indicam que possuem agenciamento sobre a prática em todas as suas etapas, inclusive rompendo com o pacto de confiança.

Os casos citados acima demonstram que há uma negociação. Embora não seja possível se desvencilhar completamente de relações de poder, as garotas não são simplesmente determinadas por elas, não estando fadadas a reproduzir acriticamente as normas e valores prevaletentes na sociedade. Essas estudantes conseguem organizar suas práticas, adotando uma perspectiva crítica porque não são meramente constituídas, mas também se constituem desafiando as normas de gênero, podendo assumir ou não as normas e valores sociais.

As tentativas das garotas em subverterem as posições indicadas pela normatização de gênero são perceptíveis durante o sexting. Indicam possibilidades de novas formas de produção de subjetividade, de superar condições de assujeitamento, rompendo com padrões sociais que inferiorizam a condição feminina. As jovens rejeitam os lugares conferidos a elas, rompendo com a posição de passividade, expondo seus corpos e assumindo seus desejos sexuais. Contudo, declaram que há uma preocupação com os julgamentos sociais sobre seus comportamentos sexuais, questionando a diferença entre como a sociedade as julga e como os garotos são julgados pelas mesmas atitudes. As jovens se sentem em uma posição inferior, por serem vítimas constantemente de compartilhamentos sem permissão. Além, de carregar estigmas sobre suas decisões sexuais.

E se eu mandasse para alguém, não significa que eu seja uma puta. Olívia - 17 anos.

Nos relatos das garotas é possível perceber a ideia que produzem sobre seus corpos numa perspectiva de ressignificação diferenciada daqueles enunciados pelas normas que naturalizam as posições conferidas a homens e mulheres. Uma vez, pressionadas por modelos inatingíveis para serem aceitas socialmente, – “pagar o social” para ser “gostosa”, com uma barriga “chapada” –, reivindicam o direito de

manipularem seus corpos e demonstram a resistência a um sistema disciplinador de que tenta padronizar todos os corpos a serviço de uma lógica normatizadora. Em suas falas, evocam posições políticas em prol do direito ao corpo fora dos ditames normalizadores¹³⁷, empregando frases positivas, tais como: “amar seu corpo”, “ser feliz como você é”, “o que importa é você”, e “meu corpo minhas regras”.

Cara, não tem um corpo perfeito, tem o seu corpo, seu corpo e o seu corpo. [...] porque eu estou tentando me aceitar meu corpo e até porque não existe um ícone de corpo perfeito cada um tem o seu. E cada um é perfeito do jeito que é. Cada um tem sua escultura, e cara, tem que sempre pagar o social, porque você tem que ser gostosa, tem que ser chapadinha. Ana Paula – 15 anos.

Nenhum corpo é perfeito. Nem com cirurgia. Maira – 16 anos.

Os posicionamentos das garotas indicam o rompimento com representações e associações que consideram negativas, marcadores que signifiquem controle e objetificação do corpo dos corpos, com aquilo que é considerado abusivo. A nudez é empregada como ação política, a “politização da nudez”:

[...] elas partem da premissa de que a visão de corpos femininos nus continua tendo certa potencialidade para “escandalizar” os espectadores contemporâneos, mesmo nesta era saturada de imagens corporais e com uma crescente permissividade nas práticas sexuais”. (SIBILLA, 2015, p. 176).

Uma vez que o gênero é o efeito da repetição de um conjunto de normas, o próprio processo de repetição abre brechas para que tais normas sejam citadas de modo a questionar a coerência dos seus postulados (BUTLER, 2017). Para os/as jovens, aceitar o lugar que lhes compete na vivência de suas sexualidades, em que a hierarquia de gênero é exposta em seus atos, representa ser uma parte visível da interpelação que as estruturas sexuais, mentais e sociais operam sobre os sujeitos. As noções de quais comportamentos competem a homens e quais competem a mulheres dentro das relações que envolvem desejo e sexualidade são tensionadas no sexting. Durante a prática os lugares são fluídos e instáveis, por mais que se tente fixar posições, ocorrem disputas entre os sujeitos:

¹³⁷ O movimento nas redes sociais chamado *body positivity*, que celebra a ideia de corpos “reais” e “naturais”, vem ganhando adeptas entre as jovens.

O pior que quando eles mandam. Se a gente manda é puta, se eles retribuem são os fodões, os pegadores. Olivia – 17 anos.

Nas normas é que “as dimensões corporais, as expressões de sexualidades, a produção ficcional dos sexos, os desejos, enfim as possibilidades de subverter a ordem estabelecida ganham visibilidades e força na sua multiplicidade” (LIMA, 2014, p.18). A resistência – presente no sexting – possui ações performadas, configuradas por adolescentes ativos/as em suas relações, que resistem em oposição às regras de hierarquização e dominação. As resistências constituem o contraponto do poder, elas operam onde o poder atua, ou seja, no âmbito da ordem heteronormativa.

Os/As jovens relatam posições de afastamento dos modelos hegemônicos de feminilidades e masculinidades aceitáveis e esperadas, ao transgredirem a expectativa de determinados comportamentos e posicionam-se como agentes de sua sexualidade e protagonistas da prática. Suas atitudes demonstram um modo particular de responder ao presente; especificamente, por atos e modos de insubordinação contra condições prevaletentes que revelam essas condições com contingentes. Eles e elas não obedecem à autoridade das normas prevaletentes de modo passivo, em seus comportamentos.

6 #TBT EM QUALQUER DIA DA SEMANA

Minhas observações cotidianas levam-me a pensar que os/as jovens com acesso às diferentes mídias digitais elaboram relações com saberes, novas maneiras de interpretar o mundo e de se inserir nele. Novas formas de sentir, olhar e construir seus corpos. Possuem maneiras de reescrever suas narrativas no mundo. Esta pesquisa surgiu de algumas inquietações apresentadas em minha prática docente. Situa-se, portanto, em um campo pouco explorado que rechaça interações digitais e o vivenciar da sexualidade juvenil permeada por moralismos.

No desenvolvimento deste texto, tentei desconstruir evidências e universalidades que sustentavam minhas primeiras hipóteses de pesquisa baseadas na insurgência de uma prática sexual que discriminava e vitimizava seus/suas praticantes adolescentes, especialmente as garotas. Procurei abordar o sexting como parte da construção da sexualidade juvenil, prática que envolve exercícios de reflexividade e ação.

Vislumbrava inicialmente que o sexting conformava as marcações de masculinidade e feminilidade normatizadas pelo dispositivo do gênero. O sexting compreendido como tecnologia de gênero nos parâmetros de Teresa de Lauretis e de Paul B. Preciado, abordagem comprovada nas narrativas dos/as jovens que produzem e reafirmam representações de masculinidades e de feminilidades; interpretações do que é ser homem ou mulher, por meio de atos corporais materializados em suas imagens. Neste processo, ajustam seus comportamentos aos roteiros preestabelecidos, reiteram a diferenciação de gênero, classificando os sujeitos e legitimando um poder estabelecido por meio desta distinção, ou seja, por meio da hierarquização das diferenças entre homens e mulheres.

Constatei nas narrativas dos/as adolescentes a presença de dispositivos que conjuntamente com o gênero se inter-relacionam na prática do sexting e que atuam na produção das sexualidades dos/as jovens. A intersecção dos dispositivos do amor romântico, da pornografia e da beleza, acionados ao dispositivo do gênero contribuem na estruturação de mecanismos de regulação da sexualidade. Nos limites de atuação desses mecanismos são produzidos repertórios, discursos, narrativas e

representações que constroem sentidos para as experiências dos/as adolescentes, organizando ações e concepções de si mesmos/as e dos/as outros/as.

As ações virtuais dos/as jovens se constituem em elaboração de narrativas de si, por meio da configuração de seus perfis nas redes sociais e da interação virtual. A análise de procedimentos e técnicas de inscrição dos corpos juvenis nas redes sociais – empregando os conceitos de “cuidados de si”, “tecnologias do eu” e “práticas de si” – possibilita observar a ocorrência de variações que habilitam ou não o reconhecimento dos sujeitos.

A produção do corpo e da identidade do/a adolescente em suas interações virtuais difundem as premissas do embelezamento e, conseqüentemente, produzem o reconhecimento de si e dos/as outros/as por meio de significações compartilhadas. Colaborando na produção e reiteração das normas de gênero, os ditames da beleza constroem corpos que serão identificados como desejáveis. Estabelecendo uma continuidade coerente entre corpos e prazeres, normalizando o desejo.

Presente nas narrativas dos/as jovens os atravessamentos do dispositivo amoroso em sua faceta do amor romântico, atua em diferentes níveis de conformação social nas relações juvenis. Os sentidos dados ao amor dos/as adolescentes revelam os mecanismos que colocam em circulações dinâmicas e modelos elementares de laços sociais promotores de desejo e de condições de reconhecimento desse desejo.

As narrativas dos/as adolescentes revelam o amor romântico como uma tecnologia que contribui na produção de sexualidades e na regulação do corpo feminino. O romance estabelece associações de gênero relacionadas principalmente ao corpo feminino, como o cuidado, a maternidade, a sensibilidade.

Por outro lado, o dispositivo da pornografia estabelece, principalmente nos comportamentos dos garotos, fator determinante na construção das sexualidades. As poses e partes dos corpos escolhidas na produção dos nudes são afirmadas como promotoras de desejo pela pornografia. Atuando na produção e reiteração dos processos corporais generificados vivenciados pelos/as jovens.

A percepção de tais elementos em uma prática sexual juvenil demonstra a complexa articulação de diferentes dispositivos servindo ao dispositivo histórico da sexualidade.

Nas teias emaranhadas do poder, o sexting evidencia a construção de diferentes formas de olhar. Olhar o que se considera belo. Olhar com desejo. Olhar com afeto. Olhar com preconceito. Olhar o cotidiano, as práticas sexuais, os desejos, os corpos. O olhar é a primeira reação ao receber a imagem de um nude.

O jogo, retratado nas imagens, de despir e vestir, insinuar e escancarar, normatizar e transgredir articula significações à sexualidade, ao corpo, ao desejo e ao gênero. A nudez juvenil, na prática, assume diferentes sentidos, ora enaltecida como livre, artística, erótica e em seu limiar tênue, como despudorada, pornográfica, obscena, vulgar. Na disputa por significações, tentei romper com a visão do nude juvenil em seu efeito obsceno decorrente da transgressão de um interdito, ou seja, mostrar o que não deveria ser mostrado, ver o que não deveria ser visto (BATAILLE, 1987). Conceber a prática do sexting desassociada do sexo vulgar, do sexo promiscuo, sentidos que configuram a legitimação de valores estruturados pelo poder normatizador.

Os/As adolescentes em seus nudes elegem a potência erótica e o corpo como modos de expressão construindo uma narrativa sexual que comunica o desejo e solicita o reconhecimento pelo olhar do/a outro/a. O sexting exalta a experiência de si próprio, porém pressupondo um regime de continuidade e de contato com o/a outro/a. Pressupõe a manifestação da atração erótica, a cumplicidade do olhar.

O caráter transgressor do olhar (BATAILLE, 2018) é sugerido nas trocas dos nudes entre os/as adolescentes. A nudez do corpo que não deve ser olhado. Porém, o erotismo e o desejo suspendem tais proibições sem, contudo, ignorá-las. O desejo circula nos labirintos da imaginação. Assim, como um “desequilíbrio em que o ser se põe conscientemente em questão” (BATAILLE, 1987, p. 21) o erotismo é, simultaneamente, fruto das paixões e da consciência do interdito.

Durante o desenrolar desse trabalho surgiram inquietações sobre as conexões entre a figura do voyeur¹³⁸ e o olhar dos/as jovens. O/A voyeur que observa outro/a sem que o/a vejam, em uma relação movida pelo desejo, e estabelecida

¹³⁸ Na abordagem de Michelle Henning (2004), este processo subjetivo, entendido a partir de uma concepção freudiana é estruturado desde o período da infância, e reflete sobre a construção da sexualidade e do prazer erótico, “sendo uma condição para o prazer voyeurista, o desconhecimento de seu objeto observado, que não o olha de volta” (2004, p. 227).

simultaneamente pela atração e distanciamento entre quem observa e quem é observado. Acredito que os nudes envolvem o olhar como fonte de prazer e o prazer em ser olhado. Como o voyeur, os/as jovens vislumbram os sujeitos de seus desejos, alimentando a imaginação acerca do corpo retratado. Porém, extrapolam os limites de prazer do voyeur ao reivindicar o prazer em ser olhado/a e em materializar seu corpo em imagens fomentadoras de desejo.

O advento das redes sociais borra os limiares daquilo que se confere à ordem do que é privado, como a nudez dos corpos. Os/As jovens produzem seus corpos, revelam e exibem o que era invisível, publicamente, nas redes sociais por meio dos celulares. Nas exibições performáticas do mundo virtual, os corpos solicitam a atenção pelo olhar do/a outro/a. Os/As jovens transitam e modelam suas performances baseados/as em representações sociais. Inventivamente flutuam em uma circularidade repleta de articulações, reiteraões, subversões, apegos e desapegos em relação às linguagens, estilizações e às formas de normatização.

O sexting entre os/as jovens ganha o status de uma prática de profanação de espaços perceptivos demarcados. O “profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas” (AGAMBEN, 2007, p. 75). A troca de nudes constitui uma operação subversiva que tensiona os mecanismos do poder.

Na prática do sexting os/as jovens gerenciam a produção, o consumo e a circulação de seus nudes questionam as conveniências que ditam que a vivência e o agenciamento da sexualidade não pertencem à sua faixa etária, devendo ser tutelada pela família, pela escola e pelo governo. Subvertem o poder estabelecido pelas normas geracionais, negociam com os jogos de verdade, promovem a descontinuidade do movimento homogeneizador de produção de suas subjetividades.

Nos enquadramentos de suas imagens reivindicam o direito de representar a si mesmo, política e esteticamente. As imagens de seus corpos impõem a revisão de discursos marcados pelo gênero, por serem ações que possuem demarcações flutuantes. As narrativas dos/as jovens indicam que seus/suas praticantes se contrapõem ao processo de essencializar e naturalizar as normas de gênero. Estremecem as posições binárias, mostram que esse regime é complexo, heterodoxo e ambivalente.

O sexting possibilita espaço para a recusa às normas e o desenvolvimento de novos, diferentes e inesperados modos de pensamento e de existência dos/das adolescentes. As posições normatizadas são retificadas, mas também são desestabilizadas e ganham novas configurações. Na lógica do gênero, o prazer sexual feminino entra pelos ouvidos; no sexting, o desejo entra pelos olhos e pela própria performance diante das câmeras. Consequentemente, a posição privilegiada e exclusiva dos garotos enquanto consumidores de nudez assume uma nova disposição em que eles passam a produzir seus próprios nudes que serão consumidos pelas garotas.

O consentimento é a premissa do sexting. A prática promove o contato, a troca com o outro, interferindo no processo de autoconstituição dos sujeitos. Porém, apresentam formas de vivenciar a prática e consequentemente suas sexualidades. A vivência da sexualidade ocorre dentro de um meio de restrição, com sanções morais, embora nenhuma estratégia seja totalmente isenta de quaisquer consequências negativas – no caso do envio de nudes, aquelas decorrentes de compartilhamentos não consentidos e suas derivações como o *pornosexting*, *sextorsão*, *revenge porn*.

O combate a essas formas de violência derivadas de interações virtuais envolvendo crianças e adolescentes reforçam a urgência de enfrentamentos aos posicionamentos conservadores divulgados atualmente por meio das *fake news* nas redes sociais. O conceito de Educação Sexual, estruturado em preceitos científicos, deve ser amplamente difundido como uma informação acessível, palatável para a sociedade brasileira, embora também possa implicar em normalizações.

Os conhecimentos sobre sexualidade são um direito fundamental de crianças e adolescentes para uma vivência plena e saudável. A educação sexual constitui uma ferramenta essencial no enfrentamento da gravidez precoce, na quebra do ciclo da pobreza, no enfrentamento a prostituição infantil e no combate a violência sexual contra crianças e adolescentes. A qualificação dos/as profissionais que atuam na educação sobre as temáticas de sexualidade e o acesso a materiais didáticos adequados são imprescindíveis na proteção das infâncias e das juventudes.

O fortalecimento do ensino público e a discussão democrática das questões relacionadas a gênero e sexualidade em seu interior é primordial. A essência paradoxal da escola atua, por um lado, no disciplinamento dos corpos e das

sexualidades. No entanto, como sua realidade é plena de contradições, singularidades e diversidades, ela também é promotora de ações que visam a autonomia dos sujeitos.

Na construção de conhecimentos sobre a vivência das sexualidades e dos gêneros dos/as adolescentes envolvendo o espaço escolar, vislumbro lacunas que poderiam ser supridas com outras pesquisas envolvendo o sexting. Primeiramente indico que pesquisas sobre as interações digitais e os/as jovens poderiam adensar os conhecimentos sobre suas práticas sexuais, afetivas e sociais. Abordagens enfatizando o sexting e a intersecção com as religiões dos/as participantes, especialmente as denominadas neopentecostais. Aponto para a relevância de pesquisas que discutam a construção de corpos juvenis fora dos padrões estabelecidos, relacionando-os com as interações digitais permitiriam aprofundar a compreensão da sexualidade nesta faixa etária. Reconheço o potencial enriquecedor em trabalhos que estabeleçam cenários comparativos envolvendo contextos sociais e sujeitos distintos, como estudantes de escolas públicas e privadas.

As “tecnologias digitais” constituem um dos eixos estruturantes da BNCC. A partir da implementação desse documento, temas como alfabetização midiática, cidadania digital e o uso reflexivo da internet passam a ser conteúdos tratados durante a Educação básica de maneira sistemática. Dessa forma, visualizo possíveis estudos sobre as abordagens pedagógicas desse eixo e suas relações na construção das subjetividades, sexualidades e posições de gênero dos/as adolescentes.

P.S.¹³⁹ OU SERÁ PÓS SEXTING?

Sabe, ontem acordei colorida. Assim porque vi uma porção de coisas sempre vistas e nunca vistas, amei o movimento da vida, sabe como é, um dia que a gente tem olhos para ver.

Trecho de carta de "O Grito", publicado no dia 9 de março de 1968 pela escritora Clarice Lispector.

Finalizo este texto em um cenário digno de um filme de ficção científica, o planeta vive uma pandemia do novo coronavírus – Covid-19. Sem vacinas, nem remédios que possam amenizar ou impedir a morte pela doença. A melhor prevenção é o distanciamento social e, em locais mais afetados, o isolamento. Bilhões de pessoas no mundo inteiro tiveram que parar suas vidas, reconfigurar seus cotidianos e tentam se acostumar com os novos limites impostos por um inimigo invisível. Um novo padrão de sobrevivência é solicitado: ficar em casa, sem contato físico, nem abraços e beijos. Temporariamente, não são recomendados.

Neste cenário de medo e incertezas, as aulas nas escolas brasileiras estão suspensas sem previsão de volta. Visando assegurar que o vínculo entre crianças e jovens com a escola não fosse rompido, as redes de ensino precisaram desenvolver diferentes formatos de ensino remoto emergencial como aplicativos, vídeos, impressos e conteúdos digitais.

Essas estratégias emergenciais explicitaram a falta de equipamentos tecnológicos e de acesso à internet, um cenário de desigualdade social. Os/As alunos/as e seus/suas responsáveis tiveram que adaptar e reorganizar seus cotidianos para acessar as aulas, assim como os/as professores/as que passaram a assumir funções profissionais diversas daquelas que exerciam.

A urgência da inserção dos meios digitais nas aulas à distância evidenciou a precariedade de investimentos na educação pública, tanto nos equipamentos, quanto na formação dos/as docentes. O cotidiano escolar encontrado durante o desenvolvimento desta pesquisa, em que os aparelhos celulares eram itens proibidos

¹³⁹ A abreviação P.S. significa *Post scriptum*, do latim, literalmente "pós-escrito", "escrito depois". Originariamente indicava que algum assunto necessário foi acrescentado a uma carta, após o seu encerramento (depois das despedidas e da assinatura etc.).

no interior das salas de aula, possivelmente será modificado. Modelos educacionais que na interação da sala de aula possuíam certa eficácia, no ensino remoto mostraram-se obsoletos.

Sem precedentes históricos anteriores, a prática pedagógica precisa ser revisitada como intensificadora do pensamento, sem espaço para receitas, metodologias e discursos retrógrados. Com o volume incomensurável de informações dos suportes digitalizados as percepções de conhecimento, aprendizagem e ensino são redefinidas pelas condições sociais atuais. A interatividade, a manipulação de dados, a correlação dos conhecimentos por meio de links e redes hipertextuais, a relativização da objetividade do conhecimento proporcionada pelo toque de um dedo são fatores que proporcionam questionamentos sobre o processo de ensino e aprendizagem.

A pandemia se apresenta como um vetor de mudanças em diferentes setores da sociedade. O sexo virtual e a masturbação¹⁴⁰ tornam-se práticas sexuais de prevenção contra o vírus recomendadas pelos governos de alguns países¹⁴¹. Enfatizam as palavras de Preciado ao apontar para o fato que o “agenciamento político, sujeição ou empoderamento não depende da rejeição das tecnologias (...), e sim do uso diferenciado e da reapropriação das técnicas de produção de subjetividade” (2018, p.139). O consumo e o compartilhamento de conteúdo sexuais e a procura por “brinquedos sexuais” configuram táticas para vivenciar o desejo com segurança.

A crise sanitária, política e social que enfrentamos, evidencia que a escola é uma das inst na luta contra a desigualdade e pela sobrevivência. Precisamos criar estratégias para escapar do fascismo que como um leviatã flutua sobre nossas cabeças.

Talvez precisemos partir da constatação de que sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos. [...] Nesse sentido, quando sociedades

¹⁴⁰ Publicado em: “Isolamento social faz volume de sexting crescer 31% entre brasileiros”, 14 de maio de 2020. Canal Tech. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/apps/isolamento-social-faz-volume-de-sexting-crescer-31-entre-brasileiros-164861/>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

¹⁴¹ O Ministério da Saúde argentino, na tentativa de coibir que a população fure a quarentena para manter relações carnavais, recomenda sexo virtual e masturbação. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/argentina-recomenda-sexo-virtual-e-masturbacao-para-solteiros-durante-pandemia.shtml>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos. Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem. Por isso, quando uma sociedade desaba, leva consigo os sujeitos que ela mesma criou para reproduzir sentimentos e sofrimentos. (SAFATLE, 2015, p. 17)

Anseio que as ideias expostas nestas páginas possibilitem novos olhares capazes de transformar o conhecimento em afeto, ferramenta de constituição dos sujeitos e que gera potência, aumentando a capacidade de afetar e ser afetado, de modificar, transgredir, construir novos espaços e saberes. Afetar com afeto, educar para a criticidade e para a reflexividade.

Os ventos que trazem o som do funk do MC Marcinho sussurram em meus ouvidos que amanhã será diferente. Nas suas palavras: não será "nem melhor, nem pior, apenas diferente"¹⁴².

Abrços as/aos resistentes.

¹⁴² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fo565r0n6M8>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução: Davi Pessoa. São Paulo: Autêntica, 2014.

_____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução: de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2010.

_____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

AHERN, Nancy R. Sexting: Serious Problems for Youth. **Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services**. n. 51, 2013, p. 22-30. Disponível em: <<https://doi.org/10.3928/02793695-20130503-02>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

ALTMANN, Helena. **Verdades e pedagogias na Educação Sexual em uma escola**. 226 f. (Dissertação de Mestrado), Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0114341_05_pretextual.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2018.

ALMEIDA, Wilson C. de. Além da catarse, além da integração, a catarse de integração. **Revista Brasileira de Psicodrama**. v. 18, n. 2, São Paulo: 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932010000200005>. Acesso em: 12 set. 2018.

ALMEIDA, Maria Isabel M. de; EUGÊNIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

ANDRADE, Sandra dos S. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fatima Rodrigues (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ASEVEDO, Elson; et al. Ten-year evolution of suicide rates and economic indicators in large Brazilian urban centers. **Current Opinion in Psychiatry**. May 2018 – V. 31, Issue 3, p. 265–271. Disponível em: <https://journals.lww.com/co-psychiatry/Abstract/2018/05000/Ten_year_evolution_of_suicide_rates_and_economic.15.aspx>. Acesso em: 02 nov. 2019.

ASSIS, Simone G. de (Org.). **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010.

AZAMBUJA, Maria Regina F. de. **Inquirição da criança vítima de violência sexual**: proteção ou violação de direitos? Rio Grande do Sul: Livraria do advogado, 2011.

BARBOSA, Marielle K. **A questão do íntimo na internet**. Youtubers como psicanálise do cotidiano. Ide, São Paulo [on-line]. 2017, v. 39, n. 63, p. 99-115. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000100008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-3106. Acesso em: 20 mai. 2020.

BARROS, Suzana C. Discutindo sobre sexting. In: **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande/RS v.1, n. 2, p. 16 – 17, Jul./Dez., 2013.

_____. Sexting: entendendo sua condição de emergência. **Suplemento da Revista Exedra** de 2014 - Sexualidade, gênero e educação. Disponível em: <<http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2014/12/sup14-192-213.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

_____. **Sexting na adolescência**: análise de enunciações produzidas pela mídia. 2014.187 f. Tese. Doutorado em Educação em Ciências, Porto Alegre – R.S.: Universidade Federal do Rio Grande – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/6346>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

_____. **Sexting na adolescência**: problematizando seus efeitos no espaço escolar. Florianópolis: Perspectiva, v. 33, n. 3, p. 1185 - 1204, Set./Dez. 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318844625_Sexting_na_adolescencia_problematizando_seus_efeitos_no_espaco_escolar>. Acesso em: 14 set. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014.

_____. **História do Olho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BELELI, Iara. Amores on-line. In: PELÚCIO, Larissa [et al.] (Org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 16–34.

BENTO, Berenice. **A (re) invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2006.

_____. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, Ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2011000200016&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 30 ago. 2015.

BERGER, Kathleen S. **Update on bullying at school: Science forgotten?** *Developmental Review*, n. 27, 2007, p. 90-126.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola. 2008.

BRAIT, Daniele. Os protagonistas do Escola sem Partido. In: CATELLI JR., Roberto; ANDRADE, Leila. **A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso / Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.)**. São Paulo: Ação Educativa, 2016. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007, 2016, p. 161-165.

BRASIL. **Atlas da Violência 2019**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) – Ministério da Economia. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2019/06/Atlas-da-Violencia-2019.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

_____. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. (Versão dezembro 2017). Brasília, DF: MEC, 2017.

_____. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 02 fev. 2018.

_____. **Lei n.º 8.069** de 13 de julho de 1990, estabelece o **Estatuto da Criança e do Adolescente**, que dispõe sobre a integridade de crianças e adolescentes.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 02 fev. 2018.

_____. **Lei n.º 9394** de 20 de dezembro de 1991. Lei que regula o sistema educacional em todo o país. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 14 mai. 2018.

_____. **Lei n.º 2.848** de 7 de dezembro de 1940. Lei que institui os preceitos para a penalização de crimes no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em: 14 mai. 2018.

_____. **Lei n.º 12.737** de 30 de novembro 2012, que pretende inibir a prática de crimes cibernéticos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm>. Acesso em: 06 jul. 2018.

_____. **Boletim Epidemiológico**. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde, Brasília. Set. 2019, v. 14, nº 24. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/images/pdf/2019/setembro/13/BE-suic--dio-24-final.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. **Regulações de gênero**. Caderno Pagu [on-line]. 2014, n. 42, p. 249-274.

BUJES, Maria Isabel E. **Infância e maquinaria**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CANTINI, Nilza. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. 2004. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

CAPELO, Maria Regina C.; AMARAL, Wagner R. Diversidade, escola e os diferentes sujeitos: o que dizer do currículo? In: LIMA, Angela Maria de Sousa et al. (Org.). **Diversidade, escola e os diferentes sujeitos: o que dizer do currículo?** Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013, v. 1, p. 202-212.

CAPES. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.** Serviços: Banco de teses. Disponível em: <http://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/01_bt_index.html/>. Acesso em: 23 jan. 2018.

_____. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.** Serviços: Periódicos. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

CATELLI JR., Roberto. ANDRADE, Leila. In: **A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso / Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação** (Org.). — São Paulo: Ação Educativa, 2016.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013.

CORTINAZ, Tiago. **A construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental e sua relação com os conhecimentos escolares.** 2019. 113 folhas. Tese. Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/202032>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

CORRÊA, Adriana. MORGADO, José C.. **A construção da Base Nacional Comum Curricular no Brasil: tensões e desafios.** In: Revista Udesc.. v. 3 (2018): Anais do IV COLBEDUCA - Colóquio Luso-Brasileiro de Educação. Florianópolis, SC. Disponível em: <

www.revistas.udesc.br/colbeduca/article/view>. Acesso em: 12 mai. 2020.

CONVENÇÃO AMERICANA SOBRE DIREITOS HUMANOS. Assinada na Conferência Especializada Interamericana sobre Direitos Humanos. San José, Costa Rica. 22 de novembro de 1969. Disponível em: <https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm>. Acesso em: 02 mai. 2018.

COOPER, Karen et al. Adolescents and self-taken sexual images: A review of the literature. In: **Computers in Human Behavior**. 55. ed., 2016. p. 706–716. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.10.003>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

COUTO, Edvaldo Souza. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea. (Org.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [on-line]. Campina Grande: EUEPB, 2014, p. 47-65. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/c3h5q/pdf/porto-9788578792831.pdf>> Acesso em: 20 out. 2018.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. 2003. E-book. Editoração: eBooksBrasil.com. Disponível em: <http://www.cisc.Org.br/portal/biblioteca/soc_espetaculo.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2018.

DELEUZE, Gilles. 1979-1990. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Diferença e repetição**. 2. ed. Tradução revista. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____; GUATTARI, Félix. Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia, v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DERRIDA, Jacques. **Limited inc**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.

DIAMOND, Irene; Quinby, Lee. **Feminism & Foucault: Reflections on resistance**. Boston: Northeastern University Press, 1998.

DIGNIDADE, Grupo. **Carta da Diversidade**. Brasília: 2017. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Carta-da-Diversidade02-05.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

DORING, N. Consensual sexting among adolescents: Risk prevention through abstinence education or safer sexting? In: **Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace**. n. 8, 2014. Disponível em:

<<http://www.cyberpsychology.eu/view.php?cisloclanku=2014031401>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

DWORKIN, Andrea. **Pornography**: men possessing women. New York– E.U.A.: Penguin Group, 1981.

_____.; MACKINNON, Catharine A. **Pornography and Civil Rights – a New Day for Women’s Equality**. Minneapolis – E.U.A.: Organizing Against Pornography, 1989.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. In: **Revista Adolescência e Saúde**, v. 2, n. 2, 2005. p. 6-7. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em: 17 mai. 2018.

FACEBOOK. 2018. Rede social. Disponível em:<<https://pt-br.facebook.com/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Editora Versus, 2005.

FERNÁNDEZ, Jorge Flores. Sexting, Sextorsão e Grooming. In: ABREU, Cristiano Nabuco de; EISENSTEIN, Susana; ESTEFENON, Bruno. (Org.). **Vivendo esse mundo digital**: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013, p. 72-93.

FIGUEIREDO, Caroline de Sá. **Adolescentes na Sociedade do espetáculo**: relações perigosas? Um estudo exploratório na busca de subsídios para programas de prevenção. 194 f. 2015. Dissertação. Mestrado em Educação. Florianópolis: Universidade Estadual de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e Educação, 2015. Disponível em: <<http://www.tede.udesc.br/handle/ted>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. As técnicas de si. In: **Ditos e escritos IV**. MOTTA, Manoel B. (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Ditos e escritos**. MOTTA, Manoel B. (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **A História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. (1982). Le sujet et le pouvoir. In: **Dits et écrits**, v. IV (1980-1988). Paris: Gallimard, 1994.

_____. **O governo de si e dos outros**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. Poderes e estratégias (entrevista com J. Raciere). In **Psicologia, psiquiatria e psicanálise** (v. 4, p. 241–252). São Paulo: Forense Universitária. 2003.

_____. Problematização do sujeito. In: **Psicologia, psiquiatria e psicanálise**. v. 1. São Paulo: Forense Universitária. 2014, p.133–151.

_____. O sujeito e o Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos, IX. Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 118 – 141, 2014b.

_____. SENNETT, Richard. Sexuality and solitude In: **London Review of Books**, 21 May - 3 June, 1981, p. 04-07. Tradução: Lígia Melo da Costa, Maria Beatriz Chagas Lucca e Sérgio Augusto Chagas de Laia. Disponível em: <

https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Sennett-FoucaultSexualidade_e_Solidao.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2020.

_____. **Subjectivité et vérité**. Résumé des Cours. 1970-1982. Paris, Juilliard, 1989.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Tecnologias del yo. In: **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona, Paidós, 1990 (edição original em: L.H.Martin, H.Gutman e P.H.Hutton (Eds.). Technologies of the self. A seminar with Michel Foucault. Londres, Tavistock, 1988.

_____. **Tecnologias de si**. In: Revista Verve, PUC – São Paulo, n. 6. 1982/2011

GADOTTI, Moacir. A escola cidadã frente à Escola sem Partido. In: CATELLI JR., Roberto. ANDRADE, Leila. **A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso / Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.)**. São Paulo: Ação Educativa, 2016, p.145 – 165.

GAIL, Dines. **Pornland: how porn has hijacked our sexuality**, Boston – E.U.A.: Beacon Press, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Sociología**. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

_____. Distúrbios pessoais, problemas sexuais. In: **A transformação da Intimidade**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993.

GALLO, S.; VEIGA-NETO, A. Ensaio para uma filosofia da educação – Foucault pensa a Educação. In: **Revista Educação** - especial Biblioteca do Professor. 3: Foucault pensa a Educação. São Paulo, p. 16-25, 1 mar. 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo. In: **Dicionário crítico de gênero**. COLLING, Ana Maria.; LOSANDRO, Antônio T. (Org.) – 2. ed. – Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019, p.141-144.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 40-51, set/dez 2002.

GROS, Frédéric (Org). **Foucault: a coragem da verdade**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfrego (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 127-138.

GUBRIUM, James F.; HOLSTEIN, Jaber A. Analyzing interpretive practice. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvona S. (Ed.) **The Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2000, p. 487-508.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano / organização e tradução** Tomaz Tadeu, 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARRIS, R., & Scott, C. Effects of sex in the media. In: J. Bryant & D. Zillman. **Media Effects: Advances in Theory and Research**, n. 2002. p. 301-306,

HEILBORN, Maria Luiza. AQUINO, Estela Maria Leão de. KNAUTH, Daniela Riva. BOZON, Michel. (Org.) **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias de sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

HENNING, Michelle. The subject as object: photography and the human body. In: WELLS, Liz. **Photography: A critical introduction**. 2. ed. New York: Routledge, 2004.

ILLOUZ, EVA. **Romance and rationality on the Internet**. Washington: American Sociological Association, 2006.

_____. **O Amor nos tempos do capitalismo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2011.

INSTAGRAM. 2018. Rede social on-line de compartilhamento de fotos e vídeos. Disponível em: <<https://www.instagram.com/?hl=pt-br>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

JESSOR, R., & Jessor, S. **Problem behavior and psychosocial development: A longitudinal study of youth.** New York: Academic Press, 1997.

JUNQUEIRA, Telma L. S.; MELO, Danielly Spósito. **O mito do amor romântico e a violência de gênero:** distanciamentos e aproximações nas vozes de meninas e meninos adolescentes. Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, 2012. Disponível em: <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-24.pdf>. Acesso em: 13 set. 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: A gênese de uma categoria política reacionária – ou: A promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina C.; MAGALHÃES, Joanalira C. (Org.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade.** Rio Grande do Sul: Ed. da FURG, 2017, p. 25-52.

KOSENKO, Kami. LUURS, Geoffrey. BINDER, Andrew R. Sexting and Sexual Behavior, 2011–2015: A Critical Review and Meta-Analysis of a Growing Literature. **Journal of computer – mediated communication**, 3. ed., v. 22, mai. 2017, p. 141-167. Disponível em: <https://on-linelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jcc4.12187>. Acesso em: 23 jun. 2018.

LACAN, Jacques. Seminário. **Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1988, p. 105-111.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2006.

LEITE, J. A pornografia “bizarra” em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o “abuso facial”. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria E.; FÍGARI, Carlos. E. (Org.) **Prazeres dissidentes.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina. 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. In: **Revista Educar.** Curitiba: Editora da UFPR, n. 17, 2001, p. 153-176.

LIMA, Fátima, **Corpos, gêneros, sexualidades**: políticas de subjetivação. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 86 p. - (Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde).

PAPPÁMIKAIL, Lia. A adolescência enquanto objecto sociológico: notas sobre um resgate. In: PAIS, J. P. et al (Org.) **Jovens e rumos**. Lisboa: Imprensa Ciência Sociais, p. 81-97, 2011.

LIPPMAN, Julia R.; Campbell, Scott. Damned if you do, damned if you don't if you're a girl: Relational and normative contexts of adolescent sexting in the United States. In: **Journal of Children and Media**, n. 8, 2014, p. 371–386.

LISBOA, Carolina; Koller, Silvia H. Interações na escola e processos de aprendizagem: fatores de risco e proteção. In: BORUCHOVITCH, Evely; Jose A. BZUNECK. **Aprendizagem**: processos psicológicos e o contexto social na escola. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 201-224.

LOURO, Guacira L.. A emergência do gênero. In: LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 14 – 36.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: mediação, 1998, p. 85-96.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. Uma política pós-identitária para a educação. In: **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 27–73.

_____. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane S.; GROELLNER, Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

LUNT, Peter.; LIVINGSTONE, Sonia. **Rethinking the Focus Group in Media and Communication Research**. Journal of Communication, 1996, p. 79–98.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Sílvia; FREIRE FILHO, João. **Culturas juvenis do século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 09-32.

MEDEIROS, Afonso. **O imaginário do corpo entre o erótico e o obscuro – fronteiras líquidas da pornografia**. Goiânia: Funape, 2008.

_____. Erotismo & pornografia na arte: uma história mal contada? In: **Cartema**. n. 5. Ano 5. Dezembro de 2016.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

MILES, Matthew; HUBERMAN, Michael; SALDAÑA, Johnny. **Qualitative Data Analysis: a Methods Sourcebook**. 3. ed. Tucson: Sage Publications, 2014.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150 -158.

_____. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. In: **Revista Florestan Fernandes**, ano 1, n. 2, 2014.

_____. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: **Olhares plurais para o cotidiano**: gênero, sexualidade e mídia / Larissa Pelúcio et al (Org.). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 34 – 55.

_____. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. In: **Estudos Feministas**. v. 14, 2006, p. 681–693. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2006000300006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 abr. 2018.

_____. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. CAMPANA, Maximiliano. Ideologia de gênero: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. In: **Revista Sociedade e Estado** – v. 32, n. 3, Set./Dez. 2017, p. 725 -747.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a Linguagem como Condição e Solução. In: **D.E.L.T.A.**, v. 10, n. 2, 1994, p. 329-338.

MORÃO, Kauan Galvão. **Os efeitos do sexting no contexto esportivo universitário**: uma tentativa de traçar o perfil dos envolvidos. 2017. 134 f. Dissertação. Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias do Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro – São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/149745/morao_kg_me_rcla.pdf?sequence=3>. Acesso em: 13 abr. 2018.

MÜNCHOW, Cleyton Z. Sexting e o corpus pornográfico na educação: novas códigos para uma velha senha em tempos de pornopolítica. In: Reunião Científica Regional da ANPED. Educação, movimentos sociais e políticas governamentais 24 a 27 de junho de 2016. Universidade federal do Paraná. Curitiba. Paraná.

NARDI, Henrique; SILVA, Rosane N. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: GUARESCHI, Neusa M. de F.; HUNING, Simone. (Org.). **Foucault e a Psicologia**. Porto Alegre: Edipurcrs, 2011, p. 143–158.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: v. 15, p. 609-627, Set./Dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a06v15n3.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.

Núcleo da Informação e Coordenação do Ponto BR - NIC.br. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: **TIC Kids On-line Brasil**, ano 2017. Disponível em: <<http://cetic.br/arquivos/kidson-line/2017/criancas>>. Acesso em: 23 out. 2018.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: What we know and what we can do**. London: Lackwell, 1993, p. 140.

OZELLA, Sergio. (Org.) **Adolescências construídas – a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIT, Heloisa. Jovens, mídia e globalização: desafios para uma sociedade democrática. In: PELÚCIO Larissa et al. (Org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 16 – 34.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Sexualidades em devir e subversão das identidades. In: **Revista Ethica** – cadernos acadêmicos. v. 12, s/n. Rio de Janeiro, UGF, 2005, p.131-155.

PENNA, Fernando de Araujo. SALLES, Diogo da Costa. **A dupla certidão de nascimento do Escola Sem Partido**: analisando as referências intelectuais de uma retórica reacionária. 2017. Disponível em: <<https://professorescontraoescolasepartido.files.wordpress.com/2018/07/penna-e-salles-a-dupla-certidc3a3o-de-nascimento-2017.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2019.

_____. **Proibido educar?** Com o pretexto de evitar “doutrinação”, projeto de lei ameaça o ensino escolar e criminaliza a prática docente. 01/05/2016. Disponível em: <<http://rhbn.com.br/secao/educacao/escola-sem-ensino>>. Acesso em: 13 set. 2019.

PEREIRA, Evelyn Santos. **Pedagoselfies**: meninas aprendendo a fazer do corpo uma imagem. 2016. 149f. Dissertação. Mestrado em Educação, Canoas – R.S.: Universidade Luterana do Brasil. Programa de Pós-Graduação. Disponível em: <<https://www.academia.edu/39286085/DISSERTA%C3%87%C3%83O>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

_____. **Multidões queer**: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, Abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0104026X2011000100002&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

_____. **La pornografía es una noción política**. 2008. Disponível em: <<https://www.diagonalperiodico.net/culturas/la-pornografia-es-nocion-politica.html>>. Acesso em 18/11/2019.

_____. **Pornotopia**: arquitetura y sexualidade em Playboy durante la guerra fría. Barcelona: Anagrama, 2010.

_____. **Testo yonqui**: sexo, drogas y biopolítica. Buenos Aires: Paidós, 2014.

_____. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

POLLOCK, Griselda. Modernity and the Spaces of Femininity. In: **Vision and Difference**: Femininity, Feminism and the Histories of Art, London, 1988.

PONTO BR. Núcleo de Informação e. **TIC Kids On-line Brasil** [livro eletrônico]: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil 2016. Coordenação do São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017. 3.700 Kb; PDF. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_KIDS_ON-LINE_2016_LivroEletronico.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2018.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Sara R. T. **Percepção da pressão de pares na tomada de decisão dos adolescentes**. 111 f. 2011. Dissertação. Mestrado Integrado em Psicologia. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia. Lisboa. Portugal. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4856>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

RICH, Adrienne. (2010). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In: **Bagoas** - estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, 4 (5), jan./jun. 2010, p. 17-44.

RIGBY, Ken. The relationship between reported health and involvement in bully/victim problems among male and female secondary school students. In: **Journal of Health Psychology**. 3(4), 1998, p. 465-476.

ROBSON, Colin. **Real World Research**: a Resource for Users of Social Research Methods in Applied Settings. 3. ed. Inglaterra: John Wiley and Sons, Ltd, Publications, 2011.

ROSCOE, D. D. & JENKINS, S. A Meta-Analysis of Campaign Contributions Impact on Roll Call Voting. In: **Social Science Quarterly**. 2005, v. 86, n. 1, p. 52-68.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the political economy of sex. In: Rayna Reiter (Org.), *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly View Press, 1975. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. In: **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2017.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. 2. ed. Porto Alegre: Sulina. 2013.

RUSSEL, Diana E. H. **Against Pornography**: The Evidence of Harm. Bekerley–E.U.A.: Russell Publications, 1993.

SAFERNET BRASIL. Site privado que coleta informações sobre o comportamento de crianças e adolescentes na Internet. Disponível em: <www.SaferNet.Org.br/divulgue/helplineviz/helpchartpagehtml>. Acesso em: 12 mai. 2018.

SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos**: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SALZANI, Carlo. **Introduzione a Giorgio Agamben**. AbeBooks.co.uk - ISBN 10: 8870189104 - ISBN 13: 9788870189100 - Il Nuovo Melangolo – Softcover.

SAMPAIO, Fabrício de Sousa. Performatividades – paquera entre homens no “Face”. In: BENTO, Berenice (Org.). **Sexualidades, gêneros e violência**: estudos sociológicos. Natal: EDUFRN, 2019, p. 19-51.

SANTOS, Marines R. Gênero e cultura material: a dimensão política dos artefatos cotidianos. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 26 (1): e37361 Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v26n1/1806-9584-ref-26-01-e37361.pdf/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

SCHERER, R. **La pedagogia perversa**. Barcelona: Laertes, 1983.

SENA, Tito. Os estudos de gênero e Michel Foucault. In: LAGO, Mara C. de S et al. (Org). **Interdisciplinaridade em diálogos de gêneros**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

SIBILLA, Paula. A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza?. In: **Cadernos Pagu**, (44), 171-198. Jan./Jun. 2015. Dossiê: percursos digitais: corpos, desejos, visibilidades. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637326>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SILVA, Caio S. F. da; BRANCALEONI, Ana Paula L.; OLIVEIRA, Rosemary R.. **A Base Nacional Comum Curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações**. In: Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1538-1555, jul. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e Identidade social: território contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 190-207.

_____. **Documentos da identidade: uma introdução às teorias de currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Zilene M. P.; PEREIRA, Sara; SANTOS, Nathany R. L. dos. **Documentos curriculares oficiais assegurando a abordagem de gênero e sexualidade para a educação básica: um olhar para o ensino de ciências**. Anais V Simpósio gênero e políticas públicas. Universidade Estadual de Londrina, 13 a 15 de junho de 2018. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/VSGPP-%20GT9-%20Nathany%20dos%20Santos%20Sara%20Pereira%20e%20Zilene%20Soares.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SWAIN, Tania Navarro. Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e o continuum lesbiano. In: **Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades**. Natal, 4 (5), Jan./Jun, 2010, p. 45-55.

_____. Para além do sexo, por uma estética da liberação. In: ALBUQUERQUE JR., Durval. VEIGA-NETO, A. FILHO, A. (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 393-406.

TAYLOR, Diana. Práticas de si. In: **Michel Foucault**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 221-238.

TINDER. 2018. Aplicativo virtual multiplataforma de localização de pessoas para encontros românticos on-line cruzando informações do Facebook e do Spotify, localizando as pessoas geograficamente próximas. Disponível em: <[https://tinder.com/?lang=pt – BR](https://tinder.com/?lang=pt-BR)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

TWITTER. 2018. Rede social e servidor para microblogging. Disponível em: <<https://twitter.com/login?lang=pt>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**: O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VIRÍLIO, Paul. **O espaço crítico**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

WEST, A., LEWIS, J., & CURRIE, P. Student's Facebook "friends": public and private spheres. **Journal of Youth Studies**. 12(6), 2009, p. 615-627. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/249006058_Students'_Facebook_'friends'_Public_and_private_spheres>. Acesso em: 13 jun. 2018.

WHATSAP. 2018. Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/?lang=pt-br>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

WITTIG, Monique. **La pensée straight** (2001). Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

ZANELLO, Valeska. Xingamentos: entre a ofensa e a erótica. **Anais Fazendo Gênero** 8. Florianópolis: 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST33/Valeska_Zanello_33.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.

ANEXO

Anexo 1 – Termo de autorização dos (as) responsáveis



Ministério da Educação
 Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Diretoria do *Campus* Curitiba
 Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e
 Sociedade – PPGTE



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DOS (AS) RESPONSÁVEIS

Eu _____,
 CPF _____, RG _____, responsável pelo (a)
 estudante _____,

autorizo–o (a) a participar da atividade Grupo focal, que constituirá em uma roda de conversa entre estudantes sobre o uso do celular, das redes sociais, da prática do sexting e de seus perigos e do preenchimento de um questionário sobre o assunto. AUTORIZO, por meio do presente termo, que as pesquisadoras Elaine Beatriz de Oliveira Smyl (doutoranda) e a Prof.^a Dr.^a Marines Ribeiro dos Santos (orientadora) do projeto de pesquisa intitulado Sexting entre adolescentes: Subjetividades e práticas no interior do ambiente escolar, a utilização do depoimento do (a) estudante por meio de sua participação no Grupo focal e pelo preenchimento de questionário, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero o emprego deste depoimento sem o uso do nome real do estudante, nem de nenhuma característica que o identifique, para fins científicos e de estudos (tese, artigos, slides), em favor das pesquisadoras, acima especificadas.

Curitiba, ____ de _____ de 2018.

Responsável

Anexo 2 – Questionário



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria do *Campus* Curitiba
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e
Sociedade – PPGTE



Pesquisa: Sexting entre adolescentes mediadas por tecnologias móveis no ambiente escolar

Pesquisadora: Prof. M.a. Elaine Beatriz de Oliveira Smyl

QUESTIONÁRIO

Idade: _____

Sexo: () feminino () masculino

1. Você recebeu uma foto ou mensagem de sexts on-line ou por celular de um amigo (a)
() SIM () NÃO

2. Você respondeu imagens ou mensagens sexts via computador
() SIM () NÃO

3. Você enviou imagens ou mensagens sexts via telefone celular
() SIM () NÃO

4. Você recebeu uma foto ou mensagem de sexts on-line ou por celular de um namorado(a), ficante, rolo...
() SIM () NÃO

5. Você enviou uma foto ou mensagem de sexts on-line ou por celular
() SIM () NÃO

6. Você recebeu imagens ou mensagens sexts via telefone celular

SIM NÃO

7. Você respondeu imagens ou mensagens sexts via telefone celular

SIM NÃO

8. Você enviou imagens ou mensagens sexts via Internet (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram)

SIM NÃO

9. Você recebeu imagens ou mensagens sexts pela Internet (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram)

SIM NÃO

10. Você respondeu a imagens ou mensagens sexts via Internet (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram)

SIM NÃO

11. Você envia textos ou imagens sexts via telefone celular ou site de rede social da Internet (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram)

Diariamente Semanalmente Mensalmente

Anualmente Nunca

12. Você recebe textos ou imagens sexts via telefone celular ou site de rede social da Internet (por exemplo, Facebook, Twitter, Instagram)

Diariamente Semanalmente Mensalmente

Anualmente Nunca

13. Você enviou imagens sexts para pessoas da escola

SIM NÃO

14. Você recebeu imagens sexts de pessoas da escola

SIM NÃO

15. Você recebeu mensagens sexts de pessoas da escola
() SIM () NÃO
16. Você recebeu imagens sexts de pessoas da escola
() SIM () NÃO
17. Você trocou mensagens sexts com pessoas da escola
() SIM () NÃO
18. Você trocou imagens sexts com pessoas da escola
() SIM () NÃO
19. Você, nos últimos 12 meses, postou fotos sexts de si mesmo na Internet ou via celular
() SIM () NÃO
20. Você compartilhou imagens sexts de pessoas que você não conhece?
() SIM () NÃO
21. Você compartilhou imagens de sexts de pessoas que você conhece?
() SIM () NÃO
22. Você concorda ou discorda das seguintes afirmações:
- o envio de nudes é uma prática normal entre jovens
() Totalmente () Parcialmente () Não concordo
- o envio de nudes é perigosa
() Totalmente () Parcialmente () Não concordo
- somente garotas enviam nudes
() Totalmente () Parcialmente () Não concordo
- garotos enviam nudes e mensagens sexts
() Totalmente () Parcialmente () Não concordo

ANEXO 3 – Roteiro do grupo focal



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria do *Campus* Curitiba
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e
Sociedade – PPGTE



ROTEIRO GRUPO FOCAL

SEXTING ENTRE ADOLESCENTES: SUBJETIVIDADES E PRÁTICAS NO
INTERIOR DO AMBIENTE ESCOLAR

- Nomes fictícios
- Idades
- Com quem moram
- Utilizam redes sociais
- Quais
em muitos seguidores
- Quem são seus seguidores
- É importante ter muitos seguidores nas redes sociais
- Utilizam celular
- Com que fins: telefonar, mensagens (sms), WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter, Snapchat
- Possuem redes sociais: WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter, Snapchat
- Possuem namorado (a), ficantes, relações fixas
- Como é o controle na escola do uso do celular
- O que você acha desse controle
- Qual seria a forma ideal do uso do celular na escola
- Mandar sexts para namorados (as)

- Motivos de envios
- Você conhece alguém ou sabe de alguma história de envio de sexts na escola
- Como não cair em ciladas enviando nudes ou mensagens de cunho sexual
- O que pode ser considerado sensual
- Por que se manda nudes